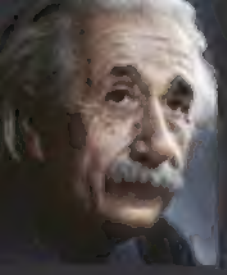
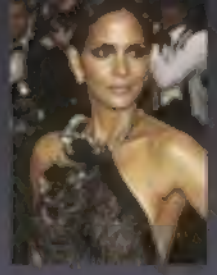


TOLICES BRILHANTES

Como os erros de mentes notáveis, como Einstein e Darwin, fizeram a ciência avançar



A ROUPA SUMIU

Com tecidos transparentes e mínimos, as celebridades se equilibram entre a ousadia e a vulgaridade

Editora ABRIL
edição 2537 - ano 50 - nº 27
5 de julho de 2017

veja

www.veja.com

O NOVO ENIGMA DA LAVA-JATO

Raquel Dodge, a futura procuradora-geral, é adversária de Rodrigo Janot, já suspeitou ter sido grampeada por ele e assumirá o cargo sob o escrutínio do país: sua missão é aprofundar as investigações ou "estancar a sangria"?

Com Itaucard,
você pode economizar

R$ 5

Você tem descontos na hora
em parceiros de cinema, teatro,
restaurantes, conteúdos
de esporte e muito mais.

Kinoplex | UCI | Compre Ingressos | Burger King | Esporte Interativo Plus

0,00*

por ano.

Saiba como em:
itaucard.com.br/500porano

mastercard
Valid Dates
00/00
MARIA SILVA

Itaucard Itaú

Surreal é não usar.

*Valor baseado no perfil Itaucard Gold.

AFRICA

100

NOVIDADE CLIENTES

DIAMANTE

AGORA AS MILHAS DOS CLIENTES DIAMANTE VALEM POR 10 ANOS.

Sabia que agora os bilhetes resgatados com suas milhas Smiles passam a contar como trecho qualificável? Cada trecho que você resgatar e voar ajuda você a se manter na categoria Diamante. E as novidades não param por aí: todas as suas milhas acumuladas com os parceiros de varejo, com as 14 companhias aéreas parceiras da Smiles, transferidas do seu banco ou as acumuladas com o Clube Smiles têm validade de 10 anos. Isso mesmo, 10 anos de validade! Com isso, você tem mais tranquilidade para viajar. Acesse www.smiles.com.br/diamante e saiba mais.
É mais fácil viajar com a Smiles.

Nossas parceiras aéreas:

GOL · DELTA · AIRFRANCE · KLM · QATAR · Aerolíneas Argentinas · ETIHAD

AGORA SUAS MILHAS VALEM POR **10** ANOS

MAIOR VALIDADE DO MERCADO

EXCLUSIVO SMILES

Agora ficou muito melhor.

ANTES

Smiles

Cadastre-se em **WWW.SMILES.COM.BR/EMAISFACIL | BAIXE O APP**

É mais fácil viajar com a Smiles

TAP PORTUGAL · Alitalia · CopaAirlines · KOREAN AIR · AIR CANADA · AEROMEXICO · Emirates

veja
EDIÇÃO 2537 | ANO 50 | Nº 27

Raquel Dodge: indicada por Michel Temer para suceder a Rodrigo Janot na PGR

12 Carta ao Leitor
17 Entrevista Eugene Soltes
26 Leitor
28 Imagem da Semana
30 Datas
32 Conversa com Major Olímpio
34 SobeDesce
34 A Lista
37 Sensacionalista
38 Radar
40 Veja Essa

BRASIL

42 Lava-Jato Raquel Dodge, a escolhida pelo presidente para comandar a Procuradoria-Geral da República
48 Michel Temer desiste de se defender e parte para o ataque
51 Coluna Dora Kramer
52 O que existe em comum entre os deputados que cercam Temer
54 O significado da absolvição de Vaccari

INTERNACIONAL

58 Colômbia A entrega das armas pelas Farc não empolga
60 China A luta dos jovens de Hong Kong por democracia

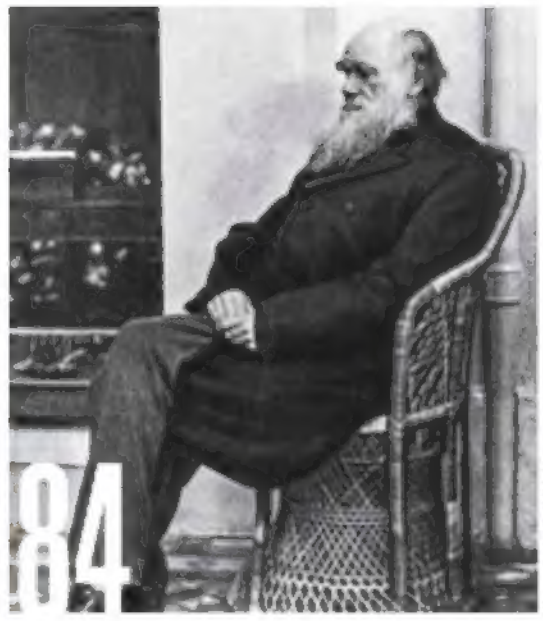
64 Estados Unidos Como Trump consegue boas notícias

ECONOMIA

66 Classes sociais Estudos revelam que a desigualdade é maior do que se imaginava
69 Coluna André Lahóz Mendonça de Barros

GERAL

70 Página Aberta Nicola Calicchio
72 Gente
74 Esporte O contrato milionário de Eric Pardinho, um brasileiro de 16 anos, com a liga americana de beisebol
76 Moda Celebridades tiram a roupa para aparecer
78 Saúde O governo libera a venda das anfetaminas no Brasil
80 Gênero A lição de intolerância de sete municípios brasileiros
82 Educação O ensino na primeira infância é decisivo
83 Coluna Claudio de Moura Castro



Darwin: erros a favor de descobertas relevantes

Oswaldo Aranha: brilhantismo político que não se vê nos homens públicos de hoje

84 Ciência Até gênios como Einstein e Darwin já erraram – e isso só fez bem para a humanidade

CULTURA

88 Livros *Oswaldo Aranha – Uma Fotobiografia*, de Pedro Corrêa do Lago
94 Televisão *Okja*, a investida cinematográfica da Netflix
95 Coluna João Cezar de Castro Rocha
96 VEJA Recomenda
97 Os livros mais vendidos
98 Coluna J.R. Guzzo

Tiragem: 959 728 exemplares

FINANCIE SEU CARRO PELO CELULAR SEM PRECISAR LIGAR PARA NINGUÉM.

Você simula, aprova e contrata o financiamento do seu carro na hora, pelo celular.

Baixe o App | **Santander Financiamentos**

Disponível no Google play

Disponível na App Store

O QUE A GENTE PODE FAZER POR VOCÊ HOJE?

Santander

Utilize o crédito de forma consciente. Crédito sujeito a aprovação.

A CONVERSA DAS ÁRVORES

Linguagem química

Pelo ar, plantas emitem gases que avisam sobre invasores. Na savana africana, a *Acacia tortilis* libera toxinas quando girafas mastigam suas folhas.

Como fibra óptica

Pelo chão, a conexão acontece por meio de raízes associadas a fungos, que reportam rapidamente a presença de insetos, secas e outros perigos.

HRIS WINCOSO/GETTY IMAGES

As plantas são criaturas sociáveis: sabem enviar "mensagens" umas às outras e aprenderam, juntas, a criar um microclima que equilibra luz e sombra, resguardando as mais frágeis e armazenando água. Dessa forma, vivem protegidas por longos anos. Neste especial de VEJA, faça uma imersão em 360 graus por esse universo rico, com base no best-seller *A Vida Secreta das Árvores*, do alemão Peter Wohlleben: abr.ai/conversa-arvores

O QUE É BEBER MODERADAMENTE?

REPRODUÇÃO

A cada ano, morrem no mundo 3 milhões de pessoas em decorrência dos efeitos colaterais do uso excessivo do álcool, como o câncer e os acidentes de carro. Mas existe, afinal, o consumo saudável? O cirurgião de fígado e aparelho digestivo Ben-Hur Ferraz Neto, professor livre-docente da USP e colaborador do blog Letra de Médico, do site de VEJA, diz que sim. Assista ao vídeo: abr.ai/alcool-risco

VAN RACHED/VEJA.COM

O PODER VIGIADO

Os principais personagens da política brasileira são examinados com lupa no blog Holofote, que estreou na semana passada. Acompanhe as notas diárias com os bastidores e o contexto dos embates do dia escritas por Silvio Navarro, apresentador de TVEJA, jornalista com duas décadas de experiência no cotidiano do poder. abr.ai/holofote

KIA

25 ANOS

25 ANOS MOVIDOS A DESIGN_

Para nós, design é mais que beleza. É poder comunicar por meio da forma. Por isso, chamamos o designer Peter Schreyer para criar os carros mais bonitos que você já viu.

400 mil carros vendidos no Brasil.

MOVIDOS A INOVAÇÃO_

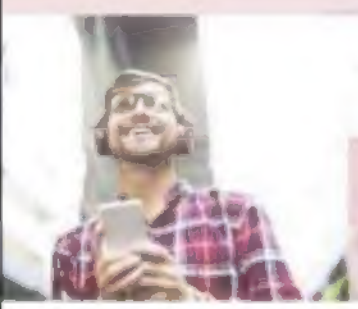
Já nascemos inquietos. Sempre buscamos a direção oposta. Foi com a inovação no DNA que a KIA se tornou a primeira montadora a oferecer apenas carros completos.

73 mil itens de peças de reposição em estoque.

R$ 25 bilhões[1] em impostos recolhidos.

MOVIDOS A SUPERAÇÃO_

Nunca procuramos respostas fáceis. Sempre transformamos dificuldades em oportunidades. Foi assim que a KIA chegou desconhecida ao Brasil e logo se destacou.



A maior importadora de veículos do Brasil[2], com o maior número de empregos gerados.

1. Valor corrigido pela Selic. 2. Entre as importadoras sem fábrica, desde 1992.

Pela vida. Escolha o trânsito seguro.

GANDINI_

kia.com.br - 0800 77 11011

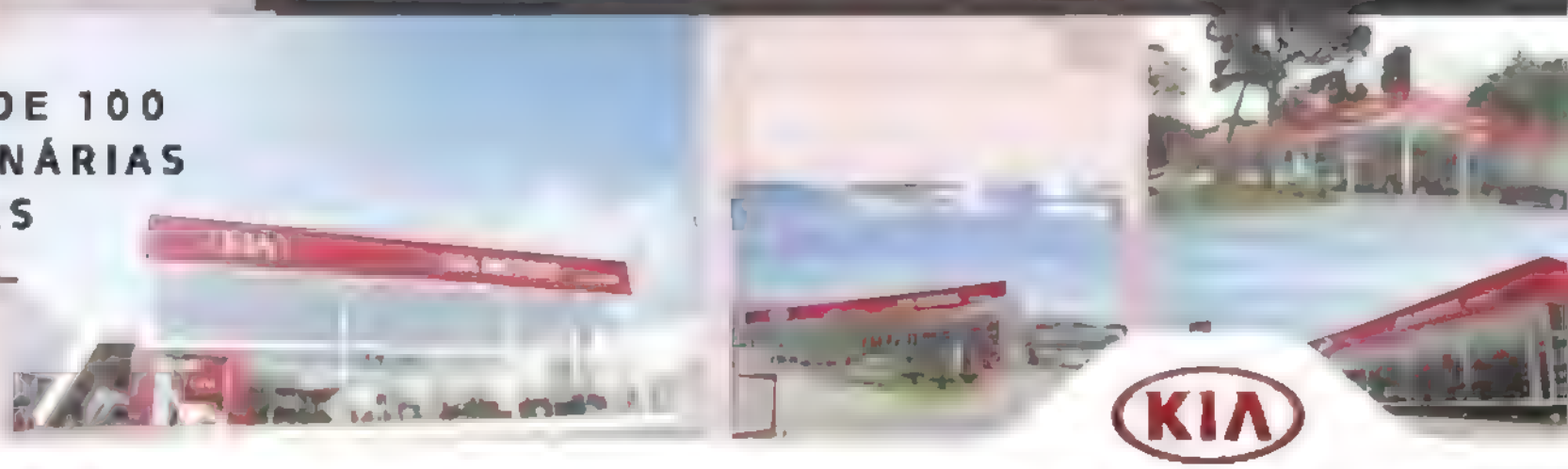
KIA 25 ANOS

COMO SEMPRE ACREDITAMOS NO BRASIL, ESTAMOS PRONTOS PARA OS PRÓXIMOS 25 ANOS _

COM NOVOS LANÇAMENTOS _

Visite nosso site do 25 anos: kia25anos.com.br

COM MAIS DE 100 CONCESSIONÁRIAS ESPALHADAS PELO PAÍS _



KIA

The Power to Surprise

DE COSTAS PARA O PAÍS

NA CONDIÇÃO DE PRIMEIRO presidente da República denunciado por corrupção passiva no exercício do cargo, Michel Temer fez um pronunciamento transmitido ao vivo na terça-feira passada. No dia anterior, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, divulgara a denúncia na qual afirma que Temer "recebeu para si, em unidade de desígnios e por intermédio de Rodrigo Santos da Rocha Loures, vantagem indevida de 500 000 reais".

Em seu discurso, Temer, cercado de aliados, disse que respondia a um "ataque injurioso, indigno e infamante à minha dignidade pessoal", pediu "provas concretas" de que havia recebido "valores", reclamou de estar sendo vítima de uma "denúncia por ilação", chamou a peça de Janot de "ficção" e atacou o procurador pessoalmente. Só não endereçou as acusações com clareza. Nada disse sobre as razões de ter recebido o empresário-delator Joesley Batista, da J&F, às escondidas no Palácio do Jaburu, nem sequer mencionou o nome de seu ex-assessor Rocha Loures, hoje conhecido como "o homem da mala".

O aspecto mais claro do discurso de Temer foi também o mais lamentável: o presidente, durante mais de vinte minutos, falou aos deputados que o cercavam, aos deputados que o viam pela televisão ou pelos sites, aos deputados que em breve decidirão se ele fica ou cai. Em nenhum momento dirigiu-se ao país, ao povo, à população, aos eleitores, aos cidadãos brasileiros. O país queria ouvir uma explicação para as acusações. Queria argumentos plausíveis, críveis, lógicos, razoáveis. Em vez disso, ouviu um discurso concebido para soar como sinfonia graciosa a deputados, não a todos, mas àqueles que precisam de proteção contra violações da lei.

Com isso, além de ser o primeiro presidente denunciado no cargo, Temer está se transformando, com espantosa rapidez, num presidente de deputados, e não do conjunto dos brasileiros. Segundo a pesquisa mais recente, apenas 7% dos eleitores confiam no governo de Temer. É claramente difícil falar a tal plateia, mas essa é a plateia que acorda cedo todos os dias, trabalha duro, paga impostos e merece respeito e atenção. Esse é o país que deseja ouvir de seu presidente palavras que se projetem além de uma catilinária. Ao não se defender, ao dirigir-se apenas aos que vão votar sua denúncia e virar as costas para o país, Temer acabou por robustecer a peça de Janot e obscurecer suas falhas, como mostra a reportagem da página 48. ■

O PRESIDENTE E SEU SÉQUITO
Temer, ao se dirigir à tribuna na qual falou sobre a denúncia de Janot, seguido de aliados: sinfonia para deputados

HÁ 80 ANOS COLOCANDO
PESSOAS EM PRIMEIRO LUGAR.
Uma empresa só chega aos 80 anos graças às pessoas. Gente que trabalha olhando para a frente, mas sem nunca esquecer o hoje e os aprendizados do passado. Foi assim que a Ultragaz chegou até aqui. E será assim que chegaremos aos próximos 80 anos.
ULTRAGAZ
HÁ 80 ANOS LEVANDO O GÁS ATÉ O FUTURO

DICA ESPERTA

Copos de boca larga são a melhor opção para aproveitar integralmente o sabor e o aroma das cervejas, além de serem um deleite para os olhos

A LEVEZA DO SABOR PREFERIDO EM TODO BOTEQUIM

As lagers foram feitas para beber "trincando" de geladas e, graças a sua baixa temperatura e corpo leve, dão o contraponto ideal para acompanhar qualquer comida frita ou apimentada, carnes e embutidos. As american lagers, por exemplo, são o par celestial de um belo frango frito à moda sulista americana. Já nossas clássicas pilsens de boteco (que, na verdade, são lagers rebatizadas para o mercado nacional) acompanham sem pudor qualquer finger food feita com linguiças ou queijos gordurosos.

AHOY, MARUJOS! COM FRUTOS DO MAR, PEÇA UMA WEISS

A doçura característica do malte de trigo, normalmente aliada a aditivos cervejeiros como frutas cítricas, coentro e zimbro, dão o balanço ideal para acompanhar um belo prato de peixes ou frutos do mar. O estilo tem um sabor leve e frutado que se assemelha ao vigor do vinho verde, por isso encaixa muito bem com uma bacalhoada ou mariscada lusitanas. E, quando for noite de sushi, não tenha dúvidas: vá de weiss.

SABORES ACENTUADOS PARA PALADARES EXIGENTES

As ales, por terem um amargor mais acentuado, costumam combinar com carnes assadas, sabores defumados ou picantes, e com pratos mais intensos, como ensopados, hambúrgueres e queijos envelhecidos. Favorita entre os cervejeiros, a india pale ale, por exemplo, cai superbem com um bom curry indiano de frango ou legumes. Já as pale ales inglesas, tradicionais em pubs, são o par ideal de sanduíches gordurosos e do famoso fish & chips.

A MELHOR PARCERIA PARA ADOCICAR O LADO CINZA DA VIDA

Outra das cervejas típicas de pubs ingleses e irlandeses, as stouts são praticamente uma refeição por si só: encorpadas, cremosas e doces, elas dão a sustância necessária para encarar um dia frio e cinzento com o espírito revigorado. Para quem quiser uma experiência de indulgência completa, nada melhor que aliar a intensidade da stout com doces pesados como brownie, petit gateau e torta holandesa.

ENCONTRE O PAR PERFEITO

Das leves lagers às intensas stouts, escolha a sua cerveja preferida e descubra o *match* ideal à mesa

texto **MARCELO ANDREGUETTI** | foto **ESTÚDIO CACHALOTE**

DESDE O INÍCIO DA REVOLUÇÃO das cervejas artesanais, a arte de degustar um bom trago se tornou tão versátil quanto diversa, e passou a proporcionar experiências complementares e contrastantes quando harmonizada com pratos e petiscos. As dicas acima são ótimas para quem busca dar o primeiro passo para explorar ideias gastronômicas e melhorar o seu prazer na mesa de casa ou do bar.

Agradecimentos CAMICADO

BEERPRO
Grupo Abril
O MELHOR CLUBE DE ASSINATURAS DE CERVEJAS DO BRASIL E DO MUNDO.
até 5 cervejas especiais
Editora Abril e 1 conteúdo
e o universo cervejeiro.
ESCOLHA O SEU PLANO E ASSINE JÁ!
PLANOS A PARTIR DE
R$ 57,90
POR MÊS
BEBA COM MODERAÇÃO
IMAGEM MERAMENTE ILUSTRATIVA
COMO FUNCIONA:
1
2
3
4
TOTAL
Receba todo mês a sua caixa BEER PRO, com até 5 cervejas especiais
www.assinegobox.com.br
beerprogobox

VICTOR HUGO

ARTBR

Ana Beatriz Barros

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO SALVADOR AEROPORTO DE CONGONHAS CURITIBA PORTO ALEGRE BRASÍLIA BELO HORIZONTE FORTALEZA CUIABÁ SÃO LUÍS VITÓRIA MANAUS
TAMBORÉ BARUERI PIRACICABA SANTO ANDRÉ MOGI DAS CRUZES SÃO CAETANO DO SUL SANTOS BAURU JUNDIAÍ LIBERDADE CAXIAS DO SUL MARINGÁ LONDRINA BALNEÁRIO CAMBORIÚ

WWW.VICTORHUGO.COM.BR OFICIAL.VICTORHUGO @VICTORHUGO_OFICIAL

COMO NASCE UM CORRUPTOR

Professor da Harvard que entrevistou criminosos de colarinho-branco diz que os desvios éticos que levam à corrupção decorrem não só da imoralidade, mas também da cultura empresarial

PIETER ZALIS

NUMA MADRUGADA, depois de uma jornada de estudos durante seu doutorado na Universidade de Chicago, o economista americano Eugene Soltes ligou a TV para assistir a um programa sobre ladrões, estupradores e assassinos. Impressionado com a virulência dos personagens, o hoje professor da escola de negócios da Universidade Harvard se perguntou se os mesmos impulsos que norteavam o comportamento de assassinos poderiam se aplicar a criminosos de colarinho-branco, que pagam propinas ou cometem fraudes. Para encontrar a resposta, enviou cartas a grandes executivos condenados à prisão, alguns dos quais ainda encarcerados. Recebeu 48 respostas. Depois de oito anos de pesquisas, o resultado é o livro *Why They Do It: Inside the Mind of the White-Collar Criminal* (Por que Eles Fazem Isso: por Dentro da Mente do Criminoso de Colarinho-Branco, ainda sem previsão de lançamento no Brasil). Soltes procura desvendar por que empresários que sempre tiveram conduta ética deixam, de repente, de andar na linha. A resposta está, segundo ele, não só na frouxidão moral dos indivíduos, mas na sua reação às influências do meio em que trabalham. "O criminoso de colarinho-branco tem o mesmo perfil de um cidadão comum. O que muda é até onde ele está disposto a ir para ter bons resultados nos negócios. E muitas vezes ele ultrapassa a linha que separa o certo do errado achando que faz um bem à empresa", disse o autor, em conversa por telefone com VEJA.

O que mudou na sua percepção sobre crime de colarinho-branco depois das entrevistas com os executivos? Quando comecei minha pesquisa,

pensava, assim como criminologistas e investigadores, que todos os crimes de colarinho-branco eram resultado de um minucioso cálculo de custo-benefício. Partia do pressuposto de que os criminosos eram inteligentes e calculistas. À medida que comecei a passar mais tempo com executivos condenados por crimes como *insider trading*, fraude ou corrupção, reparei que esse cálculo não ocorria com minúcia. Para minha surpresa, era como se alguns dos mais respeitáveis executivos do mundo não pensassem cuidadosamente nas consequências de seus atos. Eles não viam o que faziam de errado até que seus atos fossem descobertos.

Eles não viam ou não se importavam? Nenhum dos executivos entrevistados apresentava algum arrependimento ou preocupação com os prejuízos por trás de suas ações. O criminoso de colarinho-branco não sente remorso porque não consegue personificar o indivíduo que está lesando. A vítima, em geral, está distante fisicamente, o que não ocorre em casos de assassinato ou roubo. Por isso, o corruptor ou fraudador não consegue personificar aqueles a quem lesa com seus atos. Em muitos casos, trata-se de uma instituição, um órgão público, um banco. Os prejuízos são difusos. No caso do pagamento de propina a agentes públicos, quem sai prejudicado? Sabemos que esse tipo de crime mina a credibilidade econômica e financeira de um país, mas não há visão clara sobre o efeito desse ato na vida cotidiana das pessoas.

Qual é o perfil do executivo criminoso? Salvo raras exceções, são pessoas triviais. Se eu descrevesse dois empresários — um honesto e o outro que cometeu crimes —, ninguém identificaria a maçã podre do cesto. São pessoas cordiais, metódicas, que você chamaria para uma happy hour depois do trabalho. O criminoso de colarinho-branco tem o mesmo perfil de um cidadão comum. O que muda é até onde ele está disposto a ir para ter bons resultados nos negócios. E muitas vezes ele ultrapassa a linha que separa o certo do errado achando que faz um bem à empresa. Muitos relataram que não enxergavam o ilícito cometido porque apenas seguiam as regras do jogo, ou simplesmente ajudavam as empresas a aumentar seus lucros.

> "O criminoso de colarinho-branco não sente remorso porque não consegue personificar o indivíduo que está lesando. A vítima, em geral, está distante fisicamente"

E os que fogem a esse perfil? Bernard Madoff *(investidor americano condenado a 150 anos de prisão pela criação de um esquema multibilionário de pirâmide financeira)*, por exemplo, é um deles. Diferentemente dos outros 47 executivos entrevistados para o livro — que não enxergavam o mal associado a seus atos —, ele via claramente que estava prejudicando pessoas próximas, como amigos e membros de sua comunidade, e instituições de caridade. Ele apresentou em nossos encontros características comuns aos sociopatas. Quando perguntei sobre os prejuízos que suas ações causaram a pequenos investidores, ele respondeu que os investidores não eram inteligentes o suficiente. Quando questionei se não sentia remorso por ter quebrado instituições de caridade, ele disse que elas eram bancadas por milionários, ou seja, pessoas que poderiam voltar a financiá-las. Ele foi o único a apresentar uma habilidade para justificar e racionalizar o crime.

O senhor diz que muitos dos executivos entrevistados tiveram conduta exemplar em boa parte da carreira, mas enveredaram pela ilegalidade ao entrar em contato com outra cultura empresarial. Pode citar um exemplo? Anil Kumar, sócio da McKinsey, uma das maiores consultorias do mundo, é um caso. Ninguém se torna sócio de um grupo desse porte sem transmitir confiança aos clientes. Ao longo dos anos, no entanto, ele começou a ter contatos mais frequentes com um operador do mercado financeiro que fazia negócios e lidava com informação privilegiada de modo heterodoxo. À medida que esses contatos se tornaram mais constantes, Kumar foi gradualmente perdendo seus parâmetros sobre como lidar com a proteção da informação confidencial. Acabou passando adiante informações secretas e tornou-se um criminoso. A parte assustadora do que apreendi é que somos muito mais flexíveis do que imaginamos quando se trata de ética. A mesma pessoa que pode responder de forma muito eficiente nos negócios em determinada cultura empresarial também pode enveredar por caminhos antiéticos em outra cultura.

Regras de mercado mais rígidas, punições rigorosas e aumento das penas são soluções eficazes? Essa é a resposta natural, mas não acho que seja a mais eficiente. Como o criminoso não faz o cálculo minucioso de seus atos, ele não vai levar em consideração o tamanho da pena. Desconsidera a possibilidade de ser pego porque, em sua cabe-

ça, está apenas seguindo as regras do jogo. Um caso emblemático é o da empresa americana de energia Enron. Assim que a notícia do crime surgiu na imprensa, a reação dos executivos foi criticar os jornais e os que acreditavam nas informações sobre o assunto. É esse tipo de mentalidade que precisa ser combatido. Nos Estados Unidos, os crimes de colarinho-branco só começaram a ser investigados a partir da década de 60, e, a cada vinte anos mais ou menos, uma nova crise ocorre para fazer a sociedade refletir sobre o que é aceitável ou não dentro das empresas e em sua relação com o Estado.

No Brasil, a Lava-Jato pode estabelecer novos padrões? Sim, a Lava-Jato é um processo evolutivo semelhante ao que ocorre de tempos em tempos nos Estados Unidos. A grande dúvida é se haverá uma mudança de cultura daqui para a frente. Os brasileiros precisam entender que será um processo longo, que, se bem-sucedido, trará resultados efetivos dentro de alguns anos, talvez décadas. O principal desafio agora é encontrar as pessoas que vão liderar esse processo evolutivo.

Como isso pode ser feito? A melhor forma para lidar com os crimes de colarinho-branco é criar sistemas e processos que possibilitem estancar o problema antes que seja tarde demais. O primeiro passo é considerar que todos estão suscetíveis a cometer desvios éticos. E somente quando nós entendermos isso é que nos permitiremos reconhecer os riscos que nos rodeiam. Parece banal, mas é uma atitude fundamental. A maioria de nós acredita que não ser ético é uma questão que envolve apenas os outros. Um dos pontos interessantes da pesquisa é ver que quase todos os executivos reconheceram que ultrapassaram a linha entre o certo e o errado, mas poucos conseguem dizer exatamente quando isso ocorreu.

Os programas de compliance dentro das empresas funcionam? Funcionam desde que não sejam apenas um calhamaço de papel para agradar a autoridades e ao mercado. A Enron, por exemplo, tinha um excelente código de conduta, com sessenta páginas, que mantenho guardado em meu escritório como referência. Só que o tal código era um mero documento que não mudou em nada a postura de seus funcionários. O desafio do compliance é criar um sistema corporativo que inspire as pessoas a ter a humildade necessária para reconhecer sua fragilidade ética e enxergar que seus atos têm consequências reais, como sanções, multas e até prisão. É uma tomada de consciência em todos os níveis da empresa, da recepção à presidência, que, a depender da cultura do lugar, é muito difícil de pôr em prática.

Em que medida a existência de um "compliance" para políticos poderia evitar a corrupção? Há uma frase do ex-presidente americano Nixon que vale ser lembrada: "Quando o presidente faz alguma coisa, isso significa que essa coisa não é ilegal". Muitas vezes, pelo poder que possuem e pela capacidade de ditar os rumos do país, políticos acabam se considerando acima da lei. Como no caso dos compliances empresariais, é preciso criar sistemas e mecanismos que permitam mudar essa mentalidade. Até pouco tempo atrás, nos Estados Unidos, políticos trocavam informações privilegiadas vindas do Congresso sem que fossem punidos. Hoje, isso não é mais possível. Políticos têm de entender que, por serem os responsáveis pela lei e por serem homens públicos, seu senso de responsabilidade precisa ser muito maior do que o do cidadão comum. Outro ponto que volto a repetir é que o ambiente tem um impacto fortíssimo na conduta das pessoas. Acho improvável que todos esses políticos brasileiros envolvidos na Lava-Jato tenham entrado na política somente para enriquecer. Muitos devem ter escolhido o caminho da política com boas intenções, mas, depois de ter contato com as regras do jogo, assim como os executivos, acabaram optando pelos caminhos da corrupção.

> "Na pesquisa, quase todos os executivos reconheceram que ultrapassaram a linha entre o certo e o errado, mas poucos souberam dizer exatamente quando isso ocorreu"

Há uma forma objetiva de alguém perceber quando ultrapassou a fronteira ética? Um teste que se mostrou bem efetivo é o que chamo de "teste do amigo próximo". Onde leciono, sempre peço ao aluno que procure alguém que ele realmente respeite — como um grande amigo ou o cônjuge — para explicar suas atitudes. Isso porque, se você consegue explicar seus atos e obtém a resposta de que eles condizem com seus valores, faz sentido continuar a agir sem se preocupar. Mas, se essa pessoa que você respeita diz que se surpreendeu com suas atitudes e que não esperava que você fizesse o que fez, então é possível que você esteja perto de ultrapassar a fronteira. ■

Piracanjuba
Zero
Lactose
PIRA
KIDS

É sempre assim,
quem experimenta não troca.
Leite Zero Lactose Piracanjuba.
O mais comprado do Brasil.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE INFORMA: O ALEITAMENTO MATERNO EVITA INFECÇÕES E ALERGIAS E É RECOMENDADO ATÉ OS 2 (DOIS) ANOS DE IDADE OU MAIS.

Piracanjuba®
desde 1955

Gostamos de fazer bem o que te faz bem.

www.piracanjuba.com.br @oficialPiracanjuba /oficialPiracanjuba

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

Ligue grátis: 0800-7752145
Grande São Paulo:
(11) 3347-2145

De segunda a sexta, das 8h
às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas,
Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente
(SAC) (Consultar dados da sua
assinatura, comunicar alteração
de endereço, tirar dúvidas sobre
pagamento ou entrega, renovação
e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com
Ligue grátis: 0800-7752112
Grande São Paulo: (11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital,
acesse www.assineabril.com.br/
passoapassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução
de textos e imagens, acesse:
www.abrilstock.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-4610
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) — ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor de Redação: André Petry

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Mauricio Lima, Policarpo Junior e Thaís Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** Daniel Bergamasco **Editores Seniores:** Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Rinaldo Gama **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Ana Clara Costa, Eduardo Gracioli Teixeira, Filipe Vilicic, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe **Repórteres:** Alexandre Senechal Duarte, Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Fernanda Allegretti, Giulia Vidale, Jennifer Ann Thomas, Marcelo Sakate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Pieter Attema Zalis, Renato Onofre de Souza, Sergio Martins, Talissa de Angelis Azevedo Monteiro, Thaís Botelho, Ulisses Campbell **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** ***Brasília*** **- Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Rodrigo Rangel **Editor Sênior:** Daniel Pereira **Repórteres:** Gabriel de Andrade Mascarenhas, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin, Thiago Bronzatto ***Rio de Janeiro*** **- Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Thiago Prado **Repórteres:** Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Luisa de Bustamante Fernandes, Maria Clara Vieira **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Gabriel Gama, Leticia Antunes Larieira **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenadores:** Alexandre Reche, Ismael Carmino Canosa **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Rodrigues **Designers:** André Luis Chagas, Douglas Bressar, Isabel Coutijo Hamdan, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Adriano Paboe, Anderson Marça, Leandro, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Cannasnic, Andrea Caitano, Fabiana Pino, Juze Yamamoto, Mauricio Bevilacqua, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luis Porto Araujo, Celia Regina Arruda, Denise da Silva Rocha da Costa, Eduardo Peraza, Elvira Gago, Heloisa Brady Ataides, Lygia Roncel de Rodrigues Ferreira, Otacílio Nunes, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Serena Chagas, Eduardo de Morais Motta, Lincoln Franz Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Duerno **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Maílson da Nóbrega, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **VEJA.COM - Editores:** Daniel Jelin e Katia Perin (chefes), Fabiana Futema, Ione Aguiar, Ivan Marcelo Pacheco, José Benedito da Silva, Marcos Rogerio Lopes, Maria Carolina Maia, Natasha Watkins, Silvio Nascimento **Editores Assistentes:** Angela Roberta Nunes, Ricardo Vasques Helcias, Rita de Cassia de Loiola **Repórteres:** Daniela Bruno Flor, Daniela Macedo dos Santos, Eduardo Gonçalves, Felipe Cotrim, Felipe Frazão, Felipe Machado de Souza, Heitor Feitosa dos Santos, João Pedroso de Campos, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Marina Ruppa Neves, Meire Akemi Kusumoto, Raquel Angelo Carneiro **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Webdesigners:** André Fuentes, Sideley Sobral **Sucursais:** ***Brasília*** **Repórteres:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogerio Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

PUBLICIDADE Cristiana Parsons (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Karina Kattan (Bens de Consumo), Tatiana Fonseca (Entretenimento e Mídia), Rafael Pereira (Moda, Decoração e Construção), William Hagopian (Regionais), André Beck (Colaboração em Direção de Publicidade - Rio de Janeiro), Christiane Martinez (Agências de PR e Associações) **ABRIL BRANDED CONTENT** Edward Pimenta **ASSINATURAS** Adailton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Ícaro Freitas (Circulação Avulsa), Luci Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patricia Frangioni (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos), Wilson Paschoal (Canais de Vendas) **MARKETING DE MARCAS** Carolina Floresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas), Leander Moura (Exame) **ESTRATÉGIA DIGITAL** [illegible] **MERCADO BI** Rafael Cajando **OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE DIGITAL** Renata Guimarães **SEO** [illegible] **PARCERIAS E TENDÊNCIAS** Airton Lopes **PRODUTO** Renata Gomes **VÍDEO** André Valsman (Colaboração em Direção de Vídeo), Adriana Yoshida (Estilo), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Ralph Poran (Arte e Corporativo), Silvio Navarro (Informação) **MARKETING CORPORATIVO** Mauricio Pantilio (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Porteiro (Licenças), Thaís Rocha (Relações com o Mercado) **DEDOC E ABRILPRESS** Valter Sabino **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** [illegible], Adriana Kazan, Emilene Pires, Renata Antunes **RECURSOS HUMANOS** Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kaló [illegible] **RELAÇÕES CORPORATIVAS** Douglas Costa (Gerente de Relações Públicas)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000.
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA [illegible] uma publicação semanal da Editora Abril. Edições anteriores: [illegible]
[illegible] Distribuída com exclusividade no país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações [illegible]

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

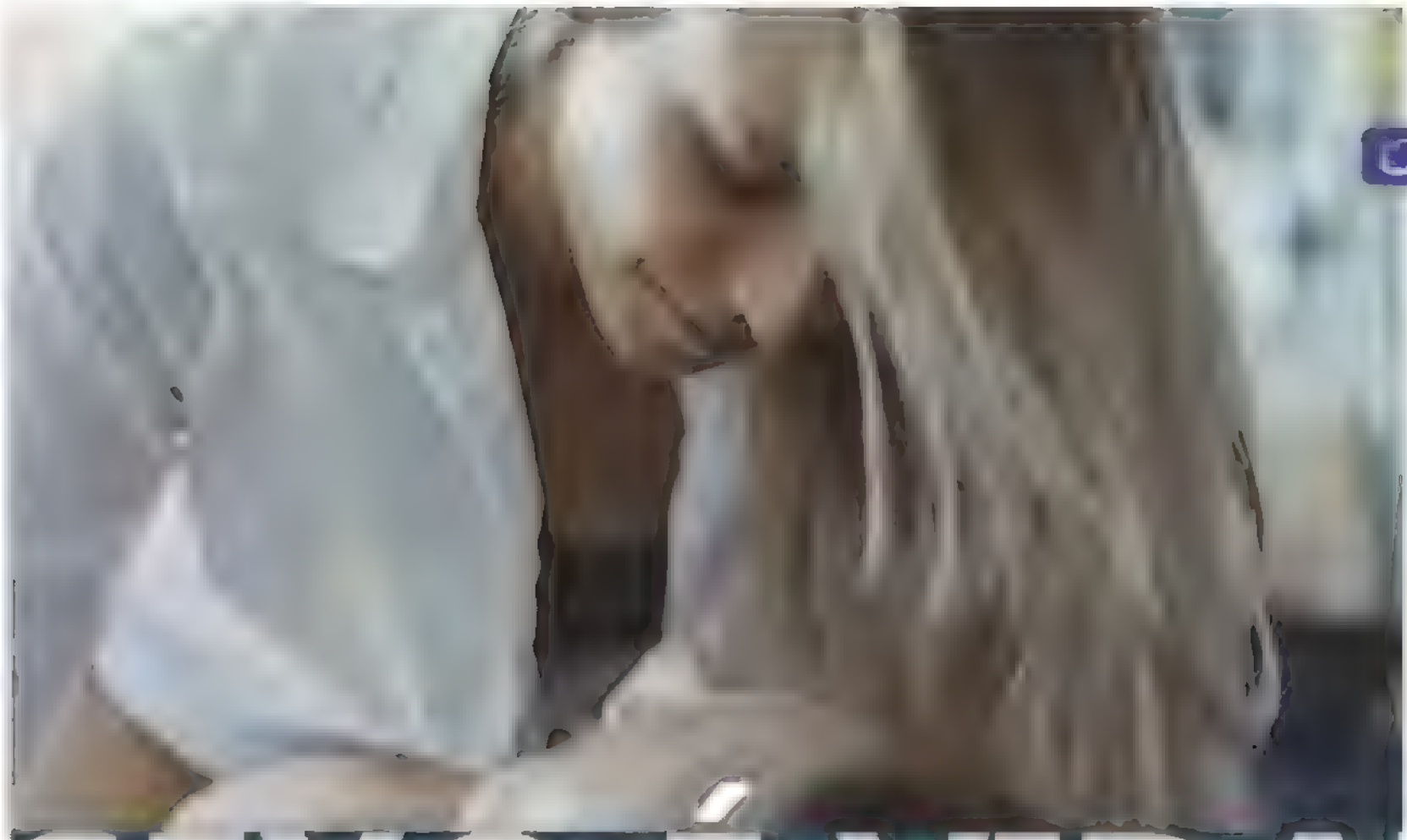
IVC | FIPP | ANER | SIP

GRUPO Abril

Presidente da AbrilPar: Giancarlo Civita
Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretora Corporativa de Marketing: Melina Konstadinidis Porcel
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro

www.grupoabril.com.br



SEXO É VIDA

A DIFICULDADE DE EREÇÃO E A EJACULAÇÃO PRECOCE TÊM TRATAMENTO MÉDICO.

TECNOLOGIA E EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL.
JÁ ATENDEMOS MAIS DE 1 MILHÃO DE HOMENS NO MUNDO.

A VIDA NÃO ESPERA.
AGENDE UMA CONSULTA.

0800 729 3333

SIGILO ABSOLUTO. DIAGNÓSTICO EM UMA AVALIAÇÃO MÉDICA.

BOSTON
MEDICAL GROUP

Responsável Técnico:
Dr. Orestes Mazzariol Junior - CRM: 30020

CLAUDIA *apresenta*

22º PRÊMIO CLAUDIA

ESCOLHA SUA FAVORITA

Maior premiação feminina da América Latina, o Prêmio CLAUDIA valoriza mulheres que batalham para fazer do Brasil um país melhor. Conheça as candidatas da categoria Trabalho Social e vote em premioclaudia.com.br

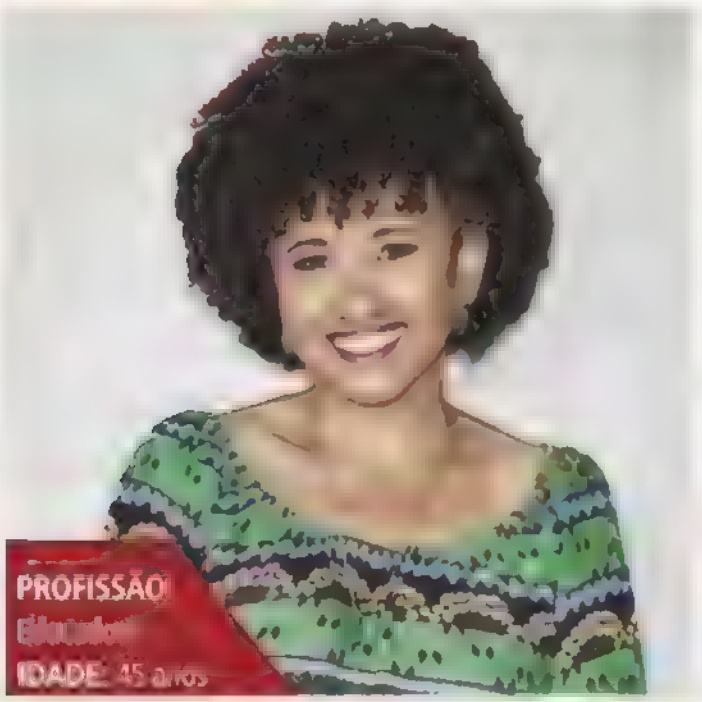
TEXTO GIULIANA BERGAMO **FOTOS** PABLO SABORIDO

Realização CLAUDIA Abril Apoio natura CHRONOS

A VOZ DA INCLUSÃO

Fernanda Honorato

O QUE ELA FAZ: Todos os sábados, a jornalista carioca aparece na televisão fazendo reportagens sobre deficiências físicas e cognitivas para o *Programa Especial*, da TV Brasil. O semanal, no ar há 11 anos, tem legendas, narração para imagens e linguagem de sinais. "Sempre digo às mães de crianças com síndrome de Down para não desistirem dos sonhos e acreditarem no potencial de seus filhos. No futuro, eles podem ser repórteres, como eu", afirma Fernanda Honorato, que também viaja pelo país para ministrar palestras sobre inclusão.



EDUCAÇÃO QUE ENVOLVE

Gina Vieira Ponte

O QUE ELA FAZ: Em 2013, a educadora espantou-se ao assistir a um vídeo na internet em que uma ex-aluna sua, de 13 anos, fazia uma dança erótica. Decidiu, então, criar o projeto Mulheres Inspiradoras. Com ele, Gina Vieira Ponte leva para a sala de aula a discussão sobre igualdade de gênero por meio da pesquisa sobre personalidades femininas, como Cora Coralina e Maria da Penha. "Minha missão é fazer da escola um ambiente de transformação", diz a professora, que agora replica sua metodologia para 15 instituições em Brasília.

VIDA DEPOIS DO CÁRCERE

Karine Vieira

O QUE ELA FAZ: Como representante paulista da agência de empregos Segunda Chance, do Grupo Cultural AfroReggae, Karine Vieira firmou parcerias com universidades para conseguir serviços odontológicos, médicos e jurídicos para quem acabou de sair da cadeia. Ela atua também dentro das empresas ajudando na mediação de conflitos com outros funcionários.

O objetivo é derrubar mitos e diminuir o preconceito. "Quem cometeu crimes quer, sim, mudar de vida. Só precisa de alguém que lhe ofereça uma chance", diz

MICHEL TEMER

Michel Temer perdeu todas as condições de continuar ocupando a cadeira de presidente do Brasil ("Temer ficou menor", 28 de junho). Sua permanência só faz diminuir o mais importante cargo da República.

Carlos Fabian Seixas de Oliveira
Campos dos Goytacazes (RJ), via tablet

Temer não diminuiu; somente está revelando seu tamanho original.

Mario Vinicios Duarte Lemos
Joinville, SC

Nicolau Maquiavel, na obra *O Príncipe*, assevera que um governo só é viável pelo equilíbrio entre a "fortuna", ou seja, a circunstância conjuntural, que pode ser favorável ou não, e a "virtù", que é a assertividade do governante diante da "fortuna". O presidente Michel Temer, apesar de a economia estar em frangalhos e das acusações de corrupção, mantém-se obcecado pelo poder, ignorando a lição do genial italiano, baluarte da ciência política. Lá da Florença medieval alguém brada: "Renuncie já, Temer!".

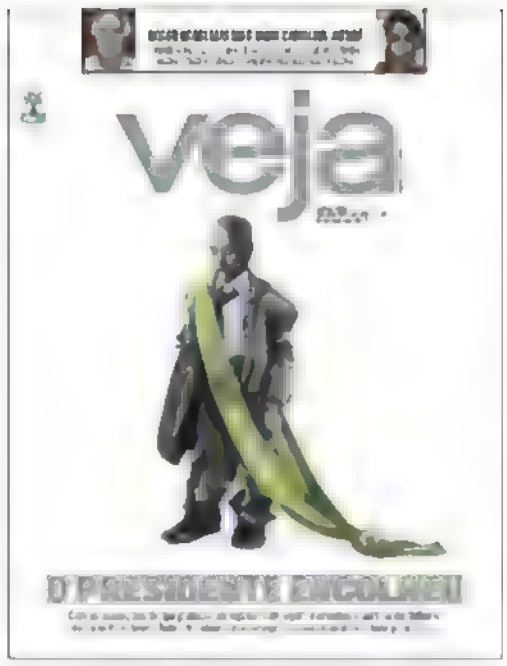
Túllio Marco Soares Carvalho
Belo Horizonte, MG

O texto "Ninguém visita o presidente" transportou-me para julho de 2014, quando o governo de Israel classificou o Brasil como um "anão diplomático". Na era petista, a diplomacia brasileira acumulou gafes e trapalhadas diplomáticas, que Michel Temer acaba de tristemente arrematar.

José Maria Leal Paes
Belém, PA

PÁGINA ABERTA

A cada dia gosto mais dos artigos de J.R. Guzzo em VEJA. Na Página Aberta "A limpeza que não limpa" (28 de junho), Guzzo faz uma comparação entre a Constituição americana, com 228 anos e apenas 27 emendas, e a brasileira, que tem menos de trinta



ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

Michel Temer encolheu (capa)

Erick Jacquin (Entrevista)

Artigo "Boçais no ar", de Roberto Pompeu de Toledo

Artigo "A limpeza que não limpa", de J.R. Guzzo (Página Aberta)

Carta ao Leitor

anos e já recebeu 96 emendas. Com humor, escreve que existe um sistema de delivery para pronto atendimento de reformas constitucionais. Ninguém se dá ao trabalho de discutir a legalidade do atual presidente, embora saibamos de sua baixíssima popularidade. As tais "diretas já" interessam diretamente aos enrolados na Lava-Jato, carentes de foro privilegiado.

Henriette Granja
Rio de Janeiro, RJ

O brilhante articulista J.R. Guzzo nos mostra o país cujos habitantes parecem ter perdido a condição de cidadãos e se transformado em escravos, vencidos pelo cansaço da espera de um salvador. Quando a cultura não admite o replantio, por infestação de pragas resistentes a remédios, a solução é trocar de cultura. A única solução viável parece ser o recomeço a partir da terra arrasada, excluindo todo e qualquer candidato com antecedentes processuais, ainda que o respectivo feito tenha sido arquivado por falta de provas. Não deve prevalecer a presunção de inocência quando está em jogo o interesse público.

Flaudecy de Oliveira Marhães
Campos dos Goytacazes (RJ),
via smartphone

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

Meus cumprimentos ao colunista Roberto Pompeu de Toledo pelo artigo "Boçais no ar" (28 de junho). As críticas ao comportamento dos delegados do PT que agrediram a excelente jornalista Miriam Leitão são totalmente pertinentes. O que esses delegados pretendiam, ou ainda pretendem? É por meio de comportamentos dessa natureza que querem remover o PT do lamaçal em que o partido se encontra? Um partido que, ao nascer, nos trouxe tantas esperanças para o aperfeiçoamento da democracia brasileira e que, em busca do poder, ou melhor, de se manter no poder, não se diferenciou do PMDB e nem mesmo do PSDB.

Dorothy Rocha
Curitiba, PR

A propósito da baixaria, de moldes fascistas, perpetrada contra Miriam Leitão, acho que a jornalista agredida deveria processar civil (por danos morais) e criminalmente (por injúria) esses delegados petistas, facilmente identificáveis pela lista de passageiros e pelo testemunho da tripulação. A tolerância omissa só estimula a reiteração dessa conduta antidemocrática por indivíduos dessa laia.

Edgar Mattos
Recife, PE

"Jacquin é um excelente cozinheiro e humorista. Parece um nobre europeu dos anos 1930-1940. E tem bom gosto: come carne de sol com manteiga de garrafa e farofa. Divino!"

Ronaldo Martins, Natal (RN)

ARTE Diz o chef francês Erick Jacquin *(foto)* sobre o que é cozinhar bem: "É pegar um ingrediente simples e transformá-lo em um prato inesquecível"

ERICK JACQUIN

Tive a oportunidade de conviver com esse cozinheiro mal-humorado, mas simpático. Foi preciso que um francês que ama o Brasil dissesse verdades que todos sabem, mas sobre as quais se calam, em especial quanto à jurássica legislação trabalhista ("Virei um docinho", Entrevista, 28 de junho).

Eduardo Vampré do Nascimento
São Paulo, SP

CARTA AO LEITOR

VEJA tem sido uma das minhas principais janelas de observação deste mundo, especialmente da história brasileira. Vocês mantêm coerência e competência jornalística admiráveis. A Carta ao Leitor "A corrupção e a democracia" (28 de junho) é uma mostra clara disso. Infelizmente também escancara mais uma vez a situação ética apodrecida do país.

José Carlos Penna Wagoek
Curitiba, PR

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviá-las para: **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 7079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP. **Fax** (11) 3037-5638. e-mail: **veja@abril.com.br**.

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

Novamente
a rádio mais
ouvida do Brasil
Fonte: Kantar Ibope
Abril 2017
ANTENA
antena1.com.br

CONTA OUTRA

OS MORADORES de Caracas, na Venezuela, estão habituados com um alto nível de brutalidade na repressão aos protestos contra o governo de Nicolás Maduro que ocorrem quase todas as tardes. Em três meses, 75 pessoas morreram nas manifestações. Por isso, os caraquenhos receberam como piada a notícia de que um policial tentou dar um golpe no presidente lançando de um helicóptero quatro granadas sobre o prédio do Supremo Tribunal de Justiça (STJ), na terça-feira 27. Só uma explodiu. Ninguém se feriu. Falou-se em tiros de fuzil, mas não há marcas dos disparos. Em seu Instagram, o "golpista" **Oscar Pérez,** de 36 anos, cercado por homens encapuzados, divulgou um vídeo em que pede a renúncia de Maduro — que não perdeu tempo e foi logo acusando a CIA, o serviço de espionagem americano, de estar por trás de tudo. Depois de abandonar o helicóptero fora de Caracas, Pérez teria fugido de barco para um destino desconhecido. Além de membro das forças de segurança, ele é ator de filmes de ação: foi protagonista de *Muerte Suspendida*, de 2015, uma superprodução para os padrões locais. Maduro já se disse tantas vezes vítima de tentativas de golpe (mais de uma dezena, na última contagem) que ninguém lhe dá crédito. "Não acreditamos mais nessas fantasias. Isso foi um show para ofuscar todo o resto", diz Raissa Lopez, 53 anos, durante mais um dia de protestos. De fato, os juízes do STJ usaram a oportunidade do ataque para prolatar duas sentenças que reduzem os poderes da procuradora-geral Luisa Ortega Díaz, crítica da insistência de Maduro em enfiar uma Assembleia Constituinte goela abaixo dos venezuelanos. Um policial-ator tenta derrubar o governo sem ferir ninguém e desaparece misteriosamente? Conta outra. ■

Nathalia Watkins, de Caracas

[illegible] **CAPA.** [illegible]

NV
BAIXE O
APLICATIVO
BLIPPAR E
ASSISTA AO VÍDEO
DE CUBAH PÉREZ

ALAIN SENDERENS Um dos criadores da nouvelle cuisine e o primeiro chef a apostar na harmonização de vinhos com pratos
MICHAEL NYQVIST Papel na adaptação original de *Millennium* para as telas e em *Missão: Impossível – Protocolo Fantasma*

MORRERAM

Alain Senderens, um dos mais renomados chefs franceses, que, na década de 70, se tornou um dos criadores da nouvelle cuisine, ao lado de Paul Bocuse, Michel Guérard e Pierre Troisgros. O movimento, que enfatizava a delicadeza dos pratos e a apresentação dos alimentos, mudou a culinária mundial. Em 1978, ganhou três estrelas no cobiçado *Guia Michelin* no restaurante L'Archestrate. Em 2005, comprou o Lucas Carton, onde trabalhava desde 1985, rebatizou-o com o seu nome e devolveu as estrelas ao *Michelin*, sob o argumento de que queria oferecer um ambiente e uma culinária mais simples. Nascido em Hyères, Senderens foi o primeiro a harmonizar vinhos com pratos individualmente. A combinação que propôs, de vinho branco seco Vouvray com um queijo de cabra de Touraine, estremeceu os defensores da tradição de tintos como acompanhantes de queijos. Dia 25, aos 77 anos, de causa não divulgada, em Corrèze.

Michael Nyqvist, ator sueco protagonista da versão cinematográfica original da saga *Millennium*, baseada no best-seller de Stieg Larsson. Nyqvist passou os primeiros meses de vida em um orfanato. O interesse pelos palcos começou na adolescência, quando fez um intercâmbio nos Estados Unidos. Inicialmente estudou balé, mas decidiu abandonar o curso para se dedicar ao teatro. Seu primeiro papel de destaque só surgiu aos 39 anos no filme *Bem-Vindos* (2000). Além da trilogia *Millennium*, Nyqvist esteve em *Missão: Impossível — Protocolo Fantasma* (2011) e *De Volta ao Jogo* (2014). Dia 27, aos 56 anos, de câncer no pulmão, em Estocolmo, sua cidade natal.

GEORGE PELL
Terceiro na hierarquia do Vaticano, foi acusado de crimes sexuais

Guillermo Velásquez, ex-árbitro colombiano de futebol que ficou conhecido por um episódio insólito: em 1968, durante um amistoso entre a seleção da Colômbia e o Santos, em Bogotá, expulsou Pelé, mas acabou tendo de deixar a partida por causa da revolta dos torcedores. De acordo com Velásquez, Pelé o teria insultado após cometer uma falta no zagueiro Luis Eduardo Soto. Foram tantas as reclamações da torcida que a Federação Colombiana de Futebol permitiu que Pelé retornasse e substituiu Velásquez por um bandeirinha. Os brasileiros acabaram vencendo por 4 a 2. O juiz participou de quatro Olimpíadas e esteve na Copa do Mundo de 1970, no México. Dia 26, aos 84 anos, de causa não especificada, em Medellín.

ACUSADO

de abuso sexual o cardeal australiano **George Pell,** o terceiro na hierarquia do Vaticano, responsável pelas finanças da Santa Sé. Ele é suspeito de ter abusado de menores entre os anos 70 e 2000, quando era sacerdote na cidade de Ballarat e, posteriormente, arcebispo de Melbourne. Pell nega as acusações e pediu licença para preparar sua defesa. Ele deverá se apresentar no dia 18 à corte de seu país. Dia 29. ■

HÁ 73 ANOS UMA HISTÓRIA
DE SABOR SE REPETE.

Sadia

HÁ 73 ANOS CADA DIA MAIS SADIA.

CANDIDATO Major Olimpio: ele perdeu a eleição em um clube de policiais militares, mas acredita que pode ser governador

"FUI O CORNO POLÍTICO"

O deputado federal Major Olimpio, do Solidariedade de São Paulo, queixa-se de ter sido retirado da comissão que avaliava denúncia contra Temer e explica a revolta com uma cena de *Malhação*

O senhor foi substituído na Comissão de Constituição e Justiça antes de a denúncia contra Temer chegar lá. O que aconteceu? Fui tirado após uma reunião entre os líderes partidários da base do governo com Temer. Fizeram uma mobilização para obter mais votos a favor do presidente. Não fui notificado, o que me deixa mais triste. Represento o partido em todas as sessões da CCJ, mas, na hora de resolver uma coisa importante para o país, eles me tiram.

Qual seria seu voto, se não tivesse sido substituído? Seria pela cassação do presidente, sem dúvida. O que me indigna é que é a segunda vez que isso ocorre. Em 2015, meu partido também me tirou para eu não votar a favor da cassação do Eduardo Cunha. Porém, tinham me avisado. Desta vez, não. Fui o corno político.

O senhor protocolou recentemente uma representação na Procuradoria-Geral da República contra a Globo por uma cena exibida em *Malhação*. O que o incomodou? O uniforme dos atores policiais e as viaturas são idênticos aos da Polícia Militar de São Paulo. Foi uma informação tendenciosa, um crime de racismo praticado por um militar *(na cena, um casal de namorados — ele, negro; ela, de origem oriental — é constrangido pelos termos racistas de um policial)*. A imagem da polícia fica negativa.

O senhor é noveleiro? Via novela no passado. Hoje é raro. Gosto de observar como a polícia é representada. O filme *Tropa de Elite* deu renome internacional à polícia brasileira, mas parecia que só o Bope prestava e o resto, não. Gosto atualmente da policial que a Paolla Oliveira faz na novela das 9. Conheço Paolla desde pequena. Trabalhei com o pai dela, também policial.

Há planos de ser candidato a governador de São Paulo em 2018? É meu maior sonho.

O senhor perdeu uma eleição para vice-presidente de uma associação dos policiais militares em São Paulo. Se foi derrotado no clube, terá eleitores para ser governador? Não vi essa derrota como perda de eleitorado. Meus adversários disseram que não queriam políticos no clube, que eu o transformaria em sindicato. Foi sujo. ■

Eduardo F. Filho

Afinal, desde os tempos da vovó o compromisso número 1 da Sadia é servir carinho, confiança e qualidade na mesa da família brasileira.

Sadia. Há 73 anos
cada dia
+Sadia

Acesse: sadia.com.br/nasuahistoria

SOBEDESCE

SOBE

DELAÇÃO PREMIADA
A decisão do STF, que validou a colaboração premiada da JBS, livrou o instrumento do risco da insegurança jurídica. O que for acordado entre o MPF e os delatores não poderá ser revisto

DISCO DE VINIL
A Sony voltará a fabricar o produto quase trinta anos depois de aposentá-lo. A empresa construiu um estúdio em Tóquio só para as gravações no formato

VACINA ADESIVA
Cientistas do Instituto de Tecnologia da Geórgia testam uma vacina contra a gripe em forma de adesivo que contém o vírus. Ao se dissolver na pele, ele estimula a produção de anticorpos

DESCE

KROTON
O Cade, órgão responsável pela defesa da concorrência, vetou a compra da Estácio pela Kroton. A negativa abriu espaço para que os grupos SEB e SER também façam oferta pelo controle da universidade

ESTADO ISLÂMICO
Um estudo da consultoria britânica IHS Markit mostra que o Estado Islâmico perdeu, em dois anos, 80% de sua receita e 60% de seu território controlado

PASSAPORTE
A PF suspendeu a emissão do documento por falta de orçamento, e o governo agora quer usar recursos da Educação para retomá-la, o que pode acontecer nesta semana

A LISTA

AS CINCO ACUSAÇÕES DA EUROPA CONTRA O GOOGLE POR BURLAR A CONCORRÊNCIA

- **Favorecer o próprio serviço de comparação de preços**
  O gigante da internet foi multado em 2,4 bilhões de euros pela União Europeia por dar mais destaque aos produtos mostrados por sua ferramenta de comparação de preços, o Google Shopping, do que àqueles vendidos por sites que não pagam os serviços do buscador

- **Reduzir o espaço de competidores**
  Os produtos vendidos em lojas que não são parceiras do Google ficam em segundo plano e, em geral, são mostrados a partir da segunda página de resultados. De acordo com a União Europeia, somente 1% das pessoas clica na segunda página. Na Alemanha, houve queda de 92% nos acessos dos concorrentes do Google Shopping desde que ele foi criado, em 2008. No Reino Unido, houve diminuição de 85%

- **Forçar a venda de celulares com seus aplicativos**
  A União Europeia move outra ação contra a companhia para apurar se ela força fabricantes que usam o sistema Android a vender aparelhos com os aplicativos Google já instalados.

- **Obrigar fabricantes a usar sua versão do Android**
  Os fabricantes que querem os pacotes do Google precisam assinar um contrato por meio do qual garantem que a única versão do Android que usarão nos aparelhos é a desenvolvida pelo Google. O Android é um software livre, que pode ser modificado por qualquer programador. O Google tem uma versão própria

- **Proibir sites de usar outra ferramenta de publicidade**
  Por meio da imposição de cláusulas de exclusividade em contratos com sites, a empresa impede a veiculação de anúncios que não sejam comercializados pelo Google Ads, diz a União Europeia. Por isso, foi instaurada uma investigação também sobre a subsidiária de anúncios do Google, a AdSense

Abril

veja

www.veja.com

Lata da Coca-Cola homenageia o Dia Internacional do Orgulho LGBT+

SUA COCA-COLA É 1.200.000 VEZES MAIS FANTA NA VEJA.

VEJA, 2ª maior revista semanal do mundo com 1.200.000* exemplares e 6.700.000 leitores**. TUDO QUE SAI NA VEJA TEM OUTRA REPERCUSSÃO.

* CIRCULAÇÃO IVC MARÇO 2017, IMPRESSO + DIGITAL. ** PROJEÇÃO BRASIL DE LEITORES BASEADA NO IVC CONSOLIDADO 2016 + ESTUDO MMPLAN 9 MERCADOS 2015

INFORME PUBLICITÁRIO

VOCÊ SABIA QUE...

SE NÃO FOSSEM OS POSTOS BANDEIRA BRANCA VOCÊ ESTARIA PAGANDO MUITO MAIS CARO NA HORA DE ABASTECER SEU CARRO?

É o posto bandeira branca que garante a competitividade no mercado de combustível no Brasil e se não fosse ele, as bandeiras famosas estariam cobrando cada vez mais caro de você, consumidor.

QUER GASOLINA DE QUALIDADE A PREÇO JUSTO?
PASSA LÁ NO POSTO BANDEIRA BRANCA.

REFINARIA DE PETRÓLEOS DE MANGUINHOS

DEFENDE MAIOR LIBERDADE E COMPETITIVIDADE NO MERCADO DE COMBUSTÍVEIS
PARA QUE VOCÊ ABASTEÇA SEMPRE COM MAIS QUALIDADE E MENORES PREÇOS

HUMOR

ANO I • XVIII

Sensacionalista

isento de verdade

5 JUL 2017

Falta de passaporte acaba com a briga "Vai pra Cuba" x "Vai pra Miami"

A suspensão da emissão de passaportes selou a paz entre os coxinhas e os mortadelas. Agora, ninguém mais pode ir a lugar algum. Mas tem muita gente mandando o governo ir para um lugar não publicável numa revista de família.

Uma equipe do Banco Mundial chegará ao país já na semana que vem para saber como uma taxa de 257 reais não é suficiente para confeccionar um bloquinho de poucas páginas. "Pelo valor, esse passaporte deve ser da Moleskine", disse um técnico.

O governo afirmou que os passaportes acabaram porque, "com o fim da crise, as pessoas estão viajando mais". Pode rir, a piada é essa.

SOBE

o volume de buscas no Google pela palavra "ilação"

DESCE

à terra Deus, para negar que colocou Temer na Presidência do Brasil

Vídeo mostra Temer mandando gemidão no zap e PSDB ainda espera fato novo

O que mais falta para o PSDB desistir de Temer? Alguns diriam que não falta nada após o mais novo escândalo que envolveu o presidente. Ele foi flagrado enviando a políticos a infame pegadinha do "gemidão do zap".

"Temer enviou um vídeo que seria do Joesley desmentindo todas as acusações. O som de um homem falando começa baixinho e, do nada, entra a gravação de uma mulher gemendo na maior altura", contou um senador que teve de dormir no sofá porque abriu a mensagem em um jantar com a mulher.

A denúncia contra Michel Temer já é esperada com entusiasmo por uma lixeira da Câmara dos Deputados. Falta votar apenas se a denúncia será picotada ou não antes de ser descartada.

Temer põe mulher à frente da PGR e inaugura o Feminismo de Conveniência

Michel Temer gosta de inovar. É o primeiro presidente brasileiro a ser denunciado pela Justiça durante o mandato. Também é o primeiro capaz de resistir a uma explosão nuclear. E agora Temer pôs pela primeira vez uma mulher no comando da Procuradoria-Geral da República. Apenas por coincidência, o primeiro colocado na votação dos procuradores era o preferido de Rodrigo Janot, o homem que denunciou o presidente. Assim, Michel Temer é, de novo, um precursor, ao inaugurar no Brasil o Feminismo de Conveniência. Um feito para alguém que jamais teve uma mulher no primeiro escalão de seu governo. Em breve, Temer poderá se tornar o primeiro presidente do Brasil a ter popularidade negativa, já que os índices estão próximo de zero.

PASSATEMPO

O jogo dos 7 erros

RESPOSTA 1. *Temer ainda é presidente* **2.** *Temer ainda está solto* **3.** *Temer ainda tem 2% de aprovação* **4.** *Temer ainda faz pronunciamentos* **5.** *Temer ainda tem coragem de acusar alguém* **6.** *Temer fala e a panela cala* **7.** *Temer não faz o povo em massa ir às ruas*

DECIDIDO Cunha: os advogados disseram aos procuradores que ele fará delação

Complicou de vez

A defesa de **Eduardo Cunha** avisou à PGR que ele, enfim, vai delatar. Os advogados saíram da reunião com os procuradores dizendo que agora começarão a colher as informações que o ex-deputado tem para entregar.

Guerra total

Soltas no pronunciamento de Michel Temer, as expressões "trabalho trôpego" e "denúncia embriagada" não foram acidentais. Elas tinham Rodrigo Janot como alvo. No Planalto, a maledicência da vez é dizer que o procurador "anda bebendo demais".

Sem imprensa

Ao escolher Raquel Dodge na semana passada, Temer se lembrou de um episódio. No início do ano, Janot foi ao Alvorada para falar de sua sucessão. Diz o presidente que ele esculhambou seis dos oito candidatos e, à la Joesley, pediu sigilo sobre a reunião. Ao interlocutor, o presidente contou a história indignado. "Isso é ético?"

Intuição de pai

O pai de Rodrigo Rocha Loures garantia na semana passada que o filho deixaria a cadeia rapidamente. Acertou.

Saindo do forno

A delação da OAS será homologada em agosto. Além de Lula e Aécio, José Serra ficará carbonizado.

Realidade paralela

Alheio a tudo isso, o senador tucano insiste que será candidato a presidente. A um amigo, garantiu que até mudará de partido se não for pelo PSDB.

Bico fechado

Uma boa notícia para Serra: a disposição de Paulo Preto hoje é não delatar.

Descartável?

Depois do pronunciamento de Temer, a permanência do ex-procurador Marcelo Miller no escritório Trench Rossi está em risco. Os outros sócios acham que ele trouxe má publicidade para a banca (mas muito dinheiro também).

Novos tempos

Alguém ainda se lembra de Zwi Skornicki, operador da Petrobras? Antes da Lava-Jato, Skornicki levava uma vida de luxo, com mansões e carrões. Com multa de 24 milhões de dólares e os bens bloqueados, ele acaba de entrar na Justiça do Rio para não pagar o IPVA de cinco veículos apreendidos.

De favor

Sem direito a linhas telefônicas ou acesso à internet, imposição da Justiça à prisão domiciliar de sua mãe, os filhos mais novos de Sérgio Cabral e Adriana Ancelmo fazem o dever de casa no apartamento de uma vizinha.

Nada de painel

Rodrigo Maia confidenciou a aliados que os deputados serão obrigados a se expor à opinião pública: eles terão de anunciar no microfone se aceitam ou não a denúncia contra Michel Temer.

"Fora do mundo"

A relação de João Doria com a velha-guarda do tucanato é ruim. Mas o prefeito de São Paulo não se intimida. Depois das críticas de FHC de que ele se dedica muito ao celular, Doria disparou: "Hoje, quem não entende que celular é o mundo está fora do mundo".

De volta à ativa

É um movimento tímido. Mas José Dirceu começou a receber políticos e

MAURICIO LIMA

Advogado diz que pagou a procurador

As versões do procurador preso **Ângelo Goulart** e do advogado Willer Tomaz de que não receberam propina e estavam negociando a delação da JBS são fantasiosas. Existem pelo menos três gravações feitas pela turma de Joesley Batista de encontros com os acusados, e em nenhuma delas eles se comportam como se estivessem orientando um processo de colaboração. Ao contrário. Num áudio inédito gravado por Francisco Assis, jurídico da JBS, há um trecho em que Willer Tomaz fala abertamente sobre como repartiu 4 milhões de reais recebidos da JBS. Na gravação, ele diz que a partilha seria assim: um terço para André Gustavo Vieira, um publicitário, um terço para Juliano Couto, presidente da OAB-DF, e o último terço para o procurador Ângelo Goulart. Em outro momento, Assis pergunta a Willer se o procurador estava sabendo das entregas mensais de 50 000 reais. Tomaz interrompe a pergunta e responde: "Total". *(Leia no Radar On-Line a transcrição do áudio e ouça trecho do diálogo.)*

PIADA Avião com cocaína: Maggi levou na esportiva o falso testemunho do piloto

nomes ilustres da esquerda. Recentemente, esteve com o jurista Celso Bandeira de Mello.

Com bom humor

Blairo Maggi levou na brincadeira o falso testemunho do piloto preso com 660 quilos de cocaína que disse à polícia ter decolado da fazenda do ministro. A quem ligava preocupado, ele perguntava: "Quer quantos quilos?".

Reta final

O conselho de administração da Petrobras analisa ainda em julho a abertura de capital da BR Distribuidora.

Sem perdão

Credor de uma dívida de 1,5 bilhão de reais, o Itaú não vai aliviar na renegociação dos débitos do grupo J&F. O banco já avisou que executará as garantias e não renovará as linhas de crédito.

O cerco se fecha

Um aviso aos que escondem dinheiro no exterior: a República das Bahamas aderiu ao tratado de troca de informações fiscais e bancárias da OCDE.

Apagando os rastros

O irmão de Antonio Palocci, Adhemar, entrou com um processo para reverter sua demissão sumária de Furnas. Na investigação interna promovida pela estatal, ele acabou demitido porque apagou milhares de e-mails.

Herança maldita

Auditoria da prefeitura do Rio mostra que o contrato firmado entre Eduardo Paes e o Santander para administrar a folha salarial provocou um prejuízo de 200 milhões de reais ao município.

Bode expiatório

A Nova S/B pediu ao Ministério Público uma investigação sobre a licitação de publicidade do Banco do Brasil. A agência diz que foi usada para acobertar a verdadeira beneficiada, a Multi Solution. O processo foi suspenso. ■

Com Gabriel Mascarenhas, Ernesto Neves e Alessandra Medina

"Só o presidente tem legitimidade para reduzir o próprio mandato. (...) Apelo para que medite sobre a oportunidade de um gesto dessa grandeza."

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO,
voltando a sugerir a renúncia de Michel Temer, em artigo publicado na *Folha de S.Paulo*

"Já passou muito da hora de o Brasil se tornar uma verdadeira República."

CÁRMEN LÚCIA,
presidente do STF, em sessão plenária do Conselho Nacional de Justiça

"Temos de mostrar que ser honesto vale a pena."

LUÍS ROBERTO BARROSO,
ministro do Supremo Tribunal Federal, em palestra no Insper, em São Paulo

"Se o Espírito Santo não nos ajuda a preservar o senso de justiça, rezemos para que nos preserve o senso de ridículo."

GILMAR MENDES, ministro do STF, voltando ao seu tema predileto: criticar a PGR, desta vez relembrando o pedido de prisão preventiva do ex-presidente José Sarney, com base na delação de Sérgio Machado, da Transpetro, por "obstrução de Justiça"

"Crimes não são cometidos no céu."

SERGIO MORO, o juiz da Lava-Jato, na sentença em que condenou o ex-ministro Antonio Palocci a doze anos de prisão

"Senhor nos governa. Jesus faça justiça."

Frases luminosas exibidas na fachada do **CONGRESSO** na noite da terça 27, horas depois de Temer invocar o Criador *(leia ao lado)*

MV

BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR E ASSISTA A TRECHO DO PRONUNCIAMENTO

"Não sei como Deus me colocou aqui."

MICHEL TEMER,
envolvendo até os céus para tentar se manter no posto de presidente, em pronunciamento na terça-feira 27, um dia depois de ser denunciado por corrupção passiva pelo procurador-geral, Rodrigo Janot. A fala virou piada nas redes sociais

"Tem lugar mais seguro que o Brasil? Qual é o lugar? Vou fugir de que se aqui não sou acusado de nada? Você sabe que tudo de que me acusam no exterior não é crime no Brasil. Não estou dizendo se fiz ou não."

RICARDO TEIXEIRA, ex-presidente da CBF, réu nos Estados Unidos, investigado na Espanha e citado em relatório da Fifa por suspeita de haver recebido propina para ajudar a eleger o Catar como sede da Copa de 2022, na *Folha de S.Paulo*

"As redes sociais espalham simplificações — respostas simples para questões complexas. Não importa quem, o importante é culpar alguém. Isso é muito perigoso e infantil."

AMÓS OZ, escritor israelense, em *O Globo*

"Para algumas mulheres, ser chamada de 'gorda' é pior do que ser classificada como incompetente ou irresponsável. Não vejo nada de ofensivo nessa palavra."

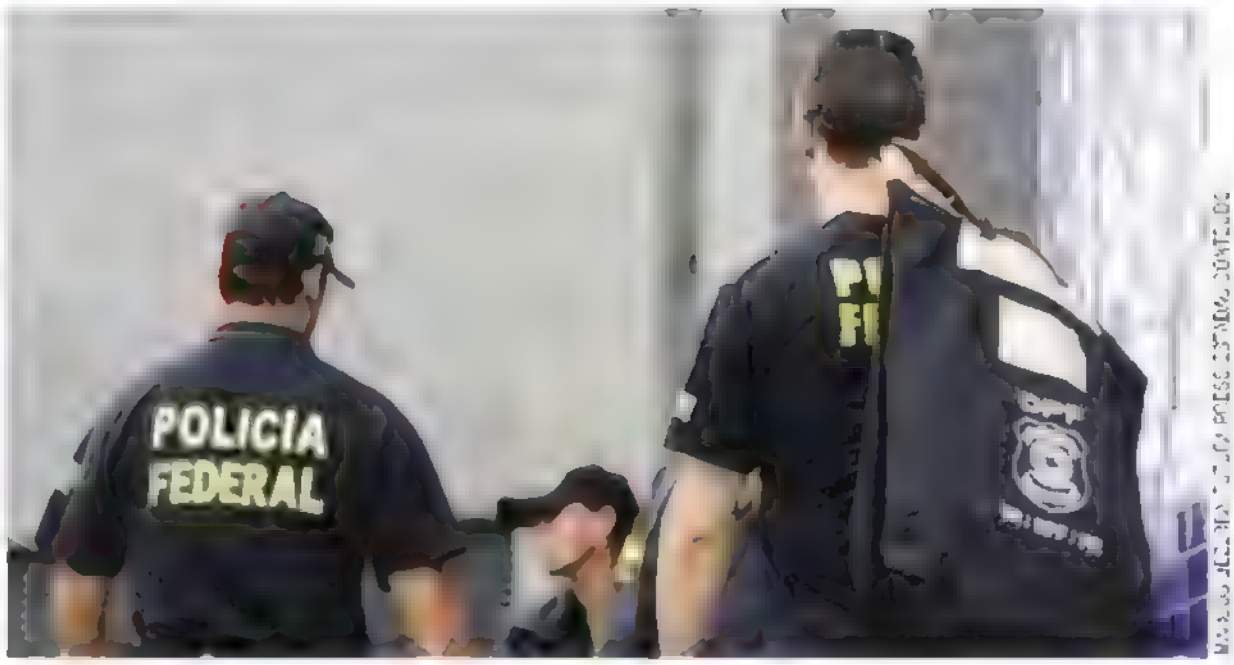
FLUVIA LACERDA, modelo plus size, no UOL

"Vocês, brasileiros, são muito sexuais."

MELANIE C, cantora inglesa que integrou o grupo Spice Girls, antes de fazer uma pergunta à sexóloga Laura Muller, no programa *Altas Horas* (Rede Globo)

"Você não pode assumir um trabalho pensando nas críticas; o que você faz e diz não pode agradar a todos."

PENÉLOPE CRUZ, atriz espanhola, no diário madrilenho *El País*



CORRUPÇÃO As investigações da Lava-Jato terão novo comando a partir de setembro

INTRIGAS E SUSPEITAS

Adversária do atual procurador-geral, a futura comandante da Lava-Jato desconfia já ter sido alvo de espionagem em seu gabinete – e chegou a suspeitar de Rodrigo Janot

RODRIGO RANGEL E LARYSSA BORGES

O PRESIDENTE Michel Temer desmentiu o presidente Michel Temer. Em maio do ano passado, quando o então ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, disse que a lista tríplice elaborada pelo Ministério Público Federal não deveria mais guiar a nomeação do procurador-geral da República, deu-se uma crise. Ocupando o poder interinamente, Temer apressou-se em desautorizar o ministro, para evitar que voltasse a crescer a impressão de que seu governo pretendia "estancar a sangria" da Lava-Jato, na expressão imortal do senador Romero Jucá. Na ocasião, Temer mandou dizer que respeitaria a tradição de indicar o primeiro da lista tríplice — e matou a crise. Na semana passada, assim que os integrantes do Ministério Público escolheram os três nomes de sua preferência, Temer descumpriu a promessa e indicou o segundo nome: Raquel Dodge, 55 anos, recebeu 587 votos de seus pares, contra 621 do procurador Nicolao Dino, o mais votado e preferido do atual procurador-geral, Rodrigo Janot, que se tornou o inimigo número 1 do presidente Michel Temer.

É natural que, diante dessa escolha, renasçam as suspeitas de que Temer, sobretudo agora que se tornou o primeiro presidente do país denunciado por corrupção passiva no exercício do cargo *(leia a reportagem na pág. 48)*, tenha descumprido a promessa com o objetivo de, aos poucos e com a discrição possível, ir sufocando a operação que lhe fustiga os calcanhares. Nessas circunstâncias, Raquel Dodge deve assumir em setembro o comando da Procuradoria-Geral da República sob o escrutínio nacional: ela veio para aprofundar as investigações ou para sabotá-las?

CONTRAPONTO Raquel Dodge, a segunda colocada na lista tríplice: adversária dos métodos e do estilo de Janot

NO GABINETE Janot e seus seguranças, e o fac-símile de um dos documentos assinados por Raquel

Aos 55 anos, se passar pela sabatina e tiver seu nome aprovado pelo plenário do Senado, Raquel Dodge será a primeira mulher a assumir o posto mais alto da hierarquia do Ministério Público no país. Na guerra entre Temer e Janot, ela era o nome perfeito para o presidente. Entre os integrantes da cúpula do Ministério Público Federal, da qual fazem parte 73 subprocuradores-gerais que dividem os dois prédios redondos e espelhados da sede da Procuradoria-Geral, em Brasília, Raquel é considerada uma das mais ferrenhas opositoras do atual comandante da instituição. Desde que Janot chegou ao comando da PGR, há pouco menos de quatro anos, a procuradora se insurge contra o estilo de sua administração, que considera extremamente autoritário e pouco agregador. O desapreço é recíproco. Janot, tão logo assumiu, fez questão de deixá-la longe das posições mais relevantes do organograma da instituição. No fundo, cada um fez o jogo do poder corporativo, nem sempre republicano. Um episódio ocorrido há dois anos e meio, e mantido em segredo até agora, ilustra o nível da relação entre os dois.

Em 3 de novembro de 2014, Raquel Dodge nem deveria comparecer à Procuradoria — aquele seria seu primeiro dia de férias —, mas, de surpresa, decidiu passar em seu gabinete para resolver algumas pendências. Chegando lá, percebeu que as luminárias instaladas sobre as mesas de trabalho de todos os ambientes tinham sido removidas e recolocadas no lugar — uma delas ficou solta e chegou a despencar. Havia sujeiras com marcas de impressões digitais no teto. Raquel estranhou e, no mesmo dia, pediu uma conversa com Janot. Àquela altura, eram recorrentes entre os subprocuradores boatos de grampos ilegais no prédio. Ao procurador-geral, ela relatou então o que havia ocorrido e, não satisfeita, preparou

um ofício para formalizar a queixa e pedir providências. No dia seguinte, logo cedo, ao chegar para trabalhar, a chefe do gabinete da procuradora encontrou dois homens, com uma escada, mexendo no teto da copa do gabinete. Os homens saíram do local antes que pudessem ser identificados.

"Perguntei como tinham entrado, pois não havia ninguém no gabinete para recebê-los. Eles responderam que a porta estava destrancada. Informei-me aqui no gabinete, e ninguém havia solicitado a realização de nenhum tipo de serviço na copa", relatou a funcionária. A desconfiança de que os homens haviam entrado sem aviso com o propósito de retirar supostos dispositivos de escuta ambiental fez aumentar ainda mais o nível da suspeita. Avisada desse segundo episódio, Raquel voltou a cobrar Janot. "Solicito a Vossa Excelência que determine a preservação de todas as imagens de acesso de pessoas ao meu gabinete nos dias 3 e 4 de novembro", escreveu em novo ofício, tarjado como sigiloso, ao qual VEJA teve acesso. Com a demora de Janot em adotar providências, a própria Raquel levantou, em conversas com colegas e auxiliares mais próximos, a suspeita de que a suposta arapongagem pudesse estar partindo da área de inteligência da própria PGR, a serviço de Janot.

Um mês depois da desconfiança inicial, ela escreveu novamente ao procurador-geral, agora em tom mais duro, para manifestar "estranheza quanto ao fato de investigação de fato sensível ter sido instaurada apenas em 21.11.2014, somente após eu ter reiterado, em 20.11.2014, pedido de informações sobre a instauração do processo e sobre diligências de investigação". Também reclamou do fato de que, até aquela data, não havia sido feita nenhuma perícia — nem mesmo fotográfica — para preservar as evidências. No mesmo documento, disse claramente o que achava da situação, sem meias palavras: "Equipamentos de escuta já podem ter sido retirados, vestígios já podem ter sido destruídos ou dissimulados e (...) nenhuma medida foi adotada em um mês para preservar minha segurança e a de meu gabinete, apesar de claros sinais de fatos inéditos e anômalos". A reclamação já tinha evoluído para uma (quase) acusação direta a Janot.

A Polícia Federal acabou sendo acionada para fazer uma varredura eletrônica em busca de escutas no gabinete, mas já não havia sinais de equipamentos escondidos. Além de protagonizar divergências com Janot em debates internos, àquela época Raquel Dodge estava se preparando para disputar

"Nenhuma medida foi adotada para preservar minha segurança, apesar de claros sinais de fatos inéditos e anômalos"

um lugar na lista tríplice, cuja eleição se daria no mês de junho seguinte. Ela ficou em terceiro lugar. Janot, em primeiro, foi reconduzido pela então presidente Dilma Rousseff para mais dois anos no cargo. A pessoas próximas, tempos depois, Raquel lamentou que a suspeita de grampo tenha dado em nada. Ela continuava certa de que algo muito errado havia acontecido. A apuração interna solicitada pela subprocuradora foi encerrada em julho de 2016. A VEJA, a Procuradoria-Geral da República afirmou que o procedimento acabou arquivado "diante da ausência de indícios de violação concreta da segurança" do gabinete da subprocuradora. "A suspeita de que a Procuradoria-Geral da República e o próprio procurador-geral estariam por trás da tentativa de grampear a subprocuradora-geral da República é logicamente infundada e jamais foi reportada ao procurador-geral da República", prosseguiu, em nota, a assessoria de Janot.

Se em 2014 as desconfianças de arapongagem não puderam ultrapassar a categoria de suspeita, agora em 2017, na disputa que acabou por colocá-la na cadeira da PGR, Raquel Dodge não tem dúvida de que o gabinete de seu rival Rodrigo Janot atuou para prejudicá-la. Em meio ao clima de intrigas, a procuradora se queixou, a mais de um interlocutor, de que assessores do procurador-geral disseminavam insinuações — ora publicadas na imprensa, ora difundidas entre procuradores por e-mail ou redes sociais — de que ela tem ligações estreitas com políticos do PMDB, entre eles o ex-presidente José Sarney, e de que seria a preferida de Michel Temer porque assumiria o cargo para "acabar com a Lava-Jato". A procuradora garante que não conhece Sarney e que viu Michel Temer pela primeira vez na última quarta-feira, 28, quando foi chamada ao Palácio do Planalto para uma audiência depois de receber a notícia de que fora a escolhida. Não significa, por óbvio, que ela não tenha contatos na política — é próxima, por exemplo, do senador José Serra (PSDB-SP), que conheceu quando ele era ministro da Saúde. Colegas de Ministério Público que já trabalharam com a procuradora garantem, porém, que ela não se encaixa no figurino de engavetadora-geral da República, que poderia agradar às levas de políticos encrencados.

Experimentada na área criminal, com conhecimento de investigação, Raquel Dodge atuou em casos importantes, como o que levou à prisão de José Roberto Arruda, então governador do Distrito Federal. Ela foi a responsável por coordenar a operação que, a exemplo da Lava-Jato, teve delação premiada e ação controlada, com flagrantes gravados em vídeo. "Ela é extremamente

DE SIGILO A DELAÇÃO, UM NOVO PERFIL

NA SURDINA

O sigilo de investigações em andamento é um tema caro à virtual sucessora de Rodrigo Janot. Para Raquel Dodge, alvos não podem ser expostos antes de confirmada a culpa – é um direito básico que ela zela em ver respeitado. A manutenção do segredo, defende, também é importante para garantir o sucesso das apurações. No fim dos anos 1990, a procuradora integrou a força-tarefa responsável por desbaratar o grupo de extermínio liderado pelo ex-deputado federal e ex-coronel da Polícia Militar Hildebrando Pascoal, que ficou conhecido como o "homem da motosserra". A investigação oficial foi cercada de sigilo, pelo temor de que as testemunhas fossem assassinadas. Deu certo. Hildebrando foi condenado a mais de 100 anos de prisão. Recentemente, passou para o regime semiaberto.

técnica, metódica. É também afável, mas ao mesmo tempo firme", diz um amigo. Outro, um procurador que a conhece há mais de duas décadas, repisa: "Se tiver de enfrentar poderosos, ela enfrenta. E, se estiver convencida de que o investigado tem culpa, sai de baixo".

Em tempos de pressão sobre a Lava-Jato, a procuradora vem repetindo que apoiará a operação. Chegou a convidar os atuais integrantes do grupo que auxilia Rodrigo Janot em Brasília a permanecer, muito embora prevaleça, até mesmo entre eles, a certeza de que, após conhecer as minúcias dos procedimentos em andamento, ela acabará substituindo-os um a um por pessoas de sua confiança. Na força-tarefa de Curitiba não deve haver mudanças. Quanto à validade dos acordos de delação premiada, o tema mais candente do momento entre os interessados no futuro da operação, Raquel repete que não tem nada contra conceder benefícios a criminosos que colaboram com as investigações, mas que isso deve ser

NA RETAGUARDA

A opção religiosa de Raquel Dodge foi alvo de ataques dos adversários durante a campanha em que disputou um lugar na lista tríplice para comandar a Procuradoria-Geral da República. Católica praticante, que conhece a *Bíblia* e vai à missa regularmente, ela foi acusada de ser simpatizante de grupos ultraconservadores da Igreja – o que, na visão dos críticos, poderia interferir nas suas posições à frente da PGR. Em resposta, a procuradora negou que orientaria sua gestão por princípios religiosos. Mas, ao mesmo tempo, deu um recado que desagradou aos setores progressistas do Ministério Público. Ela defendeu a ideia de que a instituição não deve aderir ao chamado ativismo judicial, que tem levado os tribunais a decidir como a sociedade deve agir em questões que, a seu ver, deveriam ser definidas em outras esferas, como o Legislativo. Nestes tempos em que temas controversos como aborto e união homoafetiva têm desaguado no Judiciário, Raquel diz que a Procuradoria não deve se arvorar em legislar em parceria com os magistrados – e que esse papel cabe, primordialmente, ao Congresso Nacional.

NO CONTROLE

Muito antes da Lava-Jato, Raquel Dodge coordenou as investigações que levaram à prisão de José Roberto Arruda, então governador do Distrito Federal. Elas contaram com dois recursos que viriam a ser usados, tempos depois, pelos procuradores e policiais federais que apuram os desvios bilionários do petrolão: a ação controlada e a delação premiada. Na Operação Caixa de Pandora, foram flagrados em vídeo pagamentos ao próprio Arruda e a políticos aliados. Uma delação premiada do principal operador do governador ajudou a investigação a deslanchar. Nesse tema, porém, Raquel Dodge agora tenta demarcar diferenças com Rodrigo Janot. A procuradora considera que o MP não deve dar a palavra final sobre os benefícios a ser concedidos aos colaboradores – a tarefa caberia apenas à Justiça. Auxiliares admitem que ela pode tentar rever o acordo da JBS, feito com extremo rigor. No caso específico da delação da JBS, auxiliares da procuradora admitem tratar-se de uma questão em aberto: se ficar provado que a empresa usou informação privilegiada para faturar alto no mercado financeiro, o acordo poderia, sim, ser revisto. Mas isso, por ora, está no campo das possibilidades. Para Temer, seria um tento — e valeria a nomeação.

O martelo do presidente já estava batido sobre o nome de Raquel Dodge antes mesmo de sair o resultado da votação que definiu a lista tríplice. O único problema desenhado no horizonte era a hipótese, remota, de seu nome não figurar entre os três mais votados. Nesse caso, a própria Raquel havia deixado claro que não aceitaria a nomeação. Em favor dela, pesou em primeiro lugar o fato de ser rival declarada de Janot e de ver com reservas os métodos de trabalho dele à frente da Procuradoria. Entre as pessoas mais próximas do presidente, um dos maiores defensores da nomeação de Raquel Dodge foi o ministro Gilmar Mendes, do STF, outro inimigo declarado de Janot. Na terça-feira, véspera da indicação, Mendes e Temer jantaram juntos. No encontro, que não constou da agenda presidencial e do qual também participaram os ministros Eliseu Padilha e Moreira Franco, ambos investigados, o assunto principal foi a escolha da procuradora. Temer saiu de lá decidido a anunciar logo a decisão para reforçar a ideia de que Janot, em vias de ajuizar mais duas denúncias contra ele, é um procurador-geral já próximo à porta de saída.

Nas conversas que manteve com seus apoiadores, Raquel deu sinais de que fará o possível para evitar pirotecnias e, em especial, a exposição indevida de investigados. "Não vai ter pugilato, não vai ter telecatch com o mundo político, mas ela também não tem como deixar de ser rigorosa quando necessário", resume um aliado de primeira hora da procuradora. A esta altura, para os muitos enrolados com a Justiça, qualquer concessão já é de grande valia. ■

REAÇÃO Temer: defesa objetiva substituída por adjetivos e ataques ao procurador, inclusive abaixo da linha da cintura

A NÃO DEFESA DE TEMER

Denunciado por Rodrigo Janot pelo crime de corrupção passiva, o presidente tenta desqualificar a acusação e os acusadores, mas não contesta o principal **ANA CLARA COSTA**

"O SENHOR EX-DEPUTADO Rodrigo Rocha Loures revelou-se indigno da minha confiança. Processá-lo-ei e tudo farei para que pague pelos crimes que cometeu com o uso vil e indevido do meu nome." O fato de as frases fictícias acima jamais terem saído da boca do presidente Michel Temer chega a ser surpreendente. Constatar, afinal, que um amigo em quem se deposita "estrita confiança" foi flagrado usando seu nome para tramar o recebimento de propinas, mais tarde materializadas numa mala recheada com 500 000 reais, seria suficiente para indignar qualquer inocente. Mas Temer perdeu a chance de manifestar essa indignação em seu primeiro pronunciamento, feito logo após a delação do empresário-criminoso Joesley Batista vir a público, e a desperdiçou novamente na terça-feira passada, quando, prestigiado pela companhia do último escalão do Congresso, falou

no Palácio do Planalto sobre a denúncia de corrupção passiva apresentada pela Procuradoria-Geral da República. A defender-se, Temer preferiu atacar o titular da instituição, Rodrigo Janot, insinuando que este recebeu dinheiro ilícito, e mostrar aos parlamentares do Congresso — sobretudo aqueles investigados — que, ao se unirem contra seu algoz, eles teriam todos aumentadas as chances de sobrevivência.

Ao trocar argumentos objetivos por adjetivos, Temer logrou um feito involuntário: robustecer, pela fragilidade de sua não defesa, a denúncia de Janot. O documento de 63 páginas elaborado pela PGR reúne transcrições de interceptações telefônicas, filmagens, fotografias e informações apresentadas pelos delatores da JBS. Com ele, Janot pretende provar que Temer orientou Rocha Loures, solto na sexta passada por habeas-corpus, a receber em seu nome os tais 500 000 reais. Em contrapartida, a JBS seria beneficiada pelo governo por meio de uma decisão do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), com mudanças legais que aumentariam seus lucros no ramo do comércio de gás natural. Ao alinhavar testemunhos, delações e elementos probatórios, a peça compõe um panorama impressionante e contundente da acusação — com uma fragilidade fundamental: não traz a bala de prata. Falta a prova cabal de que Temer seria o destinatário final do dinheiro.

Em seu pronunciamento, Temer cometeu ao menos dois deslizes graves para quem é especialista em direito. Primeiro, disse que o ex-procurador da Lava-Jato Marcello Miller não havia se submetido à devida quarentena antes de se associar ao escritório que prestou serviços à JBS até o início de 2017. Ocorre que nenhuma lei vigente obriga procuradores a cumprir quarentena antes de se associar a qualquer outra empresa. A segunda derrapada foi afirmar que a gravação feita por Joesley no Jaburu, por ser clandestina, era ilícita.

JOESLEY BATISTA O delator

OS TRÊS PRINCIPAIS PONTOS DA DENÚNCIA CONTRA TEMER

O procurador-geral baseou-se em interceptações telefônicas, em gravações e na delação de executivos da JBS para denunciar o presidente da República pelo crime de corrupção passiva

1

Michel Temer recebeu às escondidas Joesley Batista para "tratativas delituosas"

EVIDÊNCIA

A gravação em que Temer diz a Joesley que foi melhor ele ter entrado no Jaburu sem se identificar e sem a presença "da imprensa"

2

Temer deu a Joesley Batista aval para que se encontrasse com Rocha Loures para tratar de corrupção

EVIDÊNCIA

A gravação em que Joesley diz a Loures que a conversa com Temer foi boa e pede a ele a interferência do governo para se beneficiar de uma decisão do Cade

3

Ao receber uma mala com 500 000 reais da JBS, Loures seguiu as orientações de Temer e agiu em seu nome

EVIDÊNCIA

A denúncia traz fortes indícios de que isso ocorreu, mas não provas

Como deve saber o presidente, o termo clandestino não implica natureza ilegal. Significa apenas que a gravação se deu sem o aval de uma das partes da conversa. Até 2009, houve divergência entre ministros do Supremo sobre a aceitação de gravações realizadas nessas circunstâncias. O assunto, contudo, está pacificado. Há jurisprudência clara para o uso desse expediente no âmbito da própria Lava-Jato. O ex-senador petista Delcídio do Amaral teve sua prisão decretada com base em gravações ambientais feitas por Bernardo Cerveró, filho do delator e ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró. Outro caso aceito pela Corte foi o do ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado, que, às escondidas, gravou conversas em que figuras notórias da política, como o ex-presidente José Sarney e os senadores Renan Calheiros e Romero Jucá, tramavam contra a Lava-Jato.

A denúncia de Janot trouxe ainda ao menos dois fatos novos e relevantes que desmentiram alegações do presidente: a de que a gravação de sua conversa com Joesley Batista havia sido editada e a de que fora fortuito seu encontro no Palácio do Jaburu com o empresário-criminoso. A perícia da Polícia Federal foi categórica: não houve adulteração nos áudios. A perícia ainda aumentou o poder de fogo da denúncia contra Temer. Ao recuperar frases antes inaudíveis, deu nitidez a trechos fundamentais da conversa. Uma das frases recuperadas mostra que Temer orientou Joesley para que falasse com Rocha Loures sempre que quisesse fazer sua mensagem chegar ao Planalto. Outra, enigmática apenas para quem prefere encará-la assim, foi dita por Temer quando questionado por Joesley se Loures poderia ser seu interlocutor no Palácio. Disse o presidente: "Pode passar por meio dele, viu?". Passar o quê?

Quem assistiu à cena em que Rocha Loures se esgueira pela rua com o que parece ser uma mala em brasa nas mãos talvez queira arriscar uma interpretação

"DA MINHA ESTRITA CONFIANÇA" Rocha Loures, o homem da mala: sobre ele, nenhuma palavra do presidente

para a frase — mas ainda será apenas uma interpretação. Outra nova informação trazida pela perícia foi o trecho em que Temer diz a Joesley que foi melhor ele ter ido ao Jaburu a horas avançadas, pelo fato de que "não tem imprensa". A afirmação derruba a alegação inicial do presidente segundo a qual havia se encontrado com o empresário pelo motivo singelo de ser ele um dos maiores produtores de carne do Brasil, "talvez do mundo". Para a PGR, a frase reforça a verdadeira explicação para as condições inusitadas em que se deu o encontro entre o empresário-criminoso e o presidente: o segundo não queria que o encontro fosse do conhecimento de jornalistas — "para não demonstrar sua ciência de que os assuntos a serem tratados seriam escusos".

Temer acusou Janot de ter produzido um relatório de "ilações". Sua denúncia seria uma "peça de ficção" pelo fato de não trazer provas materiais de que o dinheiro se destinava a ele — e tem razão no último ponto: Janot diz que Temer recebeu o dinheiro, chega a afirmar que não existe "ressaibo de dúvidas" quanto a isso, mas não há um fiapo de prova de que o dinheiro tenha, de fato, ido parar no bolso do presidente. No entanto, a existência de provas materiais não é pré-requisito para uma denúncia. O jurista Modesto Carvalhosa diz que, ainda que possa ser considerada frágil uma denúncia sem esse tipo de elemento, isso não é impeditivo para que ela seja aceita pela Justiça. "A produção de provas cabe também à fase probatória da ação penal, que ocorre depois que a denúncia é aceita, no momento em que são ouvidas as testemunhas", afirma.

Além das provas que já estavam em posse da PGR, Janot embasou a denúncia no relatório da PF que apontava que o presidente cometeu crime de corrupção passiva. Outros dois relatórios foram produzidos pela polícia indicando crimes de obstrução da Justiça e organização criminosa, o que sinaliza a possibilidade de duas outras denúncias virem a ser feitas no decorrer das próximas semanas. Cada uma delas deve tramitar na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) antes de ser apresentada ao plenário, onde terá de ser aprovada por 342 dos 513 deputados para que o presidente se torne, de fato, réu *(veja a reportagem na pág. 52)*. Se isso acontecer, Temer se afastará do cargo por até 180 dias e, a depender da investigação do STF, poderá não voltar mais. ■

DORA KRAMER

POR QUE FICAR, FICAR POR QUÊ?

A rigor o país não precisa de presidente denunciado para avançar

DEPUTADO DESPROVIDO de quantidade significativa de eleitores, frequentador assíduo dos últimos lugares nas listas de votação em São Paulo, mas sempre eleito, Michel Temer era um homem de sorte. Na condição de vice-presidente de Dilma Rousseff por duas vezes, na última delas estava no lugar certo na hora certa.

Em 7 de março último, no entanto, a boa ventura o abandonou: era o homem errado na hora mais inapropriada possível ao receber o empresário Joesley Batista no Palácio do Jaburu mediante dribles na segurança e na transparência, quesitos indispensáveis ao exercício do cargo herdado da titular da chapa eleita em 2010 e reeleita em 2014.

Ocorre que a sorte da gente é a gente que faz, ensina Paulinho da Viola em *Novos Rumos*, cuja letra remete à circunstância de que o azar também é obra de escolhas pessoais. Michel Temer escolheu dar sorte para o azar. Fez isso várias vezes. Quando imaginou que seu governo-tampão seguiria os ditames de calmaria do pós-impeachment de Fernando Collor, quando desconsiderou a conveniência de aplicar a todo o ministério os mesmos critérios adotados na formação da equipe econômica, quando insistiu nas práticas da velha política numa sociedade que clama por novos moldes e, agora, quando se mostra disposto a fazer qualquer negócio para se manter no cargo.

Temer se agarra a um poder esgarçado tentando vender ilusões com pronunciamentos eivados ora de imprecisões, ora de mentiras. Vale dizer, desmentidas em esmiuçadas análises ponto a ponto num excelente serviço prestado pela imprensa, que, aliás, deveria ter feito o mesmo com os discursos trapaceiros dos antecessores Lula e Dilma.

A manobra mais astuciosa do jogo de aparências patrocinado pelo governo é aquela segundo a qual, se está ruim com Michel Temer, pior ficaria sem ele. É de perguntar para quem além do próprio e de seus confluentes. No plano internacional já se viu que Temer não encontra abrigo. Os chefes de Estado não incluem Brasília no roteiro de viagens e, quando é o presidente a viajar, viu-se nessa última incursão pelo mundo que o vexame imprime sérios riscos de se tornar serventia da casa.

Na economia a tese é desmentida pela relativa calmaria dos indicadores, notadamente bolsa e cotação do dólar, no período crítico depois da divulgação da conversa com o dublê de "bandido" e "maior produtor de proteína animal do país, se não do mundo", para usar definições do presidente. O avalista, no caso, não é o presidente, mas o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, e companhia.

Na política, ora, por quem sois, a presença de Temer é o fator de instabilidade. Substituí-lo pelo presidente da Câmara e depois por um eleito pelo Congresso seria trocar seis por meia dúzia até 2018, não fosse Michel Temer protagonista de uma acusação de corrupção passiva, visto pela Polícia Federal como candidato a processos por obstrução da Justiça e participação em organização criminosa.

Para avançar, o Brasil precisa de várias coisas, mas não precisa de um presidente denunciado na chefia da nação. ■

AÉCIO: DE VOLTA AO SENADO

Depois da hecatombe, Aécio Neves tem recebido boas notícias. Sua irmã Andrea Neves deixou a prisão preventiva para ficar em prisão domiciliar. Agora, ele próprio recuperou o exercício do mandato parlamentar – o que reduziu a possibilidade de que sua prisão venha a ser decretada. Na sexta-feira, o ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo Tribunal Federal, revogou o afastamento do tucano de suas atividades como senador, cancelando assim a decisão tomada em maio pelo ministro Edson Fachin. No mesmo despacho, Mello negou o pedido da Procuradoria-Geral da República para prender o senador sob a justificativa de garantia da ordem pública. A decisão do ministro, contudo, não garante tranquilidade permanente a Aécio. A PGR deve entrar com recurso contestando as duas decisões. Nesse caso, caberá à Primeira Turma, da qual Marco Aurélio faz parte, decidir sobre o futuro do tucano. Também nesta semana, Aécio soube que dois dos cinco inquéritos da Lava-Jato que resultaram de delações de executivos da Odebrecht terão relatoria de ministros próximos do PSDB. Gilmar Mendes, seu amigo e aliado até na hora de cabalar votos no Congresso, será relator de inquérito sobre doações ilegais da empreiteira a Aécio na eleição de 2014. Alexandre de Moraes, ex-ministro de Temer, vai relatar o inquérito sobre corrupção, cartel e fraude na construção do Centro Administrativo de Minas Gerais.

OS SÚDITOS FIÉIS

Agora, o futuro de Temer – e do país – está nas mãos dos 513 deputados, parte dos quais batalha para livrar-se da polícia e da Justiça **ROBSON BONIN E EDUARDO GONÇALVES**

O EX-PRESIDENTE Fernando Henrique Cardoso pediu ao presidente Michel Temer que, num "gesto de grandeza", encurte o próprio mandato e antecipe as eleições. Na pesquisa mais recente do instituto Datafolha, 76% dos brasileiros querem a renúncia de Temer. Mas o futuro do governo — e do país — não está nos gestos nobres, nem na opinião dos eleitores: está nas mãos dos 513 deputados federais, que votarão se aceitam a denúncia apresentada pelo procurador-geral Rodrigo Janot.

É por isso que, ao assumir o púlpito do Palácio do Planalto na terça-feira 27 para responder à denúncia, Temer cercou-se de deputados e a eles endereçou seu discurso. Havia ali dois senadores e 78 deputados, quase todos do baixo clero, como é chamado o estamento cuja relevância se resume à quantidade. Ao lado de Temer, onze são investigados na Lava-Jato e em outras operações *(confira na foto acima)*. Por razões óbvias, trata-se de uma turma especialmente sensível ao ímpeto investigativo dos procuradores.

É também por isso que Temer concentrou sua fala em ataques duros

Presidente da República, Michel Temer

Denunciado na Lava-Jato por corrupção passiva

Deputada Raquel Muniz (PSD-MG)

Foi investigada junto com o marido por falsidade ideológica e lavagem de dinheiro. O inquérito foi arquivado

Deputado Marcelo Squassoni (PRB-SP)

Foi investigado por peculato e corrupção. Os crimes prescreveram e o inquérito foi arquivado

Deputado Julio Lopes (PP-RJ)

Investigado com base na delação da Odebrecht por corrupção e lavagem de dinheiro

Ministro-chefe da Casa Civil Eliseu Padilha

Alvo de dois inquéritos na Lava-Jato, por corrupção e lavagem de dinheiro, com base na delação da Odebrecht. E de outros dois por crime ambiental e grilagem

Deputado Simão Sessim (PP-RJ)

Investigado na Lava-Jato por corrupção, lavagem de dinheiro e organização criminosa

Deputado Luiz Carlos Heinze (PP-RS)

Investigado na Lava-Jato por corrupção, lavagem de dinheiro e organização criminosa

DIZ-ME COM QUEM ANDAS Temer, com aliados, em discurso no Planalto: todos comungam da repulsa a Janot

contra Janot, chegando a insinuar que o procurador recebeu dinheiro para aceitar a delação de Joesley Batista, o criminoso "confesso" — que, aliás, 81% dos brasileiros querem ver na cadeia. Para os deputados com polícia e Justiça nos calcanhares, não há hoje figura pública mais perversa que o procurador Janot.

Quando chegar ao plenário da Câmara, a denúncia contra Temer só será aprovada se contar com o aval de 342 deputados, no mínimo. Se o presidente tiver o voto de 172, estará salvo. Neste momento, conta com número muito superior ao necessário. Pelos cálculos do governo, metade da Câmara continua fiel a ele. E o presidente fará todo o possível para manter esse apoio.

Experiente, Temer sabe lidar com os deputados. Liga diretamente para eles, responde a mensagens pelo WhatsApp. Mauro Pereira, do PMDB gaúcho, derrete-se com esses agrados. Há pouco, levou um grupo de funcionários públicos de Caxias do Sul para visitar Temer no gabinete. "Tiramos até foto", diz ele, garantindo que a atenção presidencial capturou seu voto. Além disso, há gentilezas sonantes, que fazem muito sucesso, e a confluência de interesses. Diz o professor Carlos Melo, do Insper: "Os deputados pensam assim: 'Se pegarem o presidente, qualquer um poderá ser pego'. É um sistema de interesse e de proteção mútua. Percebe-se que os três grandes partidos, PSDB, PT e PMDB, estão de alguma forma se protegendo mutuamente. Se cai Temer, pode vir prisão para Aécio e, naturalmente, para Lula". Ah, sim: não se pode esquecer o fisiologismo desbragado. Já se oferece a presidência de Furnas ao deputado Rodrigo Pacheco, do PMDB mineiro, que escolherá o relator da denúncia contra Temer. ■

OITO DELATORES NÃO FORAM SUFICIENTES João Vaccari, absolvido pelo TRF4: para o tribunal, faltaram provas

O PARÂMETRO VACCARI

O que significa a absolvição, pelo Tribunal Regional Federal, do ex-tesoureiro do PT, que o juiz Sergio Moro havia condenado **RENATO ONOFRE**

O EX-TESOUREIRO do PT João Vaccari Neto foi acusado por oito delatores da Lava-Jato de ter intermediado, durante quase uma década, repasses do propinoduto da Petrobras para o PT. Segundo o delator Augusto Mendonça, o dinheiro chegava ao partido por meio de "doações oficiais" feitas por empresas beneficiadas por contratos com a estatal, como a Toyo Setal, que ele representava. Em depoimento à Justiça, Mendonça disse que Vaccari tinha conhecimento dessas doações e sabia que sua origem eram propinas combinadas com a diretoria de Serviços da Petrobras, comandada por Renato Duque. O também delator Pedro Barusco, ex-gerente da estatal, afirmou que eram frequentes as reuniões entre Vaccari e Duque para o acerto de pagamentos de propina. Ele próprio admitiu ter participado de algumas. O papel de Vaccari no recolhimento de dinheiro sujo para o PT foi confirmado em declarações dos delatores Alberto Youssef, Paulo Roberto Costa, Eduardo Hermelino Leite, Júlio Camargo, Milton Pascowitch e Ricardo Pessoa.

Nada disso, porém, foi suficiente para convencer os desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) da culpa do ex-tesoureiro. Na semana passada, por 2 votos a 1, Vaccari foi absolvido por "insuficiência de provas". Para o desembargador Leandro Paulsen, um dos que votaram a favor do réu, a "existência exclusiva de depoimentos prestados por colaboradores não é capaz de subsidiar a condenação". Eis o ponto central a ressaltar: o TRF4 informa que apenas delações — duas, cinco, doze, pouco importa — não bastam para obter uma condenação.

A decisão do tribunal nocauteia a sentença dada pelo juiz Sergio Moro, que em setembro de 2015 condenara o petista a quinze anos e quatro meses de prisão por corrupção passiva, lavagem de di-

LEIA ANTES QUE SEJA TARDE

NA EDIÇÃO DE JULHO, DESCUBRA COMO O RÁPIDO DEGELO DA ANTÁRTIDA AMEAÇA CIDADES COMO RIO DE JANEIRO E LOS ANGELES

JÁ NAS BANCAS!

SE PREFERIR, ASSINE PELO SITE ASSINENATGEO.COM.BR OU LIGUE PARA (11) 3512-9436.

DISPONÍVEL TAMBÉM NO APP NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

NATIONAL GEOGRAPHIC

A REVISTA PARA IR MUITO ALÉM

/REVISTANATGEOBRASIL | @REVISTANATGEOBRASIL | @REVISTANATGEOBR | WWW.NATIONALGEOGRAPHICBRASIL.COM

A TERCEIRA QUEDA DE PALOCCI

Cada vez mais próximo da delação, o ex-homem forte dos governos Lula e Dilma é condenado a doze anos de prisão na Lava-Jato

PRESO E, AGORA, CONDENADO Palocci: há nove meses na prisão

Ele era o "Italiano" das planilhas da Odebrecht, foi o "principal administrador da conta-corrente de propinas" com que a empreiteira abastecia os cofres do PT e usou de seus poderes como chefe da Casa Civil e membro do Conselho de Administração da Petrobras para favorecer a construtora em licitação milionária. Em troca, recebeu, movimentou e ocultou 10 milhões de dólares, usados, entre outras coisas, para "remunerar, sem registro", marqueteiros que ajudaram a "fraudar sucessivas eleições no Brasil, contaminando-as com recursos provenientes de corrupção".

As conclusões constam da sentença em que o juiz Sergio Moro condenou o ex-ministro Antonio Palocci a doze anos de prisão pelos crimes de lavagem de dinheiro e corrupção passiva. Foi a primeira condenação de Palocci na Lava-Jato – e sua terceira estrondosa queda nos últimos dez anos. Em 2006, então ministro da Fazenda do governo Lula, Palocci viu-se obrigado a deixar o governo diante da acusação de ter determinado a quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo dos Santos Costa, que depusera contra ele. Em 2011, chefe da Casa Civil de Dilma, teve de abandonar o cargo por acusação de enriquecimento ilícito.

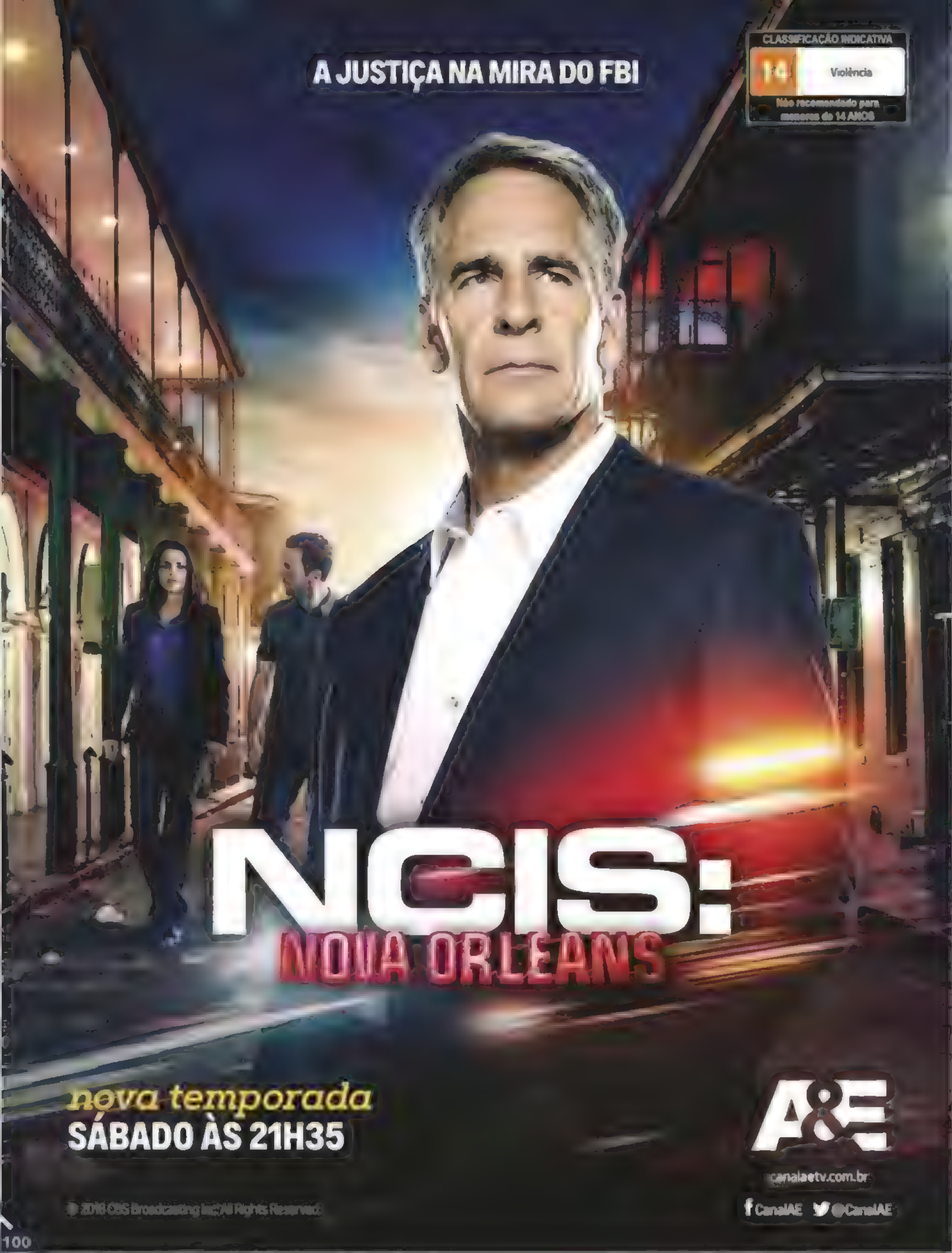
Preso há nove meses, o ex-homem forte dos governos do PT ainda é réu em outra ação na Lava-Jato, na qual é acusado de corrupção e lavagem de dinheiro na compra de um prédio que seria usado para sediar o Instituto Lula. As negociações para um acordo de delação premiada com a Procuradoria-Geral da República avançaram nas últimas semanas. Se o trato for concretizado, Palocci se transformará no primeiro cardeal petista a apontar o dedo para o partido – e outras tantas vítimas.

Bruna Narcizo

nheiro e organização criminosa. Vaccari ainda tem outras quatro condenações em primeira instância na Lava-Jato.

Das 43 condenações proferidas por Moro na Lava-Jato e submetidas ao TRF4, cinco viraram absolvições. No caso de Vaccari, porém, duas coisas chamam atenção: o gradiente que separa o rigor da sentença — quinze anos de prisão contra nenhum — e o fato de ser a terceira vez que o TRF4 invoca o mesmo argumento para absolver um réu da Lava-Jato. As duas ocasiões anteriores envolveram os ex-executivos da OAS Mateus Coutinho e Fernando Andrade, condenados por Moro a onze anos de cadeia e quatro anos no regime aberto, respectivamente. Os dois tiveram suas penas anuladas no tribunal pelo mesmo motivo que beneficiou Vaccari: a corte entendeu que as condenações estavam baseadas exclusivamente em depoimentos de delatores, sem que tenham sido apresentadas provas suficientes para embasá-los. Então, nada feito.

A reiteração da decisão do TRF4 nesse sentido pode beneficiar réus como o ex-ministro Antonio Palocci, condenado pela primeira vez na semana passada em situação análoga à de Vaccari (a sentença de Moro contra o ex-ministro se baseia na acusação de testemunhas e delatores), mas não deverá impactar casos como o do ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha e do ex-ministro José Dirceu, em que há documentação probatória, além do testemunho de delatores. O "parâmetro Vaccari", no entanto, pode voltar a beneficiar o próprio ex-tesoureiro petista. Nos outros quatro processos em que foi condenado por Moro não há prova material de sua participação no esquema de corrupção, embora exista uma abundância de depoimentos de colaboradores nesse sentido. Essa situação pode ajudar a explicar o fato de Vaccari, cujas penas já somam mais de trinta anos de prisão, ter resistido até agora a delatar. Talvez esteja seguro de que, sem provas além de delações, acabará absolvido. ■


A JUSTIÇA NA MIRA DO FBI
CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
14
Violência
Não recomendado para menores de 14 ANOS
NCIS:
NOVA ORLEANS
nova temporada
SÁBADO ÀS 21H35
A&E
canalaetv.com.br
CanalAE
@CanalAE
© 2018 CBS Broadcasting Inc. All Rights Reserved.

A COLÔMBIA EM

O acordo com as Farc reduziu o número de sequestros, assassinatos e extorsões. Mesmo assim, os colombianos estão desanimados com o presidente que ganhou o Nobel **DUDA TEIXEIRA**

AFP

GOSTO DUVIDOSO Santos com Rodrigo Londoño, o Timochenko, das Farc, e uma "obra de arte" que mistura pá com fuzil

NO LIVRO *O General em Seu Labirinto*, o romancista colombiano Gabriel García Márquez narra a trajetória do general Simón Bolívar, que, tendo suas ambições políticas rejeitadas pelo povo da Colômbia, tentou deixar o país rumo ao exílio, mas morreu antes de alcançar seu objetivo. "O resto era escuridão. *Carajos*... Como posso sair deste labirinto!", exclama o personagem. A amargura e a melancolia da narrativa lembram um pouco os dilemas enfrentados pelo atual presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos. Em dezembro do ano passado, ele recebeu em Oslo, na Noruega, o Nobel da Paz. Sua façanha foi conseguir um acordo de paz com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), narcoguerrilha que infeniza o país há décadas. Na semana passada, seus integrantes entregaram 7132 armas a uma missão da ONU. Mas os colombianos recebe-

SEU LABIRINTO

ram a notícia com desânimo. O governo de Santos, que comandou a cerimônia de entrega com o líder das Farc, Rodrigo Londoño, é aprovado por apenas um quarto da população.

Iniciadas em 2012, as negociações com as Farc conseguiram acelerar uma tendência, que já vinha de anos anteriores, de queda na violência. O ano de 2016 foi o que registrou a menor quantidade de assassinatos em quatro décadas. A taxa de homicídios hoje é menor que a do Brasil (24,4 contra 28,9 para cada 100 000 habitantes). Os sequestros, que já alcançaram um pico de 3 500 em 2000, chegaram a apenas 205 no ano passado.

A narrativa e a sensação da população, porém, não correspondem a esses números. Para 86% dos colombianos, a segurança está piorando. "Não há otimismo porque, apesar de todos os avanços, o sentimento de insegurança surpreendentemente continua alto", diz o economista Martín Orozco, presidente do instituto de pesquisas de opinião Invamer, em Medellín. Segundo dados da empresa, 15% dos colombianos declaram que foram vítimas de violência no último ano. É a mesma taxa de outros anos, só que a natureza dos crimes mudou muito. Se antes os relatos mais representativos eram de delitos atrozes como sequestros e assassinatos, atualmente o passo lento da economia, que neste ano deve crescer 2%, faz com que a maior parte seja de furtos de celular e carteira. São atos bem menos graves, mas geram uma avaliação negativa do governo do mesmo jeito.

Outro ponto que atrapalha Santos são os diabos escondidos nos detalhes do acordo de paz. "Para a maior parte dos colombianos, o acordo não foi obra de Santos, e sim uma decisão das Farc", diz o cientista político e antropólogo Eduardo Álvarez, da Pontifícia Universidade Javeriana, em Bogotá, e pesquisador da Fundação Ideias para a Paz. As maiores críticas são dirigidas aos termos da anistia aos terroristas, que, apesar dos crimes graves, não serão mandados para a prisão. "A ideia geral é que eles ganharam muito dinheiro e poderão aproveitar a vida em liberdade", diz o colombiano Carlos Lemoine, presidente da consultoria CNC, que realiza pesquisas de opinião. Entre as diversas fontes de financiamento usadas pelas Farc estavam a mineração ilegal, o narcotráfico e a extorsão de pessoas e de empresas. Uma delas era a brasileira Odebrecht, que, segundo revelou VEJA, pagou durante vinte anos um pedágio mensal para poder operar no país. Por essas questões, quase metade da população gostaria que o acordo fosse renegociado em outros termos *(veja o quadro ao lado)*.

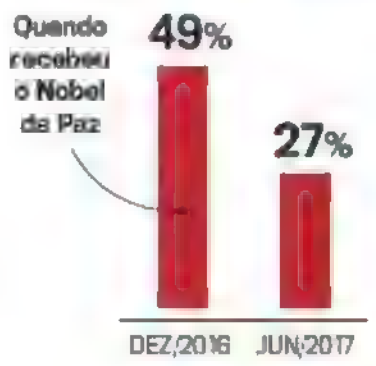
Os nós e os parágrafos obscuros do acordo não teriam tanta relevância se não fossem bem explorados pela oposição. O principal rival de Santos é seu antigo chefe, o ex-presidente Álvaro Uribe, de quem foi ministro da Defesa. Em seu mandato, Uribe esmagou as Farc. Foi esse enfraquecimento que mais tarde levou o grupo a não ver outro caminho a não ser se submeter a uma negociação de paz. Desde que deixou a Presidência, Uribe tem atacado sem descanso toda aproximação com os terroristas. Suas palavras reverberam principalmente nos que vivem em áreas rurais e estão mais sujeitos à violência de outros grupos armados, como o Exército de Libertação Nacional (ELN), o marxista-leninista Exército Popular de Libertação (EPL), o Clã do Golfo, sem ideologia, e os dissidentes das Farc. Eles não têm condições de ameaçar o Estado colombiano, como as Farc fizeram no passado. Somados, são menos numerosos: 4 000 membros contra 7 000 das Farc. Ao continuarem na ativa, porém, fazem parecer que todo o esforço foi em vão. ■

A PAZ SEGUNDO OS COLOMBIANOS

A população está dividida sobre o acordo com as Farc

O próximo presidente deve apoiar o processo de paz ou renegociá-lo?

A aprovação de Juan Manuel Santos



Fonte: CNC

NAS MÃOS DO GIGANTE

Vinte anos depois de sua devolução à China pelos ingleses, Hong Kong enfrenta a corrosão das liberdades democráticas **JOHANNA NUBLAT E LUIZA QUEIROZ**

O DIA 1º DE JULHO marca os vinte anos da devolução de Hong Kong à China, depois de um século e meio como colônia britânica. Sob a perspectiva do governo do presidente chinês Xi Jinping, há muito a festejar: a data simboliza o retorno do território aos braços pátrios, o que lhe permitiu ser governado com autonomia pelo próprio povo. A realidade, no entanto, é vista de outra forma por uma parcela da população de Hong Kong, sobretudo os jovens. Um deles é Joshua Wong, 20 anos, figura central do Movimento dos Guarda-Chuvas, que tomou as ruas da cidade em 2014 cobrando eleições livres. "É difícil, para mim, entender que sou parte de um país governado por uma ditadura de um partido, porque isso não é democracia", disse Wong a VEJA, horas antes de ser detido por participar de um protesto às vésperas de uma visita de Xi à cidade (*leia a entrevista abaixo*). "O mundo está vendo. Só Xi Jinping que não", gritavam os manifestantes.

Para os jovens do Movimento dos Guarda-Chuvas, o governo de Pequim descumpriu a promessa, feita em 1984, de manter "um país, dois sistemas" por cinquenta anos após a devolução do território. Por esse conceito, Hong Kong teria algumas de suas características democráticas e um estilo de vida próprio (dois sistemas) preservados, ao mesmo tempo que estaria sob a supervisão da ditadura chinesa (um país). Em 1997, quando foi devolvida à China — 156 anos depois de os ingleses terem conquistado a área do império Qing, na Guerra do Ópio —, Hong Kong era uma cidade moderna. Tinha uma economia que representava quase um quinto da chinesa, um sistema judiciário independente e uma imprensa livre. Atualmente, seu peso na economia nacional é menor, mas ainda conta com liberdades inexistentes na China continental. Não há restrição, por exemplo, para acessar o Google e o Facebook e, oficialmente, as manifestações de rua são permitidas.

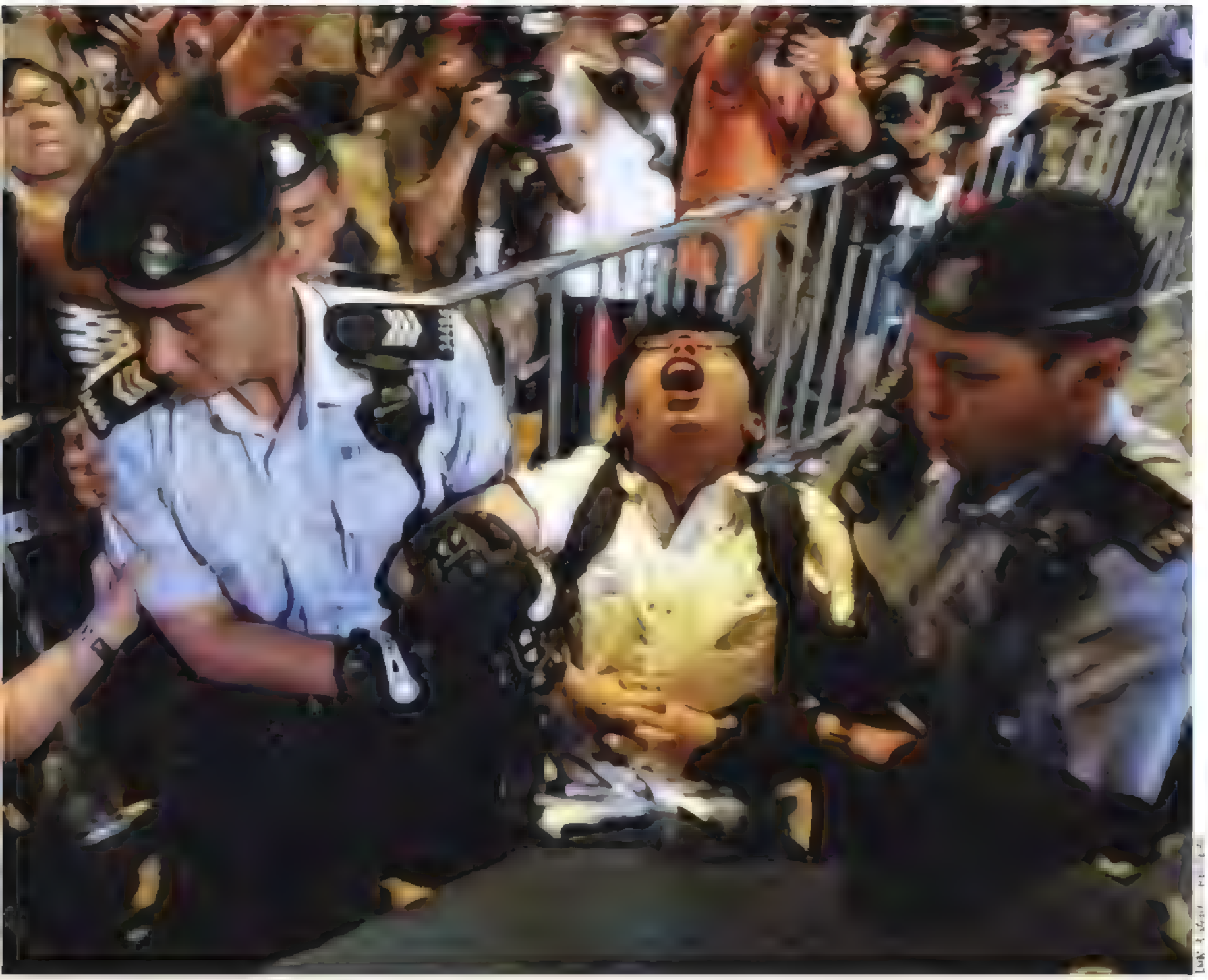
O grau de liberdade dos moradores de Hong Kong, porém, tem sido corroído de diversas maneiras pelo governo de Xi Jinping, iniciado em 2013. Há dez anos, a China havia prometido que em 2017, pela primeira vez na história, seriam realizadas eleições universais para a chefia do governo de Hong Kong. Até então, apenas um grupo de 800 pessoas podia votar. Em 2014, porém, Pequim estabeleceu que os candidatos teriam de ser pré-aprovados pelo governo central chinês. A peneira oficial foi

"UM PAÍS, UM SISTEMA E MEIO"

VEJA conversou por telefone com o estudante Joshua Wong, de 20 anos, que lidera o movimento pela democracia em Hong Kong, na manhã da quarta-feira 28, no fuso chinês. Em 2014, seu rosto franzino se destacou no meio das manifestações em defesa do voto direto que ficaram conhecidas como Movimento dos Guarda-Chuvas. Doze horas depois da entrevista a VEJA, quando liderava mais de trinta jovens em um protesto junto a um monumento à devolução de Hong Kong pelo Reino Unido, Wong foi detido pela polícia e libertado 32 horas mais tarde. Neste ano, Wong teve sua história registrada no documentário *Joshua: Adolescente Versus Superpotência*, disponível na Netflix. A seguir, sua entrevista.

O que mudou depois de vinte anos da devolução de Hong Kong? Quando o território foi entregue pela Inglaterra, a promessa era que teríamos "um país, dois sistemas". Em Hong Kong, nós ainda temos acesso livre à informação e não somos afetados pela censura da China continental. Mas o que temos hoje é "um país, um sistema e meio". O que havia de democracia foi reduzido porque a China tem violado constantemente os direitos humanos. Quando Pequim fala em "um país, dois sistemas", está mentindo.

Qual é o objetivo do Movimento dos Guarda-Chuvas? Democracia e autonomia. Em vez de o regime comunista selecionar os candidatos, as pessoas de Hong Kong desejam participar de eleições livres. Queremos o direito de escolher livremente o líder do nosso Executivo. Determinar o próprio destino. Mas o governo chinês ignorou a promessa feita na declaração conjunta assina-



RESISTÊNCIA
Wong no momento de sua prisão, na semana passada, durante protesto em Hong Kong

da em 1984. Ele tem uma interpretação própria do que é sufrágio universal.

O que acontecerá daqui a trinta anos, quando termina o conceito de "um país, dois sistemas"? Minha esperança é que os moradores de Hong Kong possam decidir sobre a autonomia em um referendo.

Os moradores de Hong Kong estão cientes da importância da democracia? Acredito que sim. Se não fosse assim, eles não teriam se juntado ao Movimento dos Guarda-Chuvas. A geração mais nova provou que pode gerar mudanças na sociedade e ganhou apoio. Nas legislativas, a maioria votou em candidatos pró-democracia.

Em algum momento, você achou que perdeu sua adolescência por ter se envolvido tão jovem na política? Hong Kong é o lugar em que nasci, em que vivo e que amo. Vale a pena lutar pelo que queremos mesmo que tenhamos de pagar um preço por isso.

Você se considera chinês? É difícil, para mim, entender que sou parte de um país que é governado por uma ditadura de um partido, porque isso não é democracia. Eu me reconheço como etnicamente chinês, mas não me vejo como um cidadão chinês, como alguém que possa ser perfilado em uma lista negra na China continental.

NOBEL PRESO Liu Xiaobo recebe tratamento contra câncer, em vídeo divulgado pelo governo chinês na semana passada

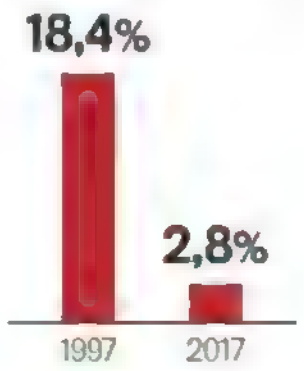
recebida com revolta, e centenas de milhares de jovens ocuparam as principais ruas da cidade por 79 dias munidos com guarda-chuvas, que eram usados para protegê-los dos sprays de pimenta da polícia. "A ocupação de 2014 e o movimento de independência que surgiu na sequência demonstram que existem visões divergentes a respeito do futuro de Hong Kong: há os que aceitam ser parte da China, mas estão frustrados com a falta de reforma política, e os que querem uma democracia que vá além do que diz a lei", diz Tim Summers, professor de relações internacionais da Universidade de Hong Kong.

Ao reprimir o movimento por democracia, Xi pretende evitar que a rebeldia seja replicada nas regiões autônomas do Tibete, com sua maioria budista, e de Xinjiang, que tem uma maioria muçulmana. "Xi assumiu dizendo que o partido e o governo deveriam reforçar a disciplina interna e seu poder sobre o país, sob o risco de perderem o controle. Isso levou a um amplo endurecimento em toda a China, incluindo Hong Kong", afirma Maya Wang, pesquisadora da Human Rights Watch, entidade de defesa dos direitos humanos. O recrudescimento da repressão é demonstrado pelo caso de Liu Xiaobo, escritor chinês que participou dos protestos pacíficos que culminaram no massacre da Praça da Paz Celestial, em Pequim, em 1989. Liu ficou preso durante dois anos logo após aquele episódio. Em 2009, foi novamente condenado à cadeia por assinar um manifesto pró-democracia e a favor dos direitos humanos. No ano seguinte, ganhou o Nobel da Paz, mas continuou preso até a semana passada, quando foi liberado para se tratar de um câncer avançado de fígado.

O DRAGÃO FAMINTO

A China cresceu tanto nos últimos vinte anos que, comparativamente, a economia de Hong Kong se tornou menos relevante

PIB do território em relação ao da China



Fonte: *FMI*

Os cidadãos de Hong Kong temem, com razão, que no futuro sejam submetidos ao mesmo regime rígido do restante da China. "Depois do fracasso parcial dos protestos, as pessoas começaram a ficar pessimistas. Se uma mobilização daquele tamanho não obteve a democracia, o que mais poderia ser feito?", diz Mathew Wong, professor da Universidade de Hong Kong. Os ventos de Pequim formam tempestades para os frágeis guarda-chuvas de Hong Kong. ■

FESTIVAL CAMPOS

01.07.17

—

30.07.17

Mais de 80 concertos,
a maioria gratuita,
em Campos do Jordão
e na Sala São Paulo.

Festival de Inverno de Campos do Jordão
Dr. Luis Arrobas Martins

festivalcamposdojordao.art.br

PATROCÍNIO COPATROCÍNIO APOIO PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

GENRO Kushner pegou empréstimo com banco enrolado um mês antes das eleições. No detalhe, a capa falsa da *Time*

A VERDADE SOFRE

Não passa uma semana sem que novas revelações liguem a equipe de Trump aos russos – e o presidente sempre recorre à desgastada tática de atacar o mensageiro **JOHANNA NUBLAT**

UMA DAS ATIVIDADES preferidas do presidente Donald Trump é atacar a imprensa que publica reportagens críticas a sua gestão. Seguindo seu raciocínio, notícias negativas só podem ser falsas (*fake news*, no jargão que Trump popularizou). Na quinta-feira 29, o republicano extrapolou ao chamar de "louca" uma âncora de TV e dizer que ela visitou um de seus campos de golfe sangrando no rosto em decorrência de uma cirurgia plástica. A despeito do *bullying* presidencial, a imprensa não se intimida e continua empenhada em desvendar os problemas da gestão, com incrível sucesso. Frequentemente, as encrencas têm vínculo com a Rússia, que, segundo o FBI, a polícia federal americana, atuou a favor do republicano nas eleições de 2016.

No domingo 25, o jornal *The Washington Post* revelou que a empresa de Jared Kushner, genro e assessor de Trump, fechou um financiamento de 285 milhões de dólares com o Deutsche Bank um mês antes da eleição. À época, o Deutsche negociava um acordo nos Estados Unidos para encerrar um caso de lavagem de dinheiro na Rússia. Na terça-feira, a notícia foi que Paul Manafort, ex-chefe da campanha presidencial de Trump, registrou com atraso, no Departamento de Justiça, sua atuação como consultor político para um partido ucraniano pró-Moscou entre 2012 e 2014.

Como notícias boas têm sido raras, Trump comemorou a liberação, pela Suprema Corte, da aplicação parcial de seu veto à entrada no país de viajantes vindos de seis países muçulmanos, medida que estava suspensa pela Justiça desde fevereiro. Como o efeito prático da suspensão é pequeno, a imprensa americana gastou mais tempo tripudiando sobre uma descoberta singular: cinco hotéis de Trump ostentam, na parede, uma capa da revista *Time*, de 2009, que o cobre de elogios. A capa, porém, é falsa. É *fake news*. ■

DE TEMPOS EM TEMPOS
A ARTE TRANSFORMOU O MUNDO.
CHEGOU A HORA
DE TRANSFORMAR VOCÊ.

FOLHA

GRÁTIS

R$ 19,90*

TODO DOMINGO
NAS BANCAS

ASSINANTE FOLHA:

COLEÇÃO FOLHA
O MUNDO DA ARTE

Impressionismo

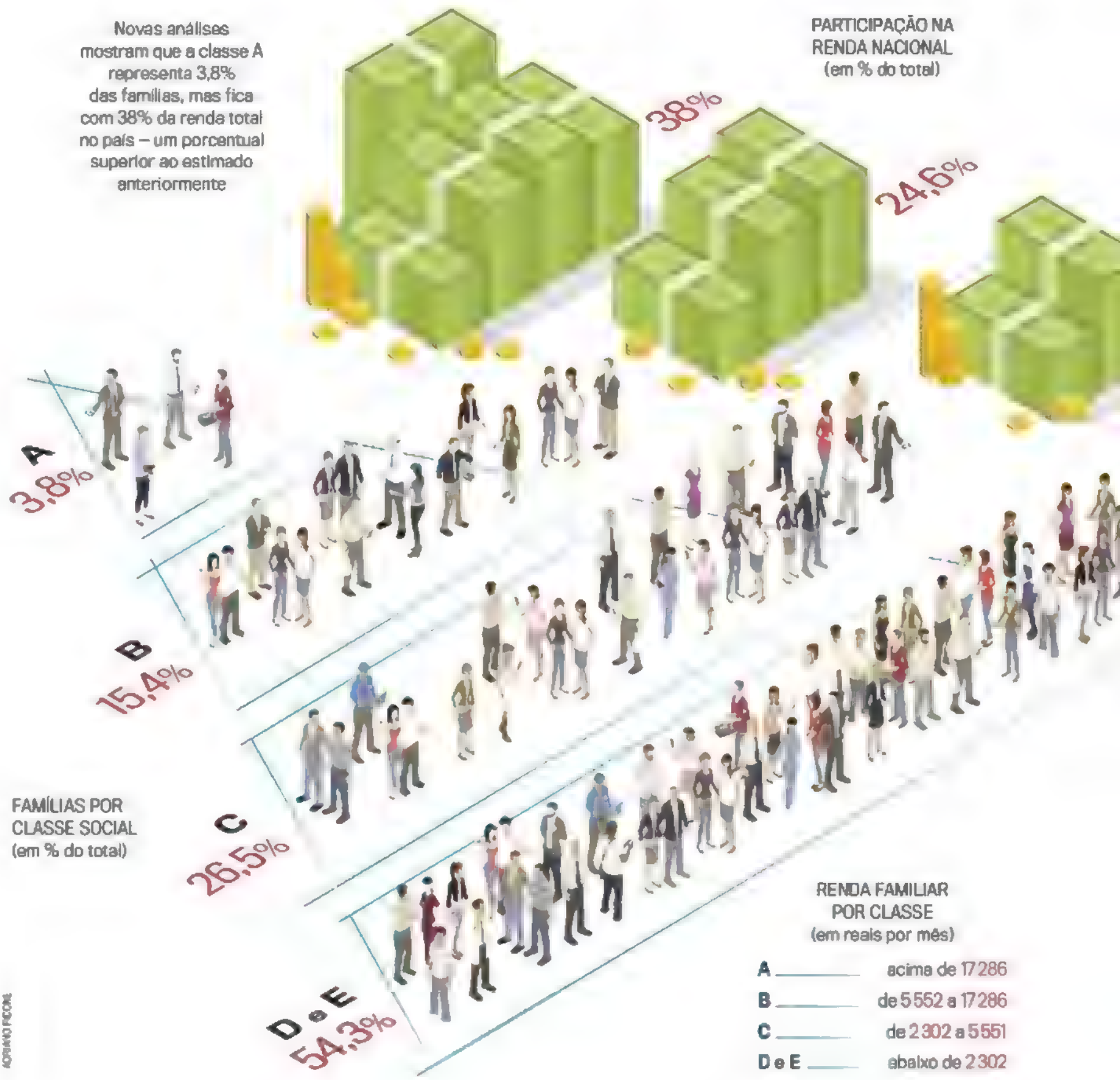
Romantismo

*Preço e frete válidos para os Estados de SP, RJ, MG e PR. Para outras localidades, consulte folha.com.br/mundodaarte

AINDA MAIS DES

Estudos revelam que o desequilíbrio de renda no Brasil é maior do que o estimado anteriormente – e a retomada na economia, de início, deverá alargar esse fosso **MARCELO SAKATE**

Novas análises mostram que a classe A representa 3,8% das famílias, mas fica com 38% da renda total no país – um porcentual superior ao estimado anteriormente



IGUAL

O PERFIL DA CLASSE A*

* Ocupação dos chefes dos domicílios

Fonte: *Tendências Consultoria, com dados da Pnad e da Receita Federal*

UMA DAS CARACTERÍSTICAS mais marcantes da economia brasileira é a profunda desigualdade de renda. Tem sido assim há décadas, apesar de alguma melhora em anos recentes. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU, o Brasil é o décimo país mais desigual do mundo. Os números que mostravam essa realidade dramática vinham, tradicionalmente, das análises da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Agora, a Receita Federal tornou-se uma fonte nova de informações, ao passar a divulgar números estratificados das declarações anuais do imposto de renda, ampliando a base de dados. E daí surgiu uma novidade triste: o desequilíbrio de renda no Brasil é mais profundo do que se imaginava.

Adotando-se o critério da renda média da classe social, a desigualdade é quase o dobro da estimada anteriormente. Por esses novos critérios, a renda média das famílias mais ricas (classe A) é 32 vezes maior que a renda média das famílias mais pobres (classes D e E). Levando-se em conta apenas os dados do IBGE, a diferença ficava em dezoito vezes. Tamanha disparidade ocorre porque as pesquisas tradicionais têm dificuldade em captar os rendimentos dos mais ricos. Com os dados da Receita, a conta ficou mais transparente.

O mérito da descoberta pertence aos economistas Adriano Pitoli e Camila Saito, da Tendências Consultoria. Eles consideraram que estão na classe A as famílias com renda mensal superior a 17 286 reais e, nas classes D e E, as famílias com rendimento mensal abaixo de 2 302 reais *(veja o quadro ao lado)*. Pelo diagnóstico anterior, havia 1,9% das famílias brasileiras na classe A, que respondiam por 16,3% de toda a renda somada. Com os novos dados, sabe-se agora que existe o dobro de famílias que pertencem à classe A, e a fatia delas no bolo da renda é de 38%.

O estudo também revela o efeito da recessão prolongada, especialmente no biênio 2015-2016, sobre a mobilidade social. Milhares de famílias no topo da pirâmide caíram para classes mais baixas, mas, como sempre, o efeito foi particularmente perverso para os mais pobres — os que vivem na fronteira entre a miséria e as camadas inferiores da classe média. No total, 4,1 milhões de famílias passaram a engrossar as classes D e E. Elas foram penalizadas pelo desemprego e pela inflação. As classes mais altas conseguem se proteger melhor. Como resultado, houve uma reversão no processo de redução de desigualdade de renda no país.

Um aspecto negativo do incipiente processo de recuperação econômica é que ele não vai reduzir a desigualdade de renda entre pobres e ricos. Ao menos em um primeiro momento, o desequilíbrio entre a base e o topo da pirâmide social deverá se alargar. Isso já começa a ocorrer neste ano e deve ter continuidade ao menos até 2018. Há dois fatores para esse fenômeno. O primeiro é que a classe A reage mais rapidamente à recuperação porque nela um em cada quatro chefes de domicílio é empregador, ou seja, dono do próprio negócio. Os lucros vão subir, na média, mais rápido do que os salários. Outro fator que beneficia a classe A diz respeito ao perfil da retomada. Os setores que devem puxar o crescimento são intensivos em uso de máquinas e equipamentos, razão pela qual empregam pouca mão de obra. É o caso do segmento de petróleo e gás, da mineração, do agronegócio e de alguns ramos da indústria voltados à exportação. É um cenário bem distinto do ciclo de crescimento anterior (entre 2004 e 2013), liderado pelo consumo das famílias e que favoreceu o comércio e o setor de serviços de maneira geral, além da construção civil. "São

PESADELO SOB CONTROLE

Não deixar o caótico cenário político contaminar o ambiente econômico é agora uma das tarefas mais importantes da combalida administração de Michel Temer. Pois uma decisão da semana passada contribui, ao menos em parte, para erguer essa barreira. O governo anunciou a redução da meta de inflação, atualmente em 4,5% ao ano. Até o próximo ano, nada muda. Mas, em 2019, a meta será de 4,25%, e, em 2020, cairá para 4%. A diferença parece insignificante, mas ajuda a sinalizar o compromisso do país com a estabilidade de preços e aproxima os parâmetros brasileiros aos de nações mais estáveis. No Chile e no México, por exemplo, a meta é de 3%.

Depois dos anos de experimentos e pedaladas de Dilma Rousseff, a atual equipe econômica vem conquistando avanços inegáveis no combate à inflação, o que possibilitou também a redução na taxa de juros. Ao menos esse pesadelo está sob controle. Mas o sono perfeito, ou a concretização da estabilidade, ainda vai depender da austeridade nos gastos públicos – ancorada na reforma da Previdência. Nos cinco primeiros meses do ano, o rombo superou 70 bilhões de reais. Sem fechar esse ralo, a dívida pública continuará crescendo, o que vai pressionar novamente os juros. Reduzir a meta, portanto, é uma decisão coerente e desejável, mas será difícil cumpri-la se as reformas ficarem pelo caminho.

CONTRASTE HISTÓRICO A crise fez a desigualdade subir novamente no país

setores que tradicionalmente empregam muito, e em especial trabalhadores de menor qualificação e renda", afirma Pitoli. "Isso favoreceu a mobilidade social no período", complementa. Em outras palavras, a fase anterior de crescimento propiciou a criação de empregos menos qualificados, promovendo a ascensão dos mais pobres e reduzindo a desigualdade.

Alguns indicadores demonstram que a classe A tem se beneficiado da melhora na economia e voltou a abrir o bolso. As vendas de imóveis de quatro dormitórios cresceram 12% nos últimos doze meses encerrados em abril na cidade de São Paulo, enquanto o mercado como um todo recuou 21%. O mesmo fenômeno se observa no comércio de carros novos. O seg-

EFEITO PERVERSO

Depois de anos em queda, a desigualdade entre os mais ricos e os mais pobres voltou a aumentar

NÚMERO DE VEZES QUE A RENDA DA CLASSE **A** É MAIOR DO QUE A DAS CLASSES **D** E **E**

*Projeção

Fonte: Tendências Consultoria, com dados da Pnad e da Receita Federal

ANDRÉ LAHÓZ MENDONÇA DE BARROS

mento de automóveis médios e de luxo cresceu 5% de janeiro a maio, na comparação com o mesmo período de 2016, acima do ritmo de expansão de 2% do mercado inteiro. Nos anos anteriores à crise, foram os carros populares que puxaram a alta. Entre os dez mais vendidos neste ano estão três carros que custam entre 70 000 reais e 110 000 reais no modelo de entrada, como o Toyota Corolla e o Jeep Compass. A queda na taxa de juros, explica Pitoli, também contribuiu para o aumento dos gastos das famílias mais ricas. Antes, valia a pena manter o dinheiro aplicado. As decisões de compra de bens mais caros, como apartamentos e automóveis, haviam sido postergadas, o que começa a ser revertido agora. Vale lembrar ainda que quase um terço da classe A é composto do alto funcionalismo público, cujo rendimento foi preservado das intempéries econômicas.

A retomada do crescimento econômico também vai beneficiar, logicamente, as famílias das classes D e E, mas em velocidade mais lenta. Hoje existe uma massa de 14 milhões de desempregados, o que dificulta a recuperação da renda, particularmente nas ocupações de baixa qualificação. Dessa maneira, não se espera uma redução da desigualdade tão cedo. No longo prazo, o grande fator capaz de estreitar o fosso social é a educação. No curto prazo, porém, o governo pode ajudar com a aprovação de leis que facilitem a vida das empresas, como a reforma trabalhista, e melhorem o ambiente de negócios no Brasil. Com mais empregos agora e uma educação de qualidade no futuro próximo, os mais pobres conseguirão diminuir a distância que os separa dos mais ricos. ■

COMO SAIR DA ARMADILHA

A boa política é a chave para o crescimento – e para a inclusão

DEVEMOS AO HISTORIADOR britânico Angus Maddison, morto em 2010, muito da compreensão atual sobre o avanço das nações nos dois últimos séculos. Foi dele a iniciativa de trabalhar seriamente dados econômicos de longo prazo e construir séries históricas de PIB per capita ao redor do globo. A partir daí, as comparações entre países ganharam um caráter mais científico, o que abriu as portas para uma sequência de refinamentos ainda em curso. Maddison confirmou — e talvez tenha sido essa sua maior contribuição para o conhecimento — a hipótese de que o mundo como se apresenta hoje, com um punhado de países muito ricos e a maioria ainda pobre, seria uma criação do século XIX. Foi aí que se deu "a grande divergência", para pegar emprestado o título de um notável livro de outro historiador, Kenneth Pomeranz.

O caso brasileiro é exemplar. Inauguramos o século XIX com cerca de 70% do PIB per capita americano. Terminamos com 20%. Nosso subdesenvolvimento deve-se, em larga medida, àquele período. A partir daí melhoramos bastante: em boa parte do século XX, dividimos com o Japão a liderança em crescimento do PIB. Tivemos até o nosso milagre. Mas terminamos o século exatamente como começamos, na comparação com os Estados Unidos — nossa renda média continua sendo um quinto da dos americanos. Dito de outra forma: paramos de ficar para trás, mas não conseguimos recuperar um mísero metro na corrida.

Por que a trajetória dos países passou a ser tão distinta é uma daquelas perguntas que jamais serão satisfatoriamente respondidas. O mundo da economia e o da política interagem, e nem sempre é claro qual deles é a locomotiva a puxar o trem: se é o sucesso econômico que permite aos políticos sustentar o crescimento ou, em vez disso, se é a classe política que primeiro adota medidas corretas que fazem o PIB crescer. Em relação a esse aspecto, é interessante notar no Brasil a diferença na forma como a política e a economia foram tratadas ao longo do tempo. A percepção da intelectualidade sobre as nossas possibilidades econômicas sempre foi mais otimista: seríamos o tal país do futuro, que cedo ou tarde despertaria para o sucesso. O bom desempenho registrado em parte do século passado reforçou essa noção. Mas somos bem mais céticos quanto às chances de termos a boa política. Durante muito tempo, a democracia foi vista com desconfiança ou mesmo com aversão. Novamente, a comparação com os americanos é reveladora.

No entanto, como tem chamado atenção o economista Samuel Pessôa, é difícil sustentar o crescimento sem que haja certo consenso de que a maioria pode dele se beneficiar. Talvez seja essa a principal mensagem dos países que romperam a armadilha da renda média, que aprisiona muitas economias no estágio em que nos encontramos atualmente. A boa política pode ser uma arma decisiva para produzir um crescimento mais inclusivo — algo desejável não apenas do ponto de vista social, mas também para que se possam sustentar as decisões econômicas. Estamos mergulhados até o pescoço na maior crise de nossa história. Mas é na esfera política que reside a essência de nosso mal. ■

UM ROBÔ NO MEU LUGAR?

As máquinas e a inteligência artificial contribuem para o aumento da produtividade, mas tirar proveito de seus benefícios exigirá uma nova atitude de governos, empresas e pessoas

NICOLA CALICCHIO*

OS AVANÇOS EM ROBÓTICA, inteligência artificial e *machine learning* (máquinas que aprendem) põem o mundo diante de uma nova era: as máquinas vão se equiparar — e até superar — ao desempenho humano em diversas atividades muito antes do que se pensava. O cenário traz para o debate político e econômico uma questão que até então se restringia a romances de ficção científica: é preciso temer os robôs? A resposta é não. Mas fazer uso dos benefícios da automação sem grandes prejuízos à sociedade é um desafio que exigirá de governos, empresas e trabalhadores uma nova atitude para os novos tempos.

Um dos maiores benefícios da automação é o aumento da produtividade. Não à toa, a Revolução Industrial é um marco histórico tão relevante. Praticamente todo o crescimento global desde os primeiros *sapiens* que habitaram este planeta ocorreu nos últimos 200 anos e se deu graças aos avanços tecnológicos que propiciaram um grande aumento da produtividade nos mais variados setores. Os países hoje considerados desenvolvidos são aqueles que aumentaram sua produtividade ao longo dos anos, o que não é nosso caso: apenas 20% do crescimento do PIB da América Latina nos últimos cinquenta anos veio do aumento de produtividade, enquanto os 80% restantes são fruto do crescimento da população.

Como o impacto da baixa produtividade foi contrabalanceado em parte pelo aumento de pessoas na força de trabalho, conseguimos ter algum crescimento econômico mesmo sendo pouco produtivos. Contudo, essa não é mais a nossa realidade: o Brasil está rapidamente se tornando um país velho. Enquanto a França e a Suécia demoram entre oitenta e 100 anos para dobrar sua população acima de 60 anos, o Brasil fará isso em pouco mais de vinte anos. Contar só com o crescimento demográfico para impulsionar o PIB não é mais uma opção. Precisamos nos tornar um país produtivo, e para isso precisamos de tecnologia.

Para colher os frutos do aumento de produtividade que a automação pode trazer, é necessário preparar a população. Afinal, a automação tornará certas funções dispensáveis. As máquinas podem ser muito mais eficientes que os humanos em diversas atividades, mas a tecnologia e o já mencionado envelhecimento da população resultarão na criação de ocupações, como ocorreu várias vezes na história da humanidade. Por exemplo, no setor agrícola tratores e máquinas diminuíram dramaticamente a parcela de trabalhadores nas lavouras. Ao contrário do que diz o senso comum, a história nos mostrou que a inovação tecnológica criou muito mais empregos do que destruiu, e esse processo é parte natural do desenvolvimento de uma economia: nos Estados Unidos, nos últimos 25 anos, um terço de todos os empregos gerados resulta de ocupações que não existiam nos 25 anos anteriores.

Nesse contexto, a questão fundamental a ser debatida não é a quantidade de vagas que serão eliminadas, mas sim se teremos capacidade de continuar criando empregos de alta produtividade a taxas que mantenham todos ocupados — e, mais importante, garantindo que os trabalhadores estejam preparados para as demandas dos novos cargos.

É provável que haja grandes mudanças na natureza das ocupações necessárias, o que torna imperativo uma revolução de igual magnitude na oferta de mão de obra capacitada: o desenvolvimento de habilidades para criar, entender e interagir intimamente com as máquinas, compreendendo profundamente seu funcionamento, deverá se tornar um ponto-chave do currículo educacional. Dessa forma, disciplinas ligadas a tecnologia, computação, engenharia e matemática serão cada vez mais importantes, mesmo para atividades básicas, nas quais a presença das máquinas será maciça. É no campo das relações humanas que permanecemos

Ao automatizarem as atividades rotineiras, as máquinas vão nos forçar a nos tornarmos mais humanos

em vantagem ante os robôs e no qual provavelmente continuaremos dominantes. São nossas aptidões humanas, relacionais e criativas que, pelo menos pelas próximas décadas, vão nos diferenciar das máquinas e que devemos, portanto, encorajar e desenvolver.

Essas habilidades são naturais, em certo grau, a praticamente todos os seres humanos. Estamos falando aqui de características como empatia, escuta, gestão de stress e mesmo emoções. O aumento da automação fará com que o mercado valorize cada vez mais profissionais que sobressaiam nessas áreas. O tipo de trabalho desenvolvido por um psicólogo envolve uma série de habilidades difíceis de ser codificada dada a imprevisibilidade das ações e reações necessárias durante o engajamento com o paciente. O mesmo ocorre para fisioterapeutas, atores, e demais tarefas que exploram o nosso "lado mais humano".

Essa priorização de habilidades será comum mesmo dentro do espectro corporativo: diversos processos e atividades rotineiras são automatizáveis, mas liderança, criatividade, sensibilidade e entusiasmo não são. Uma máquina em breve poderá escrever softwares que rapidamente consigam avaliar, com base em uma série de critérios objetivos, se um potencial cliente é adequado ou não para receber um empréstimo, mas esse software não será capaz de analisar, de maneira satisfatória, dimensões sociais e mesmo psicológicas que cercam o ato de contrair uma dívida. No entanto, é precisamente esse entendimento que se faz necessário para oferecer aos clientes uma experiência agradável, criando um relacionamento duradouro e diminuindo a probabilidade de inadimplência.

Isso aumenta a importância da inclusão de competências sociais e emocionais nos sistemas educativos, de forma que as crianças não só desenvolvam habilidades lógico-matemáticas e científicas, mas também construam ferramentas para lidar com desafios complexos em um ambiente em constante mudança, como criatividade, pensamento crítico, adaptabilidade, liderança e consciência sociocultural. Em suma, as máquinas vão nos forçar a nos tornarmos mais humanos.

Além de alterações na formação dos trabalhadores, é preciso elaborar um plano de atuação específico para a parcela da população que terá de lidar com essa transição já dentro do mercado de trabalho, uma vez que esta é a que mais sofrerá com os efeitos da automação. Um recente estudo do McKinsey Global Institute (MGI) mostra que, na América Latina, 50% das horas totais trabalhadas são compostas de atividades automatizáveis somente com a tecnologia que já existe.

Em um país como o Brasil, com alarmantes taxas de desemprego, o desconforto diante desses números é grande, e por isso é importante pensar a questão de como iremos recapacitar e realocar esses trabalhadores à medida que suas ocupações forem substituídas, garantindo o comprometimento de governos e da iniciativa privada com programas de reconversão profissional e capacitação. Capturar a oportunidade trazida por essa onda de inovação será um desafio. Diversos fatores técnicos, econômicos e sociais determinarão a velocidade com que a automação se dará — e qual a extensão da substituição da força de trabalho atual. O alto grau de informalidade na economia, a dificuldade no acesso a investimentos e o baixo índice de inovação podem desacelerar o processo. O fator mais crítico será, certamente, a readequação da força de trabalho. Desenvolver trabalhadores ágeis e flexíveis é fundamental em um momento no qual praticamente todas as ocupações vão sofrer alguma alteração. O avanço tecnológico, contudo, é um caminho sem volta. A história ensina que a adaptação é o melhor caminho. Afinal, dominamos o planeta não por sermos os animais mais fortes, nem os mais rápidos ou os mais altos, e sim por termos sido os que mais bem se adaptaram. ■

BRAÇO MECÂNICO
Na América Latina, 50% das horas trabalhadas poderão ser substituídas pelas máquinas

* Nicola Calicchio é presidente da consultoria McKinsey para a América Latina

O QUE FAZER COM UM BEBÊ

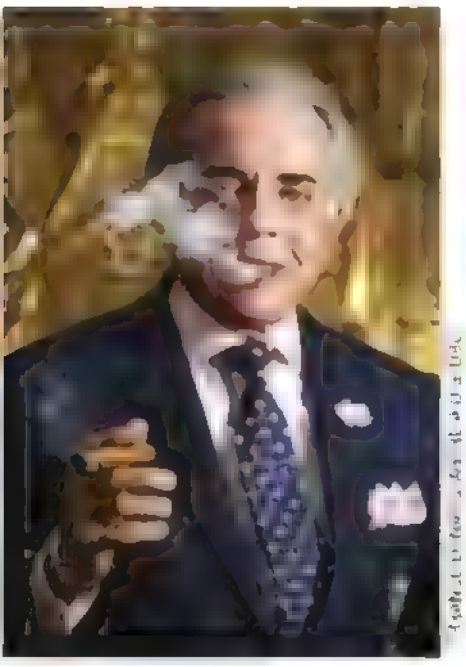
Desconfiada depois de sentir "algo diferente" (pensou que era só "coisa de hormônios"), **SERENA WILLIAMS** fez o teste de gravidez – seis vezes! O resultado – positivo, nas seis tentativas – foi um susto para a maior tenista da atualidade (há quem diga que de todos os tempos). "Meu Deus, pensei, não pode ser. Como vou participar do Aberto Australiano? Estava planejando ganhar em Wimbledon", declarou Serena à *Vanity Fair*, cuja edição de agosto traz sua imagem na capa. Pois ela não só jogou no Aberto da Austrália com oito semanas de gravidez (omitiu a informação do treinador) como bateu a irmã Venus Williams, foi heptacampeã e a maior campeã de Grand Slams (os quatro torneios da elite do tênis). Noiva de Alexis Ohanian, Serena diz que até agora não mostrou o quarto do filhote. "Não sei o que fazer com um bebê", confessa.

ONDE ESTÃO OS BRASILEIROS

Primeiro brasileiro a ter um canal com mais de 10 milhões de fãs no YouTube (e agora já são 21 milhões), o piauiense **WHINDERSSON NUNES,** 22 anos, ganha mais em shows do que com os rendimentos que recebe do Google. Uma única apresentação com casa cheia pode render 90 000 reais ao youtuber. O humorista já fez mais de trinta shows por mês, mas agora reduziu as apresentações à metade, pois está gravando um filme com Tom Cavalcante. Também prepara uma turnê americana, com apresentações para plateias brasileiras em Boston, Orlando e Miami. "Assim como viajo pelo interior, vou fazer show nos Estados Unidos. Quero ir aonde estão todos os brasileiros", diz Nunes.

BRUNO MEIER

EM DISPUTA COM A EX



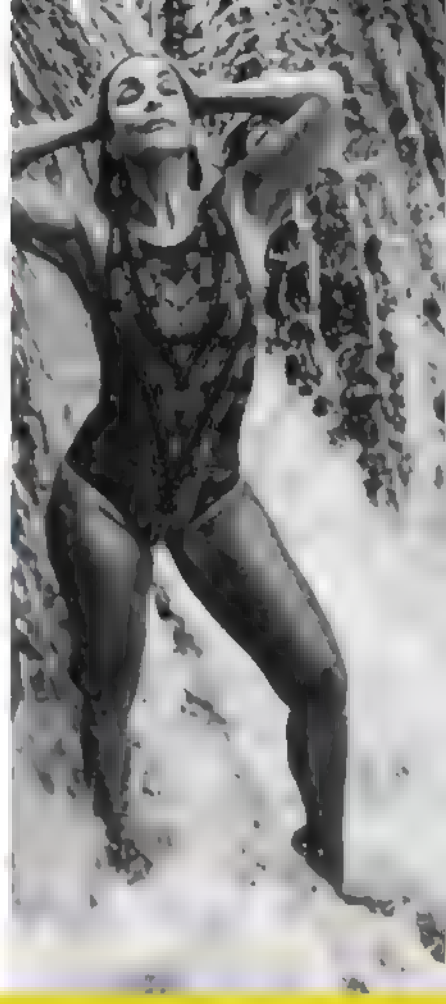
Uma ex incomoda muito playboy, duas incomodam muito mais. Tempos atrás, **CHIQUINHO SCARPA** declarou ao programa de Amaury Jr. que, em seu casamento com Rosimari Bosenbecker, carregou junto a cunhada, Rosângela: "Não me casei com uma, me casei com duas mulheres". Isso bastou para as irmãs gêmeas o processarem por danos morais. A indenização pedida fica em torno de 4% do seu patrimônio – que, diz Scarpa, é difícil de calcular. A joia da coroa é a mansão num terreno de 4 000 metros quadrados, em São Paulo, onde ele vive sozinho. Scarpa vem tentando vender o imóvel, sem sucesso: baixou o preço de 100 milhões para 60 milhões de reais. "O mercado imobiliário está em crise."

CAIU NAS REDES

A COROA É DELA

Na semana em que Claudia (Leitte) tentou um golpe publicitário mudando de nome, quem bombou mesmo foi **IVETE SANGALO**, que, aliás, assume o lugar de Claudia na versão adulta do *The Voice*

Curtidas: 340 000



MAIS FILHOS DE FRANCISCO

A história de **ZEZÉ DI CAMARGO** e **LUCIANO** levou mais de 5 milhões de brasileiros ao cinema em 2005, com *2 Filhos de Francisco*. Agora, ganhará o palco. Sob a direção de Breno Silveira, o mesmo do filme, a produtora Time for Fun está montando o musical, que estreia em setembro, em São Paulo. Nem todo o elenco está escolhido, mas já se bateu o martelo para os astros principais, depois de três meses de testes com 100 candidatos. O paulista **BETO SARGENTELLI** *(no chão, à esq.)* virou Zezé e o carioca **BRUNO FRAGA** será Luciano. Sargentelli diz que cresceu ouvindo *É o Amor*. Fraga admite que só agora está conhecendo o sertanejo: "No Rio, chegou tarde". O encontro de intérpretes e interpretados, registrado na foto, só se deu na semana passada. ■

VELOCIDADE MILIONÁRIA

A extraordinária potência do arremesso de Eric Pardinho, um brasileiro de 16 anos, atraiu os olhares (e as cifras) da liga americana de beisebol

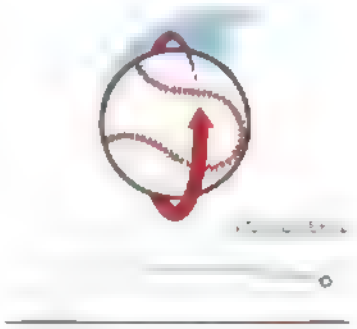
ALEXANDRE SALVADOR

CRAQUE Para o pai, ele reúne a frieza japonesa à agressividade latina

O BEISEBOL é um esporte que ainda engatinha no Brasil, apesar da imensa colônia japonesa de São Paulo e do Paraná e do crescente interesse que pode ser medido pela razoável audiência das transmissões dos jogos na televisão a cabo. Dificilmente alcançará o êxito de modalidades de sucesso nos Estados Unidos com as quais os brasileiros já têm algum contato, como o futebol americano. Por aqui, para muita gente, o "apanhador" — aquele atleta cuja função é receber as bolas com a luva de couro — será por muito tempo atrelado ao título em português do clássico livro de J.D. Salinger, *O Apanhador no Campo de Centeio*. Mas há uma boa novidade, ímã de atenção.

O paulista Eric Taniguchi Pardinho, 16 anos, de mãe nissei, assinará na próxima quinta-feira, 6, um contrato de sete anos com o Toronto Blue Jays, equipe da Major League Baseball (MLB), a liga americana do esporte, que também agrega esse time do Canadá. Ele receberá 1,5 milhão de dólares como luvas, o bônus oferecido no acordo inaugural. Passará por um período de adaptação na República Dominicana e na Flórida antes de disputar as competições oficiais. O que atraiu os olheiros foi a extraordinária velocidade do arremesso de Pardinho — ele chega a atingir 153 quilômetros por hora, ante uma média na elite de 150 quilômetros por hora, nas bolas mais rápidas.

É questão de jeito, muito mais que de força. E a velocidade, entre os *pitchers* — eis o nome da posição, em inglês —, é requisito fundamental, que separa os homens dos meninos. Não se trata, como podem supor os neófitos, de apenas pôr o corpo em boa posição, correr e soltar a bola na direção do rebatedor adversário, tornando a rebatida difícil. Há modos e modos de lançá-la com o máximo de veneno *(veja o quadro abaixo)*. O pai, Evandro, representante comercial de um fabricante de calçados infantis e que nunca havia segurado um taco na vida, passou a estudar com o filho tudo sobre o beisebol e tem certeza: "O Eric mistura a frieza e a técnica japonesas com a agressividade latina". ■



FASTBALL
(BOLA RETA)

É o arremesso mais rápido e sem alteração na trajetória. Isso acontece graças à rotação vertical da bola, de baixo para cima. Esse giro provoca uma força no sentido contrário ao da gravidade, alongando o voo

150 quilômetros por hora

153 QUILÔMETROS POR HORA

QUESTÃO DE JEITO

A velocidade da bola de beisebol depende muito mais do modo como ela é arremessada, cortando o ar, do que da força

VELOCIDADE MÉDIA DA LIGA

ARREMESSO RECORDE DO BRASILEIRO PARDINHO

CURVEBALL
(BOLA CURVA)

Como o nome indica, o giro da bola não é vertical, mas na diagonal e de cima para baixo. Esse movimento faz a trajetória formar uma parábola, com uma queda repentina no final

125 quilômetros por hora

127 QUILÔMETROS POR HORA

PRÁTICO
ORGÂNICO

O ENERGÉTICO ACABOU DE EVOLUIR.
VÁ COM ELE!

- Mude para o primeiro e único energético 100% natural e orgânico
- Sem conservantes, sódio, corantes, taurina e outras substâncias químicas
- Ação energética prolongada e sem efeitos colaterais
- Sucesso no Japão, Estados Unidos, Chile e outros países
- Reconhecimento de qualidade orgânica

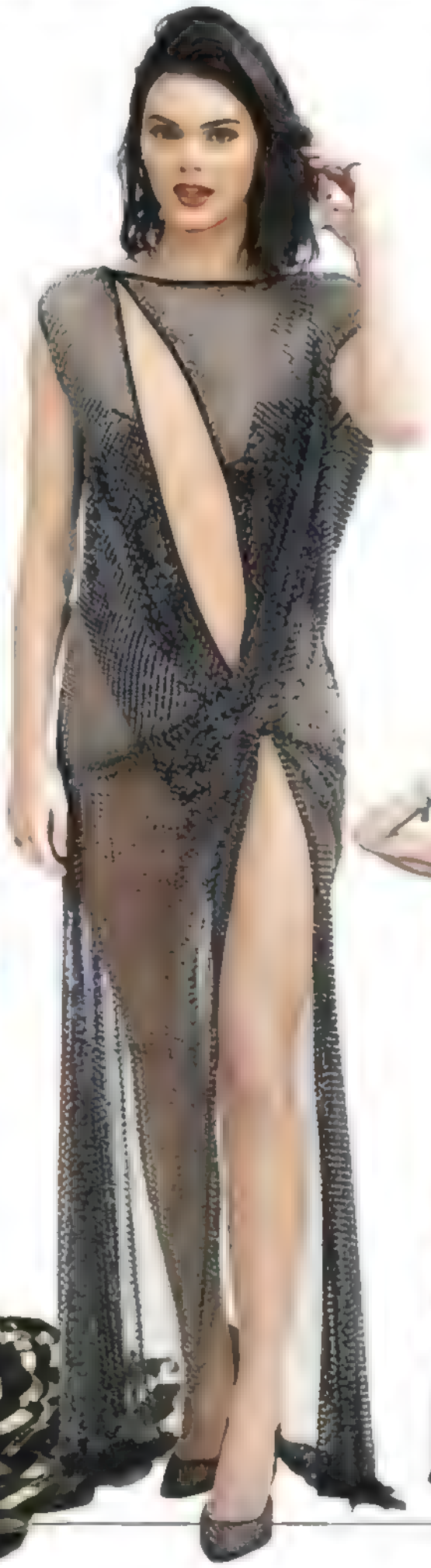
Acesse
www.mygobox.com.br
e receba seu energético,
com desconto,
em casa.

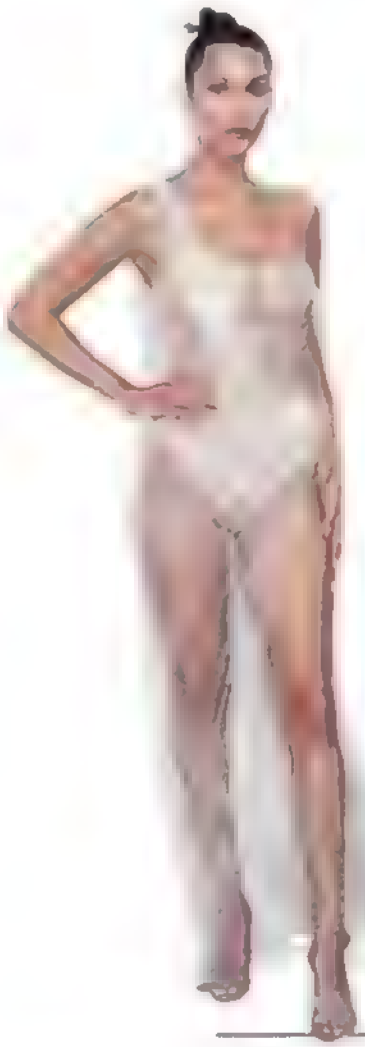
GO BOX

ROUPA PARA QUÊ?

No afã de continuarem célebres, as celebridades da internet desafiam o limite da vulgaridade com peças como a blusinha ultracurta e o vestido transparente **ISABELA IZIDRO**

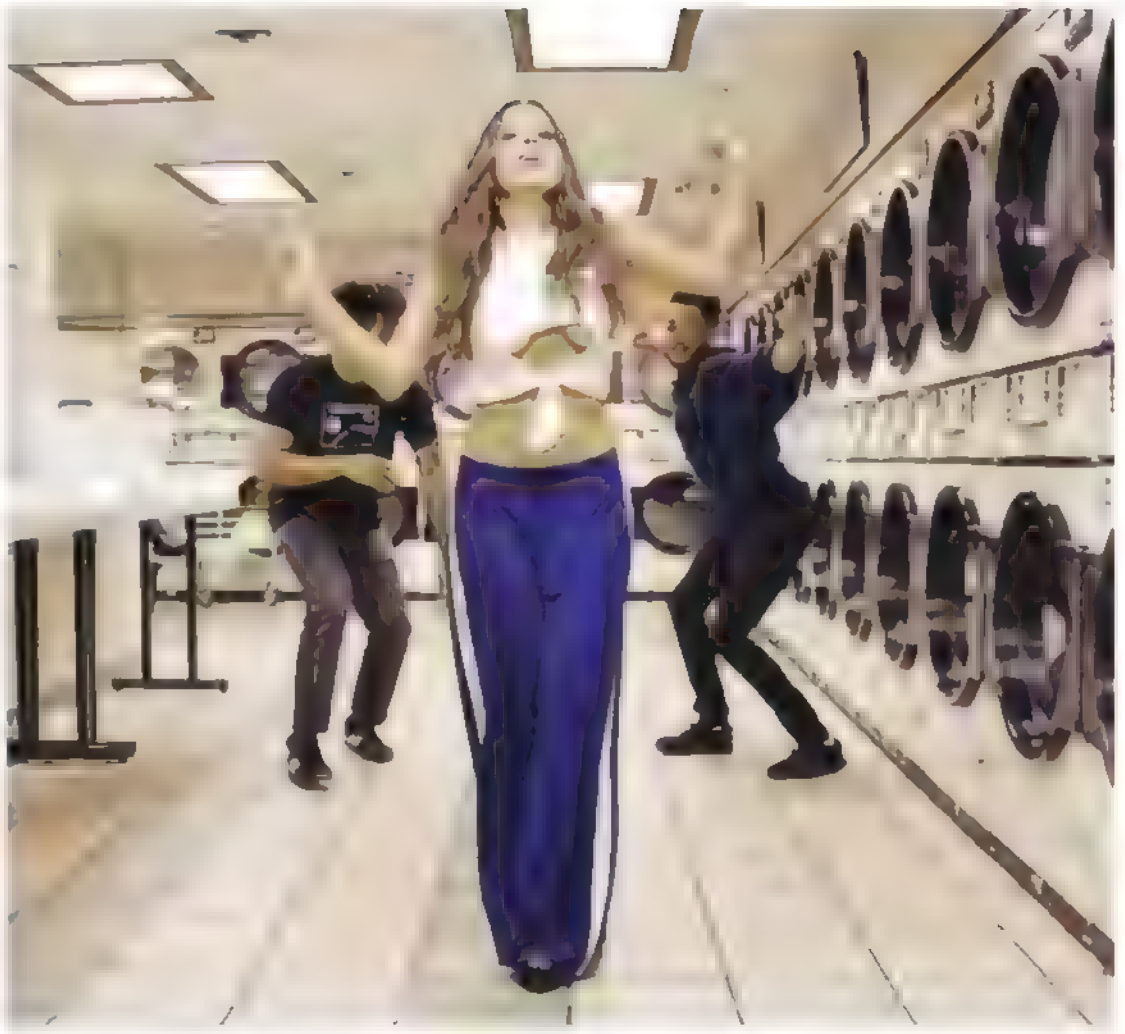
A FESTA ERA o muito chique baile anual de gala patrocinado pela papisa da moda Anna Wintour no muito respeitado Metropolitan Museum of Art, de Nova York. Beldades desfilavam traduções mais ou menos arrebatadoras da alta moda europeia. Aí surge Kendall Jenner, modelo catapultada à fama por obra e graça de um reality show familiar, de tanguinha sumária e um tecido transparente artisticamente distribuido sobre o resto do corpo impecável. Ué, mas isso é elegante? Não é, mas tornou-se aceitável desde que as celebridades da era da internet se graduaram na arte de equilibrar-se no limite da nudez sem descambar para a vulgaridade pura e simples. Não é tarefa fácil; muitas vezes elas derrapam, e o vulgar, sempre à espreita, dá o bote. Mas, no geral, as famosas que são famosas por serem famosas (e só) têm conseguido fazer do ato de se desvestir uma poderosa ferramenta de trabalho — que famosas de verdade até imitam de vez em quando. "As mulheres comuns não vão aderir a esse figurino, mas as celebridades precisam aparecer. Mais do que estar na moda, elas têm de estar na mídia", explica a especialista em moda Iesa Rodrigues.





TUDO PELO *LIKE* Transparência em noite de gala: no tapete vermelho do Met, Kendall *(no centro)* testa o limite entre o ousado e o vulgar, equilíbrio também perseguido por Bella, Halle, Luciana e Izabel *(da esq. para a dir.)*

Além de Kendall, o mesmo baile do Met mostrou muito bem mostrado os corpos da irmã dela, Kylie, da também modelo Bella Hadid e até da veterana atriz Halle Berry, que, aos 50 anos, nem precisaria se expor tanto, mas foi em frente e, entre *likes* e nem tanto, congestionou as redes sociais — a meca das celebs dignas do nome. Nas semanas seguintes, o *sheer dress* (vestido transparente, em inglês, a língua oficial do planeta celebridade) daria o que falar em outros momentos, exibido pelas cantoras Ellie Goulding e Nicki Minaj, pela deslumbrante Izabel Goulart e, de novo, pelo trio Kendall, Kylie e Bella. No Brasil, brilhou em uma festa beneficente nos corpaços da modelo Yasmin Brunet e da apresentadora Luciana Gimenez — esta, uma adepta entusiasmada do "faz de conta que é vestido". "Usei o transparente sem forro pela primeira vez no ano passado e não parei mais. O forro tira a fluidez, a liberdade", elabora Luciana. E ensina: "É preciso mostrar atitude. Se a mulher tem classe, não fica vulgar".



QUESTÃO DE ÂNGULO Anitta adere ao *underboob*, que mostra a parte inferior dos seios: tática infalível na missão de dar o que falar nas redes sociais

Na história das novidades de estilo, a transparência surgiu — discretíssima — nos anos 1950, entre as criações da maison Chanel, que dispensou o forro no colo e nas mangas de vestidos pretinhos de tecido fino. Assim permaneceria, mostrando um pouquinho aqui e ali, por meio século, até ampliar seus limites na carona de um produto fora de moda que a indústria ressuscitou: a renda. No início dos anos 2000, com seu ganha-pão restrito a vestidos de noiva, camisolas e lingeries, os fabricantes de renda da França e da Itália uniram-se em um esforço concentrado de reabilitação, com campanhas de marketing e patrocínio de grifes. O rendado saiu do quarto para o tapete vermelho na mesma época em que estreava o reality show da mãe de todas as famosas por serem famosas, Kim Kardashian — não por acaso, irmã de Kendall e Kylie. Kim elevou à potência máxima a técnica de chamar atenção pelo guarda-roupa justíssimo, decotadíssimo, recortadíssimo. E, sim, transparentíssimo.

A transparência é só a arma mais recente do arsenal das celebridades para fisgar *likes* pela roupa (ou pela falta dela). As mais consagradas são as fendas e os decotes, presentes desde sempre no vestuário das famosas. No andar de cima, variações incluem mostrar uma fatia dos seios no ângulo lateral, o *sideboob*, e no quartil inferior, o *underboob* — um atentado estético que nunca falha em seu propósito de dar o que falar. Adotado por Lady Gaga, Rihanna e pelas indefectíveis Kendall e Bella, a blusinha que acaba antes de cobrir totalmente o busto foi vista aqui recentemente expondo um pedacinho de Anitta, no clipe do novo sucesso, *Purudinha*. Bombou na rede.

No código de conduta das roupas para aparecer, o *underboob* é recurso de uso casual, de dia, na rua, enquanto a transparência, facilitada por tessituras diáfanas como tule, chiffon, organza e renda, tem mais a ver com ocasiões glamourosas. Nas passarelas, onde pode tudo, o transparente prevaleceu neste ano no tule pontilhado de bordados da Dior e nas aplicações metalizadas, também sobre tule, da Louis Vuitton, entre outras grifes poderosas. Seguindo o processo que move a indústria da moda, o *sheer dress* começa a ganhar versões (para ser usadas sobre uma base mais substancial que a tanguinha de Kendall) em redes populares como a Mango e a Zara. "Isso não quer dizer que todo mundo vá comprar. São peças-show e seu propósito é atrelar a marca ao mundo das celebridades", explica a consultora de imagem Vanessa Marques. Ah, tá. ■

BAIXE O APLICATIVO RUPPART E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM

SEM INDICAÇÃO No início dos anos 2000, a maioria das brasileiras usava esse tipo de medicação desnecessariamente

ELES VOLTARAM

Com o aval dos médicos, mas à revelia da agência de saúde, o governo liberou o uso de três remédios para emagrecimento. Falta agora tornar o controle mais rígido **NATALIA CUMINALE**

"ENTENDO O DRAMA de milhares de brasileiros que apresentam níveis perigosos de obesidade e precisam ser levados a sério, e com responsabilidade, tendo acesso a um tratamento médico controlado." Assim o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), celebrou pelo Facebook, na tarde de sexta-feira 23, a mais ruidosa canetada de seu tempo como presidente da República em exercício — Michel Temer estava na Noruega. Nas redes sociais, ele anunciava a sanção (com a anuência de Temer) da lei que libera a produção e a venda no país de remédios para emagrecer derivados da anfetamina.

As substâncias — anfepramona, femproporex e mazindol — haviam sido proibidas no país em 2011. Maia tocou em um vespeiro. Os três compostos foram liberados à revelia da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), responsável por regular o uso de medicamentos no Brasil. A agência reguladora mantém uma argumentação rígida e sem recuos em relação às anfetaminas: elas provocariam mais riscos que benefícios, com evidente ameaça à saúde da população. Diz Jarbas Barbosa, diretor-presidente da Anvisa: "A lei cria um precedente terrível. Não cabe ao Congresso fazer análise científica de um produto médico". Na queda de braço, por força de autoridade, o Executivo venceu, embora a Anvisa já tenha manifestado apoio a entidades como a Associação Brasileira de Saúde Coletiva, que desejam revogar a decisão. No entanto, ao lado do governo está o Conselho Federal de Medicina, favorável ao uso das drogas. Afinal, quem está certo — a Anvisa ou os médicos? Há razões para os dois lados. A Anvisa está certa ao se preocupar com exageros. Na outra ponta, a comunidade médica sabe que, muitas vezes, remédios são a única saída.

A anfepramona, o femproporex e o mazindol são compostos com ação extremamente delicada no organismo. Eles atuam no sistema nervoso central, no núcleo cerebral responsável pela sensação de fome, o hipotálamo. Com isso, o resultado é direto: as substâncias reduzem o apetite, o obeso não ingere a mesma quantidade de comida a que estava acostumado e emagrece rapidamente. O mecanismo, no entanto, pode causar efeitos colaterais perigosos, que incluem palpitações, irritabilidade, insônia, aumento da pressão arterial e dependência. Há ainda outra questão. A indicação para emagrecer pode estimular por si só o uso indevido dos medicamentos — hoje em dia, pelos padrões de beleza ditados, dificilmente há alguém em paz com a balança. No início dos anos 2000, o crescimento do consumo desses remédios no Brasil foi de 500% em relação à década anterior. As mulheres brasileiras aparecem no topo de qualquer lista entre as maiores consumidoras dessa categoria de remédios no mundo, embora a maioria delas não tenha nenhuma prescrição para utilizá-los. Além disso, mais da metade consome a substância por mais de seis meses, o dobro do tempo máximo indicado pelos especialistas. Os médicos, mesmo com o apoio dado à aprovação, estão atentos ao uso irresponsável dos remédios. As entidades de controle deverão mudar as recomendações, deixando-as mais rígidas. Diz Fabio Tujilho, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia: "A utilização deverá ser restrita a adultos que não tenham problemas cardíacos ou psiquiátricos e com receituário retido na farmácia".

A anfetamina foi sintetizada pela primeira vez na Alemanha, em 1887. Só foi usada para fins medicinais a partir da década de 20, quando passou a ser estudada por seu efeito broncodilatador, ao aumentar a capacidade respiratória de pacientes com asma. O composto foi amplamente conhecido depois de ser utilizado durante a II Guerra Mundial. Os soldados o recebiam do governo como recurso para que ficassem mais despertos e sem fome. Hoje, esses compostos são uma das únicas soluções para muitas e muitas pessoas que precisam emagrecer. Dos 100 milhões de brasileiros que estão acima do peso, 40% não conseguem emagrecer apenas mudando o estilo de vida — só obtêm resultados reais com a ajuda de medicações *(veja o quadro acima)*. Não se trata só da falta de força de vontade, mas das próprias especificidades da obesidade. Há quem apresente um ritmo metabólico mais lento que o normal — e, por isso, queime menos gordura. Há quem esteja acima do peso por um problema genético. Há quem tenha um desequilíbrio químico cerebral e, portanto, precise de muita comida para que se sinta satisfeito. As anfetaminas reduzem, em média, 5% do peso corporal. Parece pouco, mas o índice é suficiente para evitar que 58% dos pacientes pré-diabéticos, por exemplo, venham a desenvolver diabetes, uma das doenças associadas à obesidade.

Com a liberação do trio de medicamentos, sobe de quatro para sete o total de opções disponíveis aos obesos no Brasil. O orlistat, princípio ativo do Xenical, era uma das poucas alternativas no arsenal dos endocrinologistas. Autorizado desde 1999, o fármaco, contudo, é impopular devido a seus efeitos colaterais, ao agir diretamente no intestino. Um dos mais modernos é a liraglutida. A medicação, que imita a ação de um hormônio no organismo, foi aprovada no Brasil no ano passado e custa cerca de 800 reais por mês. O tratamento com as anfetaminas não ultrapassa 50 reais. "A ausência desses medicamentos no mercado durante esses anos todos afastou a possibilidade de tratar a obesidade de milhões e milhões de brasileiros", afirma o endocrinologista Freddy Eliaschewitz, diretor do Centro de Pesquisas Clínicas (CPClin), em São Paulo.

Recentemente, houve no Brasil um caso semelhante de aprovação de um medicamento por parte do governo — e não de uma agência reguladora. Há pouco mais de um ano, a fostoetanolamina, substância desenvolvida em laboratório no interior de São Paulo, e que supostamente combate o câncer, recebeu a sanção presidencial de Dilma Rousseff. Mas, no caso, há um detalhe que, em tese, faz muita diferença: a chamada "pílula do câncer" não tinha e não tem o aval da comunidade científica, ao contrário do que ocorre com os derivados de anfetaminas. ■

A GUERRA CONTRA A BALANÇA

100 milhões
de brasileiros estão acima do peso

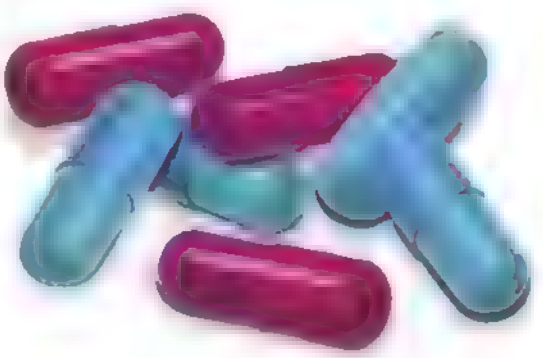
DESTES,

60 milhões
PODEM EMAGRECER COM A MUDANÇA DE HÁBITOS DE VIDA

E

40 milhões
SÓ COM O USO DE MEDICAMENTOS

7 é o número de compostos para emagrecer disponíveis no país, dos quais 3 são anorexígenos



LIÇÃO DE INTOLERÂNCIA

Ficará para o segundo semestre deste ano a resposta à pergunta: podem vereadores proibir professores de abordar em sala de aula assuntos relacionados à sexualidade?

MARIANA BARROS

PROFESSORES da rede pública de ensino encerrarão o semestre sem saber se, ao retornarem de férias, em agosto, poderão ou não abordar em sala de aula assuntos que façam menção à sexualidade e às questões de gênero — aí incluídos temas ligados a homossexualidade e transexualidade. Nos últimos anos, sete municípios do país aprovaram leis que retiram do currículo municipal qualquer matéria que esbarre em tópicos como relacionamento entre pessoas do mesmo sexo ou a existência de pessoas que assumem identidade do sexo oposto ao de seu nascimento, os transgêneros. Os sete casos

BROWN X BOARD OF EDUCATION
Ministro Barroso: veto a discussões de gênero nas escolas remete à discriminação de negros nos anos 1950

foram levados pela Procuradoria-Geral da República ao Supremo Tribunal Federal (STF). O ministro Luís Roberto Barroso, relator do caso da cidade de Paranaguá, no litoral do Paraná, foi o primeiro a se manifestar sobre a questão — e não deixou pedra sobre pedra. Em caráter liminar, posicionou-se contra os vetos nos currículos. "Não se deve recusar aos alunos acesso a temas com os quais inevitavelmente travarão contato na vida em sociedade. A educação tem o propósito de prepará-los para ela", afirmou. A decisão do magistrado ainda precisa passar pelo plenário do Supremo, que entra em recesso na próxima semana.

No caso de Paranaguá, o plano de educação da cidade, apresentado pela gestão que terminou em 2016, proibia até mesmo a menção à palavra "gênero" em sala de aula. Tudo começou quando, em junho de 2015, o então vereador Adalberto Araújo (PHS-PR), pastor da Igreja Missionária Jesus É a Verdade, propôs aos políticos locais que os professores das escolas municipais fossem proibidos de falar de homossexualidade em sala de aula. A ideia de Araújo era que o veto fosse incorporado no plano educacional que acabara de ser enviado à Câmara pela prefeitura. Oito dias depois, sua vontade virou lei. O plano foi aprovado e sancionado. Segundo o ex-prefeito da cidade Edison Kersten, a aprovação da lei foi resultado da pressão de grupos evangélicos locais. O receio, afirma, era que a abordagem dos temas "poderia levar as crianças à marginalização". É isso mesmo que disse Kersten — "marginalização".

Anunciada pela Secretaria Municipal de Educação, a determinação indignou um grupo de professores. O primeiro passo foi procurar a ONG Grupo Dignidade, com sede em Curitiba, que promove a criação de políticas públicas com o intuito de reduzir a discriminação contra gays, lésbicas e transgêneros. O diretor da ONG, Toni Reis, disse ter recebido queixas de que líderes políticos locais supunham que falar sobre gênero poderia "sexualizar" as crianças, incentivando práticas como aborto e pedofilia. O passo seguinte foi levar o caso à Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, que o remeteu, em dezembro de 2016, à Procuradoria-Geral da República. No mês passado, a PGR manifestou-se radicalmente contra os vetos. Para o procurador Rodrigo Janot, eles violam os dispositivos constitucionais que garantem o direito à igualdade, a proibição à censura, a laicidade do Estado e a exclusividade da União de legislar sobre diretrizes educacionais.

O veto à sexualidade é uma costela do movimento Escola sem Partido, que, em 2015, formulou um anteprojeto de lei com o intuito de limitar a discussão, nas salas de aula, de temas ligados a política, religião e também ao que chama de "teoria ou ideologia de gênero". Neste ano, o Alto Comissariado de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) chegou a enviar ao governo brasileiro um documento em que alertava para o risco de a aprovação do projeto resultar em "censura significativa" a professores e alunos da rede pública de ensino. O projeto do Escola sem Partido está parado, numa comissão especial do Congresso.

Na manifestação que suspendeu em caráter liminar os efeitos da lei aprovada pelos vereadores de Paranaguá, o ministro Barroso citou o histórico caso Brown x Board of Education, de 1954. Na ocasião, a Suprema Corte dos Estados Unidos reconheceu a inconstitucionalidade da separação de brancos e negros nas escolas, justificando que a prática perpetuaria a discriminação racial. "Não tratar de gênero e de orientação sexual no âmbito do ensino não suprime o gênero e a orientação sexual da experiência humana, apenas contribui para a desinformação das crianças e jovens a respeito de tais temas, para a perpetuação de estigmas e do sofrimento que deles decorre", disse o ministro. E tocou no ponto central: disse que o "mero silêncio" sobre a diversidade sexual replica a discriminação, deixa o preconceito prosperar e "contribui para a consolidação da violência às crianças homo e trans". ■

PRESSÃO, NÃO Lynn: o exagero dos pais pode ter efeito inverso ao desejado

DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO

Referência mundial em ensino na primeira infância, a americana Lynn Kagan diz que investir em qualidade nessa fase é fundamental para o futuro da criança **MONICA WEINBERG**

RECONHECIDA no mundo todo como uma das maiores especialistas em primeira infância, a americana Sharon Lynn Kagan costuma rodar o planeta prestando consultoria a governos — inclusive o dos Estados Unidos — sobre como implantar métodos eficientes de ensino na etapa pré-escolar. Lynn, da Universidade de Colúmbia, em Nova York, já percorreu 75 países, sempre enfatizando a ideia de que a criança que recebe os estímulos certos desde cedo terá vantagens excepcionais ao longo de toda a vida. Nesta sua quarta viagem ao Brasil, para participar do 1º Congresso de Jornalismo de Educação, a convite da Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, especializada no tema, Lynn falou a VEJA.

O COMEÇO É DECISIVO

"Uma educação de alto nível nos primeiros anos de vida produz uma série de efeitos positivos duradouros. Esse é o período em que mais se aprende. A criança que for incentivada de forma adequada desde a largada terá mais chances de obter um bom desempenho acadêmico, concluir o ensino médio, arranjar emprego e ganhar mais. São menores, por sua vez, as probabilidades de ela se tornar um adulto fumante e até de vir a se envolver com o crime. Por todas essas evidências, estou convicta de que investir na primeira infância é uma das grandes medidas que um país pode tomar para dar um salto de desenvolvimento."

FUNCIONA, SIM

"O que os bons programas voltados para os primeiros anos da criança têm em comum? Eles conseguem reunir professores que entendem como se dá o aprendizado no início da vida e são treinados para potencializá-lo. A educação de qualidade germina ainda onde há metas bem claras — e não é porque a criança é pequena que não haverá — e bem monitoradas, de modo que se possam corrigir rumos ao longo do percurso. A capacidade de atrair os pais é também essencial. Antes de tudo porque, se eles participam desde cedo, transmitem ao filho a mensagem de que dão valor à educação. São, afinal, os primeiros e os mais importantes professores."

FAMÍLIA EM AÇÃO

"Os estudos mostram que os pais que contam histórias interessantes e leem todo dia para o filho estão dando um enorme empurrão para a sua formação. Outro hábito que tem impacto é pôr a criança para pensar sobre o mundo que a cerca, fazendo perguntas menos óbvias e mais abrangentes do que 'qual é a cor do seu sapato?'. Melhor seria: 'Para que servem os calçados?', e por aí vai. Assim, ela começa a desenvolver o raciocínio e o uso da linguagem. Mas atenção, sem excessos: às vezes, por ansiedade e despreparo, os pais põem pressão demais sobre os filhos. E pressão desmedida é um perigo: ela pode trazer um retorno exatamente contrário ao esperado."

CLAUDIO DE MOURA CASTRO

ADEUS À MEDIOCRIDADE

No caminho da escola moderna, renascem boas ideias do século XIX

ERA O COMPUTADOR, depois o tablet, agora a moda é a "aula ativa". Será que presta? Ouçamos seus profetas.

É preciso "abandonar os métodos formais e verbais do passado que enfatizam a absorção passiva de conhecimentos aprisionados em livros". De fato, "os currículos se tornaram congestionados, com cada vez mais materiais factuais".

A nova ideia é "aprender através de atividades (...) os jogos fazem parte da educação". "As escolas não usam suficientemente o tato, a visão e o sentido muscular (...) as aulas consistem em ouvir e memorizar, um processo aborrecido e que prejudica o aprendizado."

"A escola deve ser viva, desafiadora, em vez de aborrecida, como uma prisão monótona." E, também, "os alunos devem crescer naturalmente, aprendendo pelo fazer, e não encabrestados às carteiras". Isso porque, "quando uma criança está usando uma serra ou uma plaina, não é necessário inventar maneiras artificiais de manter a sua atenção".

"As crianças devem ser livres para investigar, perguntar e experimentar." Igualmente, "a curiosidade deve ser despertada por problemas que tentarão resolver por conta própria". Nesse processo, "o papel do professor é selecionar experiências significativas para os alunos, escolhendo problemas que despertem a sua curiosidade, estimulando-os a investigar e desafiando-os a olhar para o mundo à sua volta". Aula ativa é pôr em prática isso tudo. É do que precisa hoje a nossa educação. Só há um detalhe. As citações são de Pestalozzi, Froebel, John Dewey e outros. Ou seja, são todas do século XIX!

O lado bom é que temos ideias sólidas para nos orientar; afinal, sobreviveram mais de um século. O lado ruim é que não foram adotadas nesse interim. De fato, a escola caminhou em direção oposta. Culpa de quem, diante de ideias tão poderosas?

Na tentativa de atender um número cada vez mais avassalador de alunos, a escola encolheu nas suas ambições e foi engolida pela mediocridade das rotinas mortas e burras. Sumiu a aula ativa de Dewey. Atolamos na mesma aula passiva, tão claramente denunciada. Anísio Teixeira bem que tentou, mas encontrou ouvidos moucos.

Ainda bem que há uma leve brisa trazendo de volta essas ideias, por tanto tempo hibernadas. Mas não passa de um sopro, ainda frágil.

Seja como for, são ideias persuasivas, aposto nelas. Apenas fazendo o que mandam as citações acima, já provocaremos uma revolução na sala de aula. Na versão de hoje, é a aula invertida, PBL, *peer learning*, pré-aula, método da descoberta e outras fórmulas. As novas tecnologias entram na equação. São bem participativas, mas sem a força de mobilizar todos os sentidos.

Contudo, temos um desafio adicional. Não basta criar um par de escolas experimentais e fazer funcionar tudo que sonhamos. O difícil é fazer isso para 50 milhões de alunos.

É possível, sim. Mas é preciso concentrar as atenções nessa hercúlea tarefa e não perder tempo esgrimindo contra os espíritos de porco de plantão. ■

A IDADE CERTA

"Não existe a melhor idade para a criança ingressar em uma creche. O que existe, isto sim, é a convicção de que o cérebro infantil funciona como uma esponja para o aprendizado desde os primeiros instantes da existência. As crianças logo começam a desenvolver habilidades sociais e vínculos e iniciam-se na compreensão de causas e efeitos, adquirem senso de proporção e noções preliminares da linguagem. Assimilar conhecimento é algo natural, mas os adultos podem e devem proporcionar-lhes boas experiências para que o façam mais e melhor, dentro e fora da escola. O que já se sabe é que, quanto mais pobres e desprovidas de estímulos em casa elas forem, mais benefícios terão ao entrar cedo em uma creche de qualidade."

O BOM CURRÍCULO

"Sempre defendi a existência de um currículo para a pré-escola. Houve uma época em que era muito criticada por isso. Diziam: 'Vai criar uma rigidez na escola, vai ser uma camisa de força para o professor'. Hoje quase todo mundo adota currículos. Os realmente bons são aqueles que revelam com clareza o que a criança deve aprender em cada etapa e levam em conta seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. A ideia é incentivá-la a fazer as perguntas certas e mantê-la curiosa e motivada a aprender por meio da brincadeira, sempre. Currículos que funcionam têm ainda o mérito de ser escritos em linguagem compreensível, para que o professor possa aplicá-los, e não em jargão acadêmico."

OLHO NO BRASIL

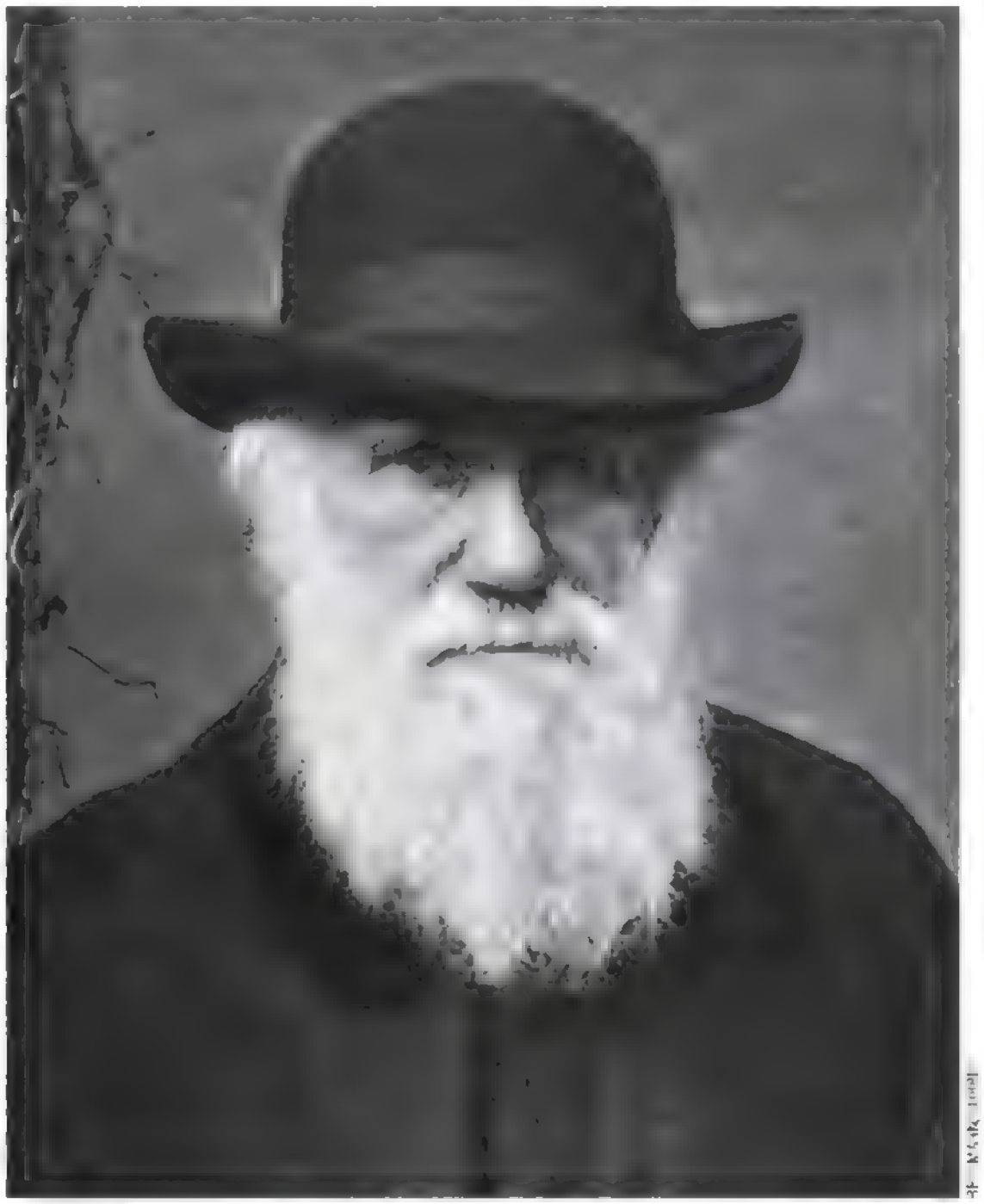
"Venho ajudando governos do mundo todo a construir seus sistemas de ensino para a pré-escola. O Brasil me interessa: é um país populoso, jovem e relevante do ponto de vista econômico, que tem muito a se beneficiar." ■

ERROS QUE DÃO CERTO

Livro mostra como até mesmo as mentes mais brilhantes já se enganaram – e que isso abriu portas para o desenvolvimento de suas áreas de atuação **JENNIFER ANN THOMAS**

A PENICILINA, o primeiro antibiótico da história, que levaria a um largo avanço na medicina, surgiu de um erro de procedimento. Depois do fim da I Guerra, o bacteriologista escocês Alexander Fleming (1881-1955), que durante o conflito atuara como médico militar, voltou para o seu antigo emprego, no Hospital St. Mary's, em Londres. Lá, passou a se dedicar à busca de fórmulas que ajudassem a aliviar mazelas que acometiam os soldados vindos do front. Em 1928, Fleming saiu de férias e, por puro descuido, esqueceu-se de descartar placas repletas de culturas de microrganismos. A atitude poderia ter resultado na repreensão de seus superiores; afinal, não era nada seguro deixar à mostra, apodrecendo, materiais biológicos nocivos. Ao regressar, o médico percebeu que uma das amostras, de bactérias do gênero *Staphylococcus*, estava tomada por um bolor. Mais do que isso: ao redor da colônia não havia mais bactérias. Foi assim que Fleming descobriu um fungo, o *Penicillium*, capaz de produzir substâncias bactericidas. Com ele, criou a penicilina. A invenção lhe renderia o Nobel de Medicina em 1945.

Como em qualquer outra atividade humana, o erro é um companheiro de incômoda fidelidade também dos cientistas, mesmo daqueles considerados, com justiça, o suprassumo em seu campo de atuação. Foram os erros, no entanto, que muitas vezes os levaram a importantes descobertas, como no caso de Fleming, ou — o que

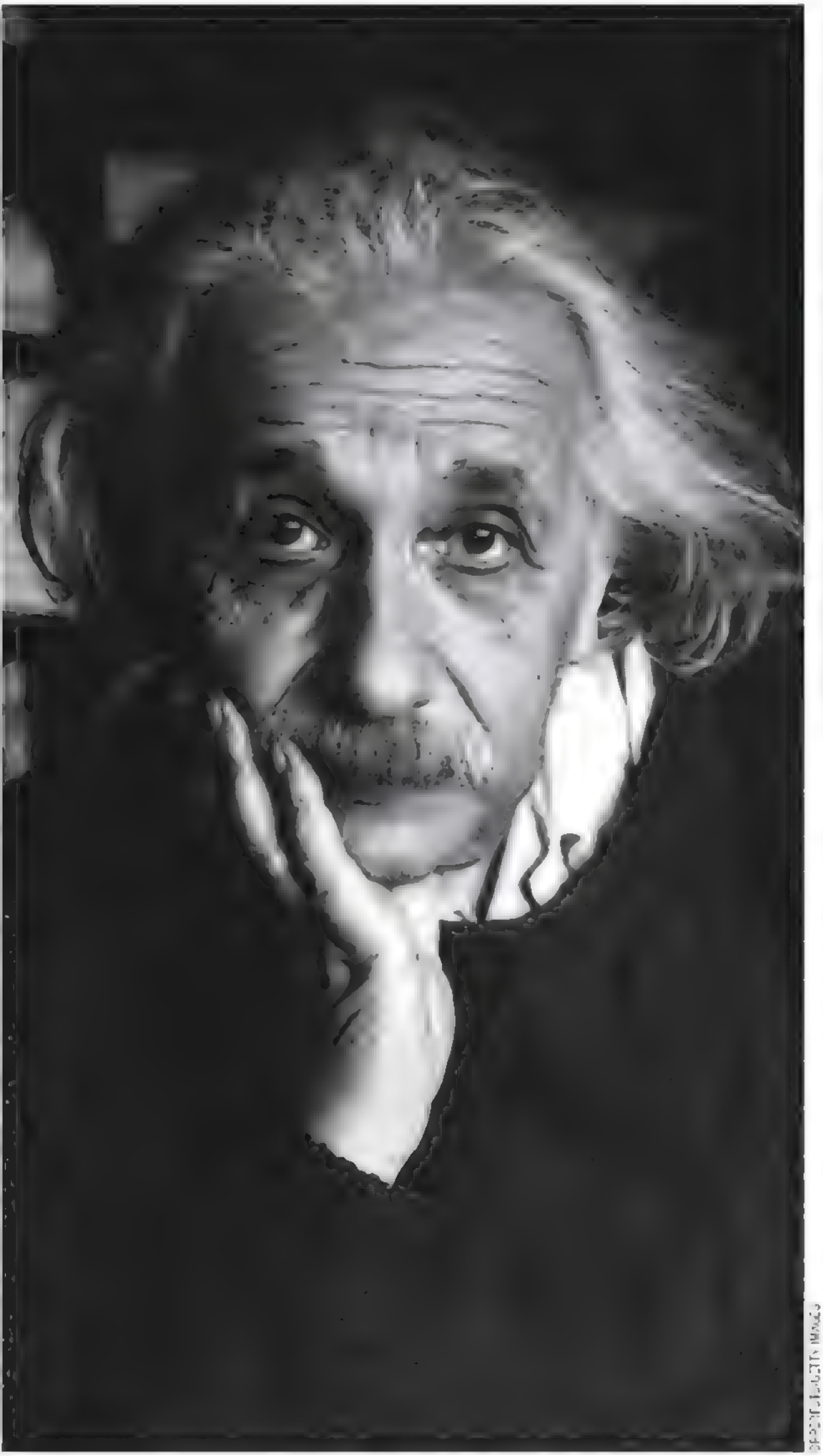


CHARLES DARWIN
(1809-1882), naturalista inglês, celebrizado por ter elaborado a teoria da evolução das espécies

O ERRO
Construiu uma tese, hoje conhecida como pangênese, segundo a qual os organismos produziriam partículas que transmitiriam as características hereditárias

O AVANÇO PERMITIDO PELA FALHA
Para contradizer a tese da pangênese, o botânico austríaco Gregor Mendel (1822-1884) formulou experimentos com plantas que o levaram à descoberta da existência dos genes

MV BAIXE O APLICATIVO DE REALIDADE AUMENTADA E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM



ALBERT EINSTEIN
(1879-1955),
físico alemão que criou a teoria da relatividade geral e, em 1921, ganhou o Nobel pela descoberta do efeito fotoelétrico, uma das bases da física quântica

$$E=mc^2$$

O ERRO
Defendia a ideia de que o universo seria estático e, para explicar sua posição, criou mentalmente um elemento batizado de constante cosmológica, que explicaria o equilíbrio cósmico

O AVANÇO PERMITIDO PELA FALHA
Incentivaram-se as pesquisas acerca da evolução do universo. Entre elas a do americano Edwin Hubble (1889-1953), astrônomo que comprovou a expansão contínua do cosmo

é igualmente espetacular — possibilitaram outros avanços em suas respectivas áreas, conduzidos não só por discípulos como também por adversários. É essa formidável característica da ciência que dá corpo ao livro *Tolices Brilhantes*, do astrofísico romeno Mario Livio, publicado no Brasil pela Editora Record. Na obra, o autor discorre sobre equívocos da lavra de cinco nomes de peso: Charles Darwin, Albert Einstein, Lorde Kelvin, Fred Hoyle e Linus Pauling *(veja os quadros ao longo desta reportagem)*.

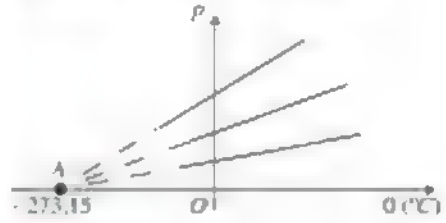
"É fundamental que o público perceba como os deslizes são parte essencial do progresso da ciência e, na verdade, claro, de qualquer trabalho humano, mas especialmente os do segmento criativo", disse Livio a VEJA. "Se queremos que as pessoas pensem de forma inovadora, é preciso aceitar o fato de que disso faz parte o risco de elas cometerem erros

grosseiros ao longo do caminho." O problema é que são exatamente os representantes dos segmentos que o autor chamou de criativos, como os cientistas, os artistas etc., os primeiros a resistir a admitir o erro.

Em *Tolices Brilhantes*, Livio conta, por exemplo, como o matemático irlandês Lorde Kelvin (1824-1907) jamais aceitou que se equivocara no cálculo de qual seria a idade da Terra; para ele, 100 milhões de anos. Tal postura, de negação do equívoco, seria justificada pela mesma teoria que explica a ilusão de jovens empreendedores em relação a ideias que apenas eles julgam extraordinárias — motivo da falência de 42% das startups de tecnologia. Segundo o autor, a tese por trás dessa atitude é a da dissonância cognitiva, desenvolvida pelo psicólogo americano Leon Festinger (1919-1989). De acordo com Festinger, quanto mais comprometido está um indivíduo com a própria opinião, menos disposição ele tem para abandoná-la mesmo quando confrontado com evidências que derrubem sua convicção. Os registros de como Kelvin teria reagido de forma mercurial às hipóteses contrárias à sua provariam que o matemático não estava disposto a abandonar as três décadas de estudos que levaram aos seus cálculos — lamentavelmente errados, pois hoje se estima que o planeta tenha mais de 4 bilhões de anos.

O astrofísico inglês Fred Hoyle (1915-2001) — criador de uma tese sobre a formação de estrelas que é uma das bases de sua disciplina — também cometeu uma falha memorável ao tentar explicar, numa palestra proferida, via rádio, em 1949, como teria surgido o universo. Para ele, o cosmo seria estável e continuaria a produzir matéria, incessantemente. Ao afirmar isso, Hoyle debochou de uma hipótese concorrente da sua — a de que tudo teria aparecido a partir de uma rapidíssima expansão de um

LORDE KELVIN
(1824-1907), físico e matemático irlandês, conhecido pela criação da escala Kelvin, de medição de temperatura



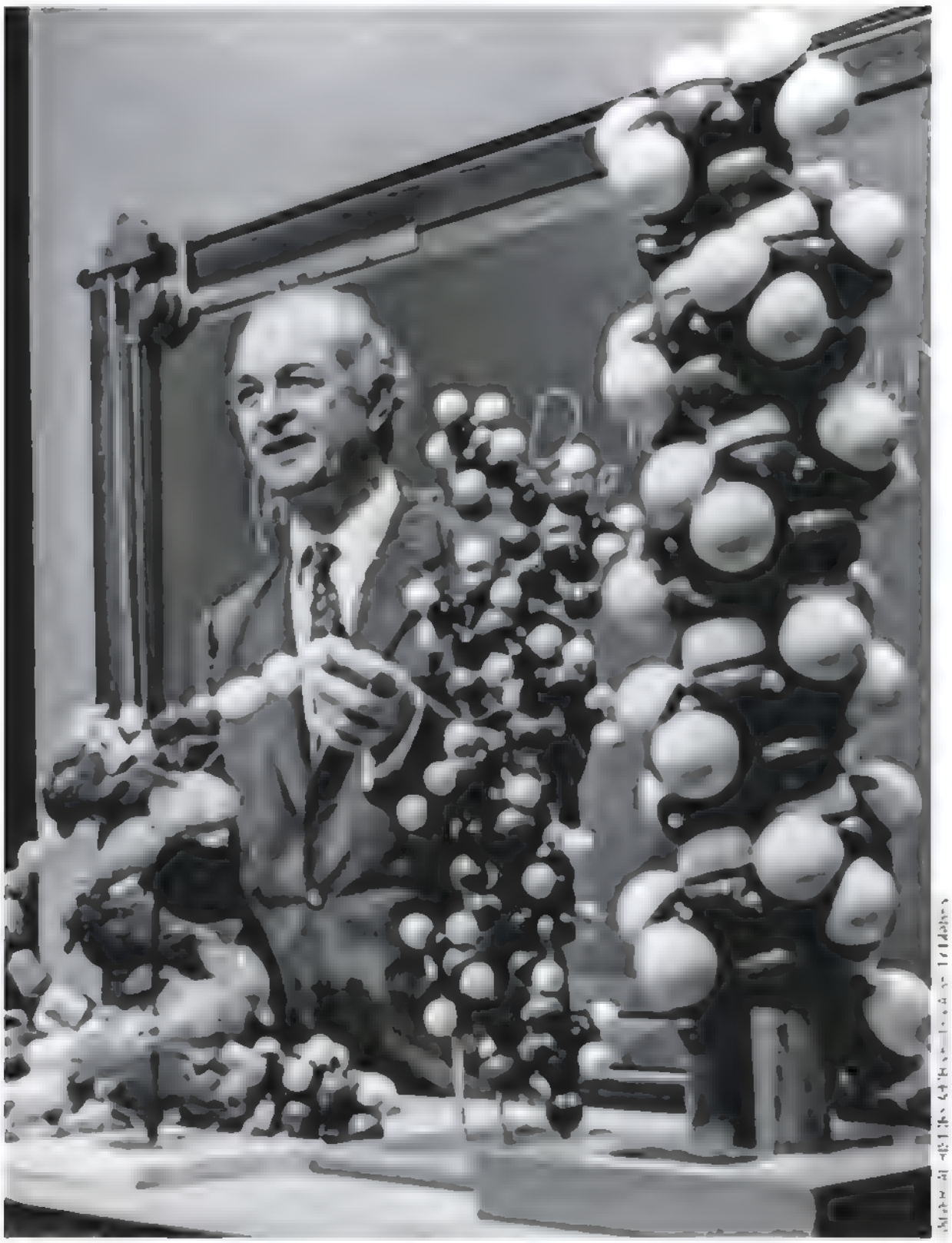
ERRO
Estimou, por meio de cálculos errôneos baseados no nível de calor presente no interior do planeta, que a Terra teria 100 milhões de anos

O AVANÇO PERMITIDO PELA FALHA
Um discípulo, o engenheiro irlandês John Perry (1850-1920), recalculou a variação de temperatura no interior terrestre e chegou à idade de pelo menos 3 bilhões de anos; hoje, aposta-se em 4,54 bilhões

FRED HOYLE
(1915-2001), astrofísico inglês que, ao lado do colega americano William Fowler (1911-1995), descobriu como um conjunto de elementos químicos é formado no interior de estrelas

O ERRO
Defendia a tese de que o universo é estacionário e que fabricaria matéria lenta e constantemente, em oposição à hipótese do Big Bang, hoje amplamente aceita

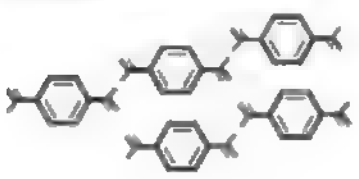
O AVANÇO PERMITIDO PELA FALHA
Numa ironia, estudos cuja meta era refutar o conceito de Hoyle acabaram por levar ao fortalecimento teórico da ideia do Big Bang – de que tudo o que existe teria surgido a partir da rapidíssima expansão do universo



ponto chamado de "singularidade" — e apelidou essa ideia de Big Bang. Pois o avanço dos estudos demonstrou que ele é quem estava enganado. A teoria do Big Bang ganhou força, o nome colou, e ela é hoje a mais aceita para explicar a criação das galáxias, das estrelas — do universo.

"Jamais ficaremos livres de gafes, pois ideias não convencionais são necessárias para garantir o progresso. Entretanto, conceitos 'exóticos' também têm, invariavelmente, grande risco de estar equivocados", observa Livio, com razão. No livro *Por que Cometemos Erros* (Editora Globo), o jornalista americano Joseph Hallinan explica como o ambiente em que vivemos influencia a nossa percepção das falhas. Ele defende a ideia de que, num mundo conectado, em que realizamos diversas tarefas ao mesmo tempo, dividindo a atenção entre smartphones, redes sociais, trabalho, família e tantas outras coisas, é preciso perceber que erros, apesar de amargos, são inevitáveis — e podem, sim, ser muito produtivos. Foi só depois de se equivocar muito que o empreendedor americano Henry Ford chegou à elaboração das linhas de montagem industriais, o fordismo, que permitiu a fabricação de automóveis em larga escala. Após o sucesso, Ford proclamou esta máxima histórica: "O fracasso é simplesmente a oportunidade para recomeçar de maneira mais inteligente". Calcula-se que, ao longo da vida, uma pessoa tome cerca de 700 000 decisões, das quais vai se arrepender de 100 000. Não é preciso se mortificar por essas escolhas equivocadas. Isso é humano, demasiado humano. O segredo para conviver durante anos ao lado daquele companheiro incômodo e fiel que é o erro pode estar não apenas em admiti-lo, e assim, quem sabe, superá-lo, como também em imaginar que talvez ele — o equívoco, o engano, o deslize — possa ser o primeiro passo para o acerto de uma outra pessoa. Sim, o erro pode dar certo. ■

Linus Pauling
(1901-1994), químico americano vencedor de dois Nobel: em sua área, em 1954, pelo trabalho sobre ligações de partículas; e o da Paz, em 1962, pelo ativismo contra testes nucleares



O ERRO
Ao descrever a estrutura do DNA, sugeriu que ela era formada por uma ligação de três hélices. Se fosse assim, o DNA não seria categorizado como um ácido e, portanto, não poderia ter a função que executa

O AVANÇO PERMITIDO PELA FALHA
O conceito de Pauling inspirou seus colegas, em especial a dupla americana James Watson (1928) e Francis Crick (1916-2004), responsáveis pelo modelo de DNA hoje reconhecido – o de duas hélices entrelaçadas

O REVOLUCIONÁRIO
Oswaldo Aranha, no uniforme de campanha dos conflitos de 1923, no Rio Grande do Sul: o presidente que poderia ter sido e não foi

INSUPERÁVEL NÚMERO 2

Uma fotobiografia ilumina a trajetória de Oswaldo Aranha, parceiro e rival de Getúlio Vargas. Seu brilho político estabelece um embaraçoso contraste com a mediocridade dos homens públicos de hoje

AUGUSTO NUNES

Podem conviver sob a mesma pele, em desconcertante harmonia, tipos humanos aparentemente incompatíveis? Eis uma graça alcançada por uns poucos eleitos. A essa tribo sempre ameaçada de extinção pertenceu o brasileiro nascido em 1894 na cidade gaúcha de Alegrete resgatado pela recém-lançada ***Oswaldo Aranha — Uma Fotobiografia.*** Na obra de fina feitura, organizada pelo neto do biografado, Pedro Corrêa do Lago, mais de 600 imagens, 80% das quais até agora inéditas, conjugam-se com textos concisos e claros para promover o desfile das distintas versões que coexistiram no território localizado entre a alma e o coração da figura extraordinariamente múltipla. O revolucionário e o conciliador, o guerreiro impetuoso e o negociador político, o caudilho sem paciência e o diplomata sem pressa, o nativista de bombachas e o cosmopolita de terno branco e sapato bicolor — Oswaldo Euclides de Souza Aranha sempre administrou com notável equilíbrio tantas ambivalências. Talvez porque esse íntimo convívio dos contrários tenha estado permanentemente subordinado ao mais poderoso traço de sua personalidade: a paixão visceral pelos valores democráticos. Assim, seja qual for a foto que se contempla, seja qual for a versão nela retratada, o que se vê é Oswaldo Aranha (quase sempre com o inevitável cigarro debruçado sobre o lábio inferior).

Nada se vislumbra de antagônico mesmo em imagens dissonantes separadas por alguns centímetros. O jovem que comanda em trajes típicos uma tropa de cavaleiros chimangos, rumo a mais um entrevero da revolução de 1923, é o embrião do elegante frequentador do Jockey do Rio que conversa numa roda de amigos entre uma aposta e outra. O intendente de Alegrete que conduz energicamente o Partido Republicano Rio-Grandense na região fronteiriça é o esboço do embaixador que, na presidência da Assembleia da ONU, conceberia a complicada tessitura da partilha da Palestina e consumaria os trabalhos de parto do Estado de Israel. O filho dos pampas à vontade no grupo de peões na hora do chimarrão exibe o mesmo desembaraço do cidadão do mundo que troca ideias em inglês, nos mais cobiçados salões do Rio, com celebridades como o banqueiro Nelson Rockefeller e o cineasta Orson Welles, com um John Kennedy mal saído da adolescência ou com estrelas de Hollywood. O conspirador de 1930 que convenceu um hesitante Getúlio Vargas a assumir a chefia suprema das forças armadas oposicionistas e chegar pelos campos de batalha ao palácio presidencial que não conseguira alcançar pelo caminho das urnas, obstruído pela fraude em escala industrial, antecipa o ministro da Fazenda que em 1954, na derradeira reunião do ministério de Getúlio, defenderia a contraofensiva destinada a abortar os ataques ferozes da aliança que juntara militares sublevados e políticos golpistas. A atitude de Aranha rima com o discurso à beira da sepultura em São Borja, quando se despediu do velho companheiro.

"Não te trouxe meu abraço, mas aquele aperto de mão amigo de todos os dias, para que continuemos, tu na eternidade e eu nessa vida, o diálogo de dois irmãos ligados pela terra, pela raça, pelo serviço e pelo amor ao

OSWALDO ARANHA – UMA FOTOBIOGRAFIA, de Pedro Corrêa do Lago (Capivara; 412 páginas; 70 reais)

AMIGOS DÍSPARES Oswaldo Aranha, então chanceler, com o presidente Getúlio Vargas, em 1942: "irmãos ligados pela terra"

Brasil", disse no começo da bela oração fúnebre. Esse poema do adeus ao companheiro morto, grande suicida, foi o fecho perfeito para a história de uma amizade que sobreviveu a rupturas dramáticas, reaproximações desconfiadas e ciumeiras muito mal disfarçadas.

Os vínculos consolidados na década de 20 nunca se dissolveram, mas foram esgarçados em várias ocasiões por colisões frontais entre o presidente que amava o poder acima de todas as coisas e o amante da liberdade, avesso a autoritarismos e regimes absolutistas. Em 1937, por exemplo, Aranha se opôs publicamente à decretação do Estado Novo. Em 1942, valendo-se do prestígio acumulado no Brasil e das ligações com autoridades americanas estabelecidas desde os primeiros dias como embaixador em Washington, estimulando com discrição e habilidade o poder de pressão da Casa Branca, Aranha conseguiu neutralizar o fascínio de Getúlio pelo Eixo nazifascista e, em seguida, induzir o ditador a juntar-se aos Aliados na II Guerra Mundial. Foram poucas as vitórias do herdeiro político dos Aranha de Alegrete nas quedas de braço travadas com o continuador da dinastia dos Vargas de São Borja. O mais demorado de todos os embates nunca foi explicitado claramente. Ambos sabiam que tinham todos os atributos para governar o Brasil, mas só um deles acabou chegando lá.

"Nunca vi duas figuras tão díspares se darem tão bem, era uma espécie de concubinato político", disse Alzira Vargas do Amaral Peixoto numa entrevista publicada em 1958. Dois anos depois, a filha preferida e única confidente de um homem avesso a intimidades verbais escreveria *Getúlio Vargas, Meu Pai*, que acaba de ser relançado *(leia a resenha na pág. 92)*. "Como brigavam, como se disputavam e como se ajudavam!" Segundo Alzirinha, nenhum deles perdia chances de criticar o outro, mas os dois também não admitiam que terceiros entrassem no assunto, mesmo que para endossar o que diziam. "Parecia uma briga de

Completo hoje 65 anos. Sinto-me [illegible] contigo. Não pensei jamais chegar tão [illegible] fizemos, ambos, tudo por abreviar. Estamos ficando [illegible]

DIAS E ÉPOCAS
Com Flores da Cunha, a quem escreveu a carta acima, de 1959: a melhor safra de políticos

marido e mulher na qual ninguém podia se meter", comparou. "As diferenças entre eles eram visíveis, claras. Oswaldo, alegre, falastrão, extrovertido, com ambições recalcadas, sonhos irrealizados. Getúlio, quieto, comedido, introvertido, ambições realizadas aparentemente, sonhos impossíveis. Porém, conversavam, se entendiam, se completavam."

Nascido em 1894, doze anos depois de Getúlio, Aranha seria o número 2 da geração que ingressou na vida política na década de 20 — a melhor e mais brilhante safra de homens públicos da história do Brasil republicano. Ao elenco gaúcho, enriquecido por raridades como João Neves da Fontoura, Flores da Cunha, Lindolfo Collor, Batista Luzardo, Cordeiro de Farias ou Luís Carlos Prestes, somaram-se coadjuvantes com suficientes qualificações para brilhar como protagonistas. Nessa categoria figuram os cearenses Juarez Távora e Juracy Magalhães, o mineiro Virgílio de Mello Franco, o fluminense Eduardo Gomes, o paulista Armando de Salles Oliveira, o paraibano José Américo de Almeida. Nunca mais o Brasil veria tantos políticos vocacionais esbanjando talento ao mesmo tempo.

Aranha ainda não sabia disso em 1933, quando era ministro da Fazenda do governo provisório. Se soubesse, não teria dito que "o Brasil é um deserto de homens e de ideias". Seria a sua frase mais famosa. Seria também o mais desastrado parecer fabricado por um cérebro reverenciado pela precisão dos diagnósticos políticos. Se a geração dos anos 20 lhe pareceu miseravelmente árida, o que diria se estivesse vivo? Como descreveria a paisagem do país nesta segunda década do século XXI? Que qualificações mereceriam os governantes que transformaram o deserto de homens e de ideias numa selva infestada de larápios, vigaristas, assaltantes de cofres públicos e ramificações da grande tribo dos fora da lei? Como reagiria Aranha ao saber que o país que levou um presidente honrado ao suicídio é governado por um homem que, acuado pelas bandalheiras em que se meteu, aparece cercado de prontuários para acusar o acusador? Alguém conseguiria explicar-lhe por que líderes originários da elite que escrevia sem erros e falava português corretamente foram trocados por analfabetos funcionais como Lula ou bestas quadradas como Dilma Rousseff? Aranha estava com Tancredo Neves quando um tiro ecoou no Catete e mudou o rumo da história. O que acharia da conversa em que o neto do ministro da Justiça de Getúlio, o afastado Aécio Neves, esbanjou fluência na linguagem de cortiço? Faltam homens, faltam ideias, falta cadeia. O que há de sobra é bandido. São tantos que podem ser encontrados na cúpula dos três poderes.

A gestação do deserto começou com a mudança da capital para Brasília. Se o Congresso ainda funcionasse no Rio, por exemplo, bastaria que os renans, jucás, collors e eunícios dessem as caras na Avenida Rio Branco para sentir na pele o que o povo pensa do desempenho da turma. Entre 1964 e 1984, o sumiço de homens e ideias foi intensificado pela ditadura militar, que sufocou os nascedouros de homens públicos, como os centros acadêmicos, e fez o que pôde para extinguir espécies afetadas por defeitos intoleráveis — cora-

Salvar

UM RETRATO ÍNTIMO DA ESFINGE

O testemunho de Alzira, filha e confidente de Getúlio Vargas, ganha uma nova edição ampliada

Escrito em 1960 e só agora relançado em edição definitiva, enriquecida por complementos inéditos e por um segundo volume de memórias cuja conclusão se tornou impossível com a morte da autora, em 1992, *Getúlio Vargas, Meu Pai* é um amoroso retrato do mais influente político brasileiro do século visto por Alzira Vargas do Amaral Peixoto. A compreensível brandura do olhar é compensada por revelações só acessíveis à filha predileta e única confidente de um homem que sempre preferiu ouvir a falar.

Nas versões oficiais, ela foi arquivista e depois auxiliar de gabinete do presidente constitucional. A história real informa que coube a Alzirinha a guarda de um precioso baú de segredos do gaúcho que governou o Brasil por quase vinte anos. Quem leu a edição original sabe que, para a funcionária avessa a mesuras e salamaleques, Getulio era simplesmente o "patrão". A safra de novidades atesta que Alzirinha reduziu a farrapos a couraça que protegia a intimidade de um introvertido vocacional. A confiança crescente e recíproca conferiu à confidente o status de conselheira de alta patente. Numa das dezenas de cartas trocadas entre a filha que chamava de "Ge" o pai que a tratava por "Rapariguinha", o ex-ditador exilado nos pampas alinhava os perigos que espreitavam todos os caminhos possíveis e, na última linha, pede a opinião da destinatária: "Que pensas?". Dúvidas e desconfianças são dissipadas por considerações argutas, observações irônicas e sugestões astuciosas. A correspondência manuscrita comprova que foi Alzirinha quem convenceu a esfinge de que era hora de regressar pela rota do voto ao coração do poder alcançado vinte anos antes pelo atalho da insurreição armada.

GE E RAPARIGUINHA Alzira com o pai, em 1936: uma vida inteira dentro de palácios do governo

O livro que expõe facetas ocultas de Getúlio já seria indispensável se apenas contasse quem foi Alzira Vargas. Ninguém viveu tanto tempo em palácios. A filha do governador do Rio Grande do Sul morou no Piratini. A filha do presidente da República trabalhou no Catete e dormiu no Guanabara. A mulher de Ernani do Amaral Peixoto dividiu o palácio em Niterói com o interventor e depois governador do Rio de Janeiro. Deve ser muito bom morar em lugares assim, deixei escapar no meio de uma conversa com ela em 1987. "Bobagem", cortou a septuagenária que desprezava rodeios. "Seria uma vida insuportável se eu não carregasse o tempo todo a caixinha com coisas que nenhum palácio tem." Intrigado, pedi exemplos. "Fósforos, pente, agulha, linha e botão", informou. "Você pode mobilizar todos os ajudantes de ordens, todos os oficiais de gabinete e dois ou três ministros", riu Alzirinha. "Eles demoram meia hora até descobrir que é melhor mandar alguém buscar na cidade."

GETÚLIO VARGAS, MEU PAI,
de Alzira Vargas do Amaral Peixoto
(Objetiva; 560 páginas; 69,90 reais ou 39,90 em versão digital)

BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR E LEIA TRECHO DO LIVRO

ARENA MUNDIAL Na declaração de guerra contra o nazifascismo, em 1942 *(acima)*, e na presidência da Assembleia das Nações Unidas que criou o Estado de Israel, em 1947

gem, honradez, vergonha na cara, altivez, autonomia intelectual e independência política, por exemplo. Somam-se a essas mazelas históricas uma legislação eleitoral ineficiente e um sistema político em permanente crise de representatividade. Os estragos restantes podem ser explicados pela constatação de Nelson Rodrigues: "Os idiotas estão por toda parte". Talvez já sejam hegemônicos no Executivo, no Legislativo e no Judiciário. Os otimistas irredutíveis lembram que as coisas pareciam menos assustadoras há menos de trinta anos. E eram, graças à longevidade de gente que sobreviveu à devastação desencadeada em 1964. Em julho de 1994, quando já era candidato à Presidência, Fernando Henrique Cardoso evocava em tom nostálgico os seus tempos de senador. "Eu tive o privilégio de conviver com homens como Darcy Ribeiro, Roberto Campos, Afonso Arinos, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e outras cabeças brilhantes", exemplificou. Todos os integrantes da lista de FHC tinham o status de cardeal. Mas também tinham mais de 70 anos. A morte dos últimos servidores da nação extinguiu o cardinalato. Hoje o Legislativo é governado pelo baixo clero.

Serão todos enterrados na cova rasa dos que por pouco não destruíram o país que a geração de Oswaldo Aranha tentou bravamente modernizar. "Vivemos, realmente, demais, porque os dias de nossas vidas serão contados por épocas, para o mundo e para o nosso país", constatou numa carta a Flores da Cunha em fevereiro de 1959, um ano antes da morte, no Rio. "Essa metade do século XX foi uma síntese de todos os tempos. As decisões tomadas em nossa época (...) assemelharam-se à semana da criação. Ajudamos, Flores, a amainar a terra desse renovado destino brasileiro."

O legado do atual ajuntamento de políticos é inferior a zero. A poucos meses do início da campanha presidencial de 2018, milhões de profissionais da esperança não conseguem localizar um candidato que os anime a pelo menos sair de casa para votar. Há pouco mais de cinquenta anos, faltava palanque para um Oswaldo Aranha. Meses antes do fim, ele recusou um convite para candidatar-se a vice-presidente, em 1960, na chapa encabeçada pelo marechal Henrique Lott. "Estou cansado de ser o segundo", confessou. Pena que as trapaças da sorte impediram que se tornasse o número 1. A fotobiografia confirma que Oswaldo Aranha é o presidente que poderia ter sido e não foi. Se tivesse governado o país, ele morreria mais feliz. E o Brasil viveria mais feliz enquanto fosse presidido por um homem assim. ■

ALMAS GÊMEAS Okja e a menina Mikha, na fazendinha nas montanhas: juntas desde que uma era filhote e a outra, bebê

AMOR NÃO TEM ESPÉCIE

Okja, que rachou Cannes entre "conservadores" e "liberais" do streaming, é cinema com letra maiúscula **ISABELA BOSCOV**

ESTE É UM ENREDO clássico: a história do amor entre uma criança e seu cão (ou, às vezes, seu cavalo) e da luta para derrotar as forças que trabalham para separá-los. Bem menos usual é que o objeto desse amor seja um porco — e nem um porco qualquer, mas um superporco de umas tantas toneladas, fruto de um experimento clandestino de modificação genética. A ligação de Mikha (Seo-Hyun Ahn) com a mastodôntica Okja (trata-se de uma fêmea), porém, não é menos profunda por fugir assim tão inusitadamente às relações habituais entre as espécies. Mikha convive com a mascote desde bebê, e criou-a tanto quanto foi criada por ela: isolada com o avô nas montanhas do interior sul-coreano, a menina tem em Okja sua maior amiga e também uma figura materna. O animal, porém, pertence a uma megacorporação agropecuária que pretende levá-lo a Nova York para um grande evento publicitário — e, então, para um lúgubre destino final. Com determinação febril, Mikha segue sua companheira numa jornada que, em *Okja* (Estados Unidos/Coreia do Sul, 2017), desde a quarta-feira 28 disponível na Netflix, é de amor e lealdade, mas também de um duro abrir de olhos. Da fazendinha nas montanhas aos casarios de Seul e, depois, na vastidão de concreto de Nova York — e, para além da metrópole, no cenário horripilante do último ato —, o diretor sul-coreano Joon-Ho Bong refaz uma espécie de percurso civilizatório da nossa alimentação, da subsistência à industrialização. O mundo moderno perdeu de vista a origem do que se leva à boca, e *Okja* relembra e dramatiza a extensão dessa perda.

Autor de *Memórias de um Assassino*, *O Hospedeiro* e *Expresso do Amanhã*, Bong é um dos grandes cineastas da atualidade, e um talento originalíssimo. No entanto, ele se viu no centro de um debate inflamado no último Festival de Cannes. Junto com outra produção da Netflix (*The Meyerowitz Stories*, do americano Noah Baumbach), *Okja* foi escalado para a seleção competitiva — e daí repudiado pelo presidente do júri, o espanhol Pedro Almodóvar, que afirmou num manifesto que não premiaria nenhuma produção que não fosse destinada à exibição em sala de cinema. A lei francesa estabelece um intervalo de três anos (sim, 36 meses) entre a estreia de um

filme em circuito e sua ida para o streaming. A Netflix considerou o prazo dilatado demais e decidiu disponibilizar *Okja* diretamente em sua plataforma nos países onde ele não pudesse ser mostrado em cinema. O circo pegou fogo — e reacendeu uma discussão que desde a década de 50 só se intensifica, sobre qual o jeito ou o lugar certo de ver filmes.

É fato que não há experiência que se compare à da tela grande na sala escura. Mas o streaming e o on-demand são hoje uma realidade inescapável. As redes de cabo e as plataformas como a Netflix e a Amazon não convêm só aos espectadores. Elas oferecem aos criadores algo precioso: oportunidades práticas quase ilimitadas de concretizar projetos e exibi-los — além de muita liberdade artística. Quando fez seu primeiro filme nos Estados Unidos, o ambicioso *Expresso do Amanhã*, em 2013, Joon-Ho Bong teve de se bater com a interferência constante do produtor Harvey Weinstein, e quase perdeu o direito à edição final. Os estúdios aos quais ele submeteu o roteiro de *Okja* foram todos pelo mesmo caminho: se o diretor não abrisse mão do devastador ato final, nada de financiamento. Bong diz que a Netflix, entretanto, deu a ele carta branca. O diretor a usou da sua maneira habitual: escalou um elenco excelente (Seo-Hyun Ahn, agora com 13 anos, é um destaque entre Tilda Swinton, Paul Dano e Jake Gyllenhaal) e criou um espetáculo cinematográfico de apelo visual extraordinário, sentimento intenso e reflexões inesperadas. A tela em que se vê *Okja* é menor que a do cinema. A arte de Bong, não. ■

JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA

CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

García Márquez, Shakespeare e as mazelas da educação pública

■ *Crônica de uma Morte Anunciada*, romance de Gabriel García Márquez, publicado em 1981, acompanha os últimos momentos de Santiago Nasar — um cabra marcado para morrer. Ninguém move um dedo para salvá-lo.

■ O governo do PMDB mantém sitiada uma das mais importantes universidades da América Latina: a Uerj. Verbas básicas de manutenção são sequestradas e seus funcionários amargam três meses de atraso em seus salários.

Tênue esperança: por que a Justiça não obriga o estado a cumprir sua obrigação, como sempre faz no caso de juízes e procuradores estaduais?

■ Garcia Márquez ficcionalizou um acontecimento ocorrido em 1951, em Sucre, na Colômbia. Esperou três décadas para buscar respostas à pergunta-chave: por que ninguém esboçou um gesto para evitar o assassinato?

■ Em 1958, Carlos Lacerda tentou contrabandear um aditivo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1961. O aditivo favorecia a privatização das escolas públicas. Em *Júlio César*, de Shakespeare, os senadores executam César covardemente. Porém, na frase só-lâmina de Marco Antônio, "são todos homens honrados". Lacerda traduziu a peça.

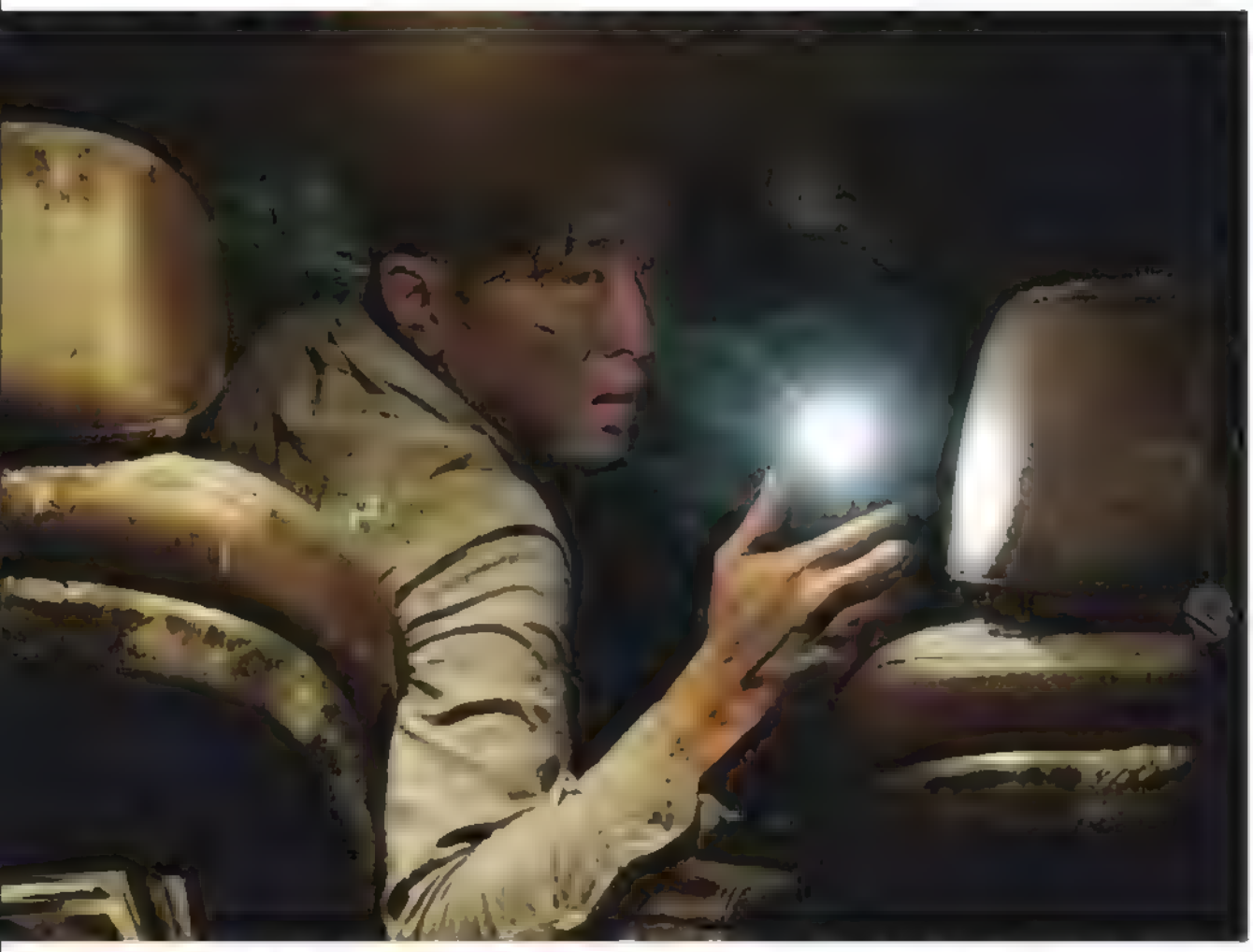
■ No início de *Crônica de uma Morte Anunciada*, uma carta anônima é deixada na casa de Santiago Nasar, prevenindo-o do risco iminente. Só foi encontrada quando o destinatário já não podia lê-la.

■ Anísio Teixeira, um dos cérebros mais poderosos da cultura brasileira, opôs-se frontalmente a Carlos Lacerda. Seu discípulo, Darcy Ribeiro, fiel à pioneira vocação performática, pôs a boca no trombone. Desafiou o Corvo para um debate público e angariou apoio na intelectualidade uspiana. O aditivo de Carlos Lacerda foi rechaçado.

■ O tradutor de Shakespeare foi derrotado. Mas a escola pública realmente venceu o duelo? A partir do golpe militar de 1964, principiou o sucateamento do ensino público, cujas consequências dramáticas são óbvias. Em quatro décadas, a escola pública foi praticamente destruída. Pois bem: o governo federal e alguns governos estaduais — o Rio de Janeiro e o Paraná na vanguarda do retrocesso — arriscam covardemente os primeiros passos para levar adiante idêntico projeto no ensino universitário. Mas, é claro, são todos homens honrados.

■ Esqueço a ironia: o projeto de privatização é uma vergonha! Façam as contas: a Uerj tem aproximadamente 35 000 alunos. Ora, cobrar mensalidades desse Maracanã de estudantes renderá mais recursos escusos do que a própria "reforma" do estádio. Multiplique o cálculo pelos milhões de alunos de todas as universidades públicas. Trata-se da mais escandalosa crônica da corrupção anunciada da história política brasileira.

■ A Uerj está viva. Cada aula ministrada, apesar de tudo, é uma carta endereçada à sociedade. E, ao contrário da tragédia de Santiago Nasar, sua mensagem tem sido lida e reproduzida em voz alta. Os governantes de plantão não contavam com a nossa astúcia. As cartas estão na mesa. Vamos virar o jogo e vencer essa partida? ■



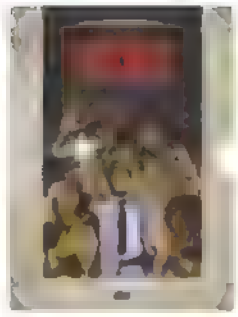
DVD *O Túnel*: homenagem sul-coreana a um clássico de Billy Wilder

DVD

O TÚNEL

(Teo-Neol, Coreia do Sul, 2016. Califórnia)

Jung-Soo (Jung-Woo Ha) dirige tranquilo na estrada quase vazia, com a única preocupação de não se atrasar demais para a festinha de aniversário da filha. Em uma fração de segundo, tudo terá mudado: o mundo desaba sobre ele — ou, melhor dizendo, o túnel recém-inaugurado que ele atravessava em seu automóvel. Sem nenhum ferimento grave, mas confinado por toneladas de escombros, imprensado entre as ferragens do carro e atordoado, Jung-Soo ainda não percebeu como é extrema a sua situação. Pelo celular (cuja bateria ele tem de economizar), descobre que nem os engenheiros sabem precisar em que ponto do túnel ele está preso. Um bolo de aniversário e duas garrafas de água é tudo o que ele tem para suportar a espera por socorro — que, como ele lentamente se dá conta, pode se estender por dias ou mesmo semanas, e talvez resulte infrutífera. Do contraste entre a solidão enlouquecedora do protagonista no interior do túnel e a confusão de autoridades, policiais, repórteres e curiosos que se forma do lado de fora, o diretor Seong-Hun Kim produz mais um exemplar da vitalidade e da imensa criatividade do cinema sul-coreano, que nesta semana está em evidência também com *Okja (leia resenha na pág. 94)*, da Netflix. Quando um envolvido na tentativa de resgate morre, o dilema se agrava: seria justo prosseguir na busca e talvez perder outras vidas, quando o próprio Jung-Soo talvez já tenha sucumbido? Combinando sátira e drama com fluência, Kim homenageia em enredo e tom o clássico *A Montanha dos Sete Abutres*, que Billy Wilder dirigiu em 1951.



DVD

KOLCHAK E OS DEMÔNIOS DA NOITE

(Kolchak: The Night Stalker, Estados Unidos, 1974. Vinyx)

Carl Kolchak (Darren McGavin) é um repórter esfarrapado de uma agência de notícias de Chicago que diariamente sai em busca de reportagens sobre assassinatos e massacres. O problema: por trás desses acontecimentos há sempre monstros como vampiros e zumbis. Exibida na TV americana nos anos 70, *Kolchak* foi um fracasso: durou só uma temporada. Mas virou objeto de culto e influenciou outras produções que lidam com o sobrenatural. Chris Carter, criador de *Arquivo X*, nunca escondeu sua admiração pelo ancestral cult, a ponto de escalar McGavin para um papel importante na série exibida entre 1993 e 2002. Outra marca de *Kolchak* é a música-tema, do jazzista Gil Mellé (1931-2004). Composta enquanto Mellé assistia à gravação da abertura do programa, ela passa do jazz assobiável ao climão claustrofóbico em questão de segundos.

DVD *Kolchak*: ancestral de *Arquivo X*

DISCO Booker: soul de pegada punk

DISCO
WITNESS, **de Benjamin Booker (ATO Records; disponível nas plataformas de streaming)**

Cantor e guitarrista de Nova Orleans, Booker já foi definido como o encontro de Otis Redding (um dos maiores soulmen dos anos 60) com uma banda de punk rock. Faz sentido. Embora tenha o canto rasgado típico dos intérpretes da soul music, Booker opta por revestir suas melodias de arranjos "sujos" e guitarras distorcidas. O processo de composição de *Witness*, seu segundo disco, iniciou-se com uma viagem ao México. Mas ele acabou sendo mais impactado pela comoção social e política no país às vésperas da eleição de Donald Trump e pela proposta do hoje presidente americano de construir um muro para separar os Estados Unidos do México. No punhado de ótimas músicas criadas sob esse impacto, *All Was Well* é a que faz referência direta ao muro. Mas Booker está longe de ser monotemático. Fala sobre racismo na faixa-título, que tem participação de Mavis Staples, figura lendária do soul. Em *Overtime e Believe*, o tema é a fé. Menos retrô que no disco de estreia, de 2014, ele agora se vale até de batida eletrônica na ótima *Right on You*. ■

BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR E ASSISTA A TRAILER DO FILME E DA SÉRIE E OUÇA O ÁLBUM

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1	**OUTROS JEITOS DE USAR A BOCA** Rupi Kaur	[3 | 13] PLANETA
2	**O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA** Augusto Cury	[2 | 35] SEXTANTE
3	**A CABANA** William Young	[1 | 176ª] SEXTANTE
4	**DEPOIS DE VOCÊ** Jojo Moyes	[4 | 69ª] INTRÍNSECA
5	**DEUSES AMERICANOS** Neil Gaiman	[R | 5] INTRÍNSECA
6	**GREY** E.L. James	[0 | 59ª] INTRÍNSECA
7	**COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ** Jojo Moyes	[5 | 72ª] INTRÍNSECA
8	**MITOLOGIA NÓRDICA** Neil Gaiman	[6 | 15] INTRÍNSECA
9	**QUATRO VIDAS DE UM CACHORRO** W. Bruce Cameron	[7 | 31] HARPERCOLLINS BRASIL
10	**DOIS A DOIS** Nicholas Sparks	[9 | 13] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO

1	**SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari	[2 | 34ª] L&PM
2	**RITA LEE: UMA AUTOBIOGRAFIA** Rita Lee	[1 | 32] GLOBO
3	**PRISIONEIRAS** Drauzio Varella	[4 | 7] COMPANHIA DAS LETRAS
4	**DO ZERO AO MILHÃO** Carlos Wizard Martins	[3 | 3] BUZZ
5	**TODOS CONTRA TODOS - O ÓDIO NOSSO DE CADA DIA** Leandro Karnal	[10 | 2] LEYA
6	**AMÉRICA DO SUL SOBRE RODAS - RELATOS, GUIA E DICAS** Amancio Richter, Max Ferrandini	[0 | 1] NOVO CONCEITO
7	**HEBE: A BIOGRAFIA** Artur Xexéo	[5 | 8] BEST SELLER
8	**HOMO DEUS** Yuval Noah Harari	[9 | 24ª] COMPANHIA DAS LETRAS
9	**O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank	[7 | 153ª] RECORD
10	**NA MINHA PELE** Lázaro Ramos	[O | 1] OBJETIVA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

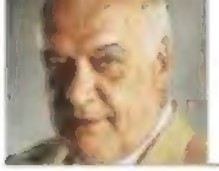
1	**BATALHA ESPIRITUAL** Pe. Reginaldo Manzotti	[1 | 18] PETRA
2	**O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira	[2 | 80ª] GENTE
3	**PROPÓSITO** Sri Prem Baba	[4 | 28ª] SEXTANTE
4	**COMO VENCER GIGANTES - AS LIÇÕES BÍBLICAS DA LUTA ENTRE DAVI E GOLIAS** W. Douglas Finkbeiner	[3 | 3] SEXTANTE
5	**ANSIEDADE** Augusto Cury	[8 | 177ª] SARAIVA
6	**O PODER DO AGORA** Eckhart Tolle	[6 | 354ª] SEXTANTE
7	**POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?** Mario Sergio Cortella	[5 | 45] PLANETA
8	**VIVER EM PAZ PARA MORRER EM PAZ** Mario Sergio Cortella	[9 | 2] PLANETA
9	**MINUTOS DE SABEDORIA** Carlos Torres Pastorino	[10 | 20ª] VOZES
10	**O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg	[O | 76ª] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1	**O MUNDO DE LARISSA MANOELA** Larissa Manoela	[1 | 6] HARPERCOLLINS BRASIL
2	**EXTRAORDINÁRIO** R.J. Palacio	[2 | 164ª] INTRÍNSECA
3	**A CULPA É DAS ESTRELAS** John Green	[6 | 183ª] INTRÍNSECA
4	**OS 13 PORQUÊS** Jay Asher	[4 | 14] ÁTICA
5	**HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling	[O | 142ª] ROCCO
6	**O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry	[O | 173ª] VÁRIAS EDITORAS
7	**VOCÊ SABIA? + DE 400 COISAS QUE VOCÊ DEVERIA SABER** Danni Main, Lukas Marques	[O | 1] OUTRO PLANETA
8	**A BELA E A FERA** Elizabeth Rudnick	[7 | 15] UNIVERSO DOS LIVROS
9	**AUTHENTIC GAMES - A BATALHA CONTRA ENDER DRAGON** Marco Túlio	[9 | 13ª] ALTO ASTRAL
10	**OS CONTOS DE BEEDLE, O BARDO** J.K. Rowling	[3 | 11ª] ROCCO

Fontes: **Balneário Camboriú:** Livrarias Catarinenses; **Belém:** Laselva; **Belo Horizonte:** Fnac, Laselva, Leitura; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Livrarias Catarinenses; **Brasília:** Cultura, Fnac, Laselva, Leitura, Nobel, Saraiva; **Campinas:** Cultura, Fnac, Laselva, Leitura; **Campo Grande:** Leitura; **Caxias do Sul:** Saraiva; **Curitiba:** Fnac, Laselva, Livrarias Curitiba, Saraiva; **Florianópolis:** Laselva, Livrarias Catarinense, Saraiva; **Fortaleza:** Cultura, Laselva, Saraiva; **Foz do Iguaçu:** Laselva; **Goiânia:** Fnac, Leitura, Saraiva; **Governador Valadares:** Leitura; **Guarulhos:** Fnac; **Ipatinga:** Leitura; **João Pessoa:** Leitura, Saraiva; **Joinville:** Livrarias Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura; **Londrina:** Livrarias Curitiba; **Maceió:** Laselva; **Magé das Cruzes:** Saraiva; **Maringá:** Laselva; **Petrópolis:** Nobel; **Pinacatuba:** Nobel; **Porto Alegre:** Cameron, Cultura, Fnac, Saraiva; **Recife:** Cultura, Laselva, Saraiva; **Ribeirão Preto:** Fnac, Paraler, Saraiva; **Rio de Janeiro:** Argumento, Fnac, Laselva, Saraiva, Travessa; **Salvador:** Saraiva; **Santa Bárbara d'Oeste:** Nobel; **Santo André:** Saraiva; **Santos:** Saraiva; **São Paulo:** Cultura, Fnac, Laselva, Livraria da Vila, Livrarias Curitiba, Martins Fontes, Nobel, Saraiva; **Sorocaba:** Saraiva; **Vila Velha:** Saraiva; **Vitória:** Laselva, Leitura; **Internet:** Cultura, Fnac, Laselva, Leitura, Nobel, Saraiva, Submarino

[4]ª - A) posição do livro na semana anterior B) há quantas semanas o livro aparece na lista 4) semanas não consecutivas



J.R. GUZZO

PSICOTESTE

A REQUISITADA FIRMA de advogados Dodson & Fogg, na verdade uma dupla de escroques que fornece alguns dos melhores momentos do primeiro livro de Charles Dickens, *The Pickwick Papers*, tinha um princípio profissional acima de qualquer outro, em sua atuação no baixo mundo judiciário de Londres. "As alegações feitas por nosso cliente podem ser verdadeiras ou falsas", costumava dizer Mr. Dodson — que a exemplo de Mr. Fogg parecia ter quase tanta chance de acabar um dia na forca quanto os seus clientes mais infames. "Não faço a menor ideia se são uma coisa ou outra, e isso, aliás, não tem nenhuma importância. A única questão que nos interessa é a seguinte: vão acreditar em nós?" O tempo passa, o mundo gira, e eis aí o Brasil de hoje, essa potência moral que causa cada vez mais espanto na Terra e no resto do sistema solar, vivendo situações que poderiam perfeitamente estar presentes nas tenebrosas cortes de Justiça da Londres de 200 anos atrás. Ninguém está dizendo aqui, pelo amor de Deus, que os advogados do ex-presidente Lula, no momento de receber a sentença no primeiro dos seus múltiplos processos penais, tenham alguma coisa a ver com *messrs.* Dodson e Fogg — ou que o seu cliente tenha cometido algum crime. Mas o caso do ex-presidente, após toda a via-sacra do seu processo, dá ao público pagante a sensação de que o resumo da obra é o mesmo. "Provei a minha inocência", diz Lula, sem explicar por quê. Ou seja: não vamos agora ficar discutindo se é verdade, se não é, etc. e tal. Acreditem em mim.

Os dois mandatos de Lula na Presidência da República foram um monumento sem precedentes ao vício. Sua performance mais espetacular, como ficou demonstrado com dezenas de confissões públicas e provas materiais, foi a capacidade sem limites para roubar dinheiro público. Na Petrobras, privatizada diretamente para os amigos, a estimativa mais aceita é que o roubo tenha passado dos 40 bilhões de reais; conforme a maneira de calcular, fala-se em cifras de até 90 bilhões. Privatizaram, também para o usufruto pessoal da companheirada, a Eletrobras, a Nuclebrás, a Caixa Econômica Federal, o

O Brasil de hoje, essa potência moral que causa cada vez mais espanto na Terra

BNDES, ferrovias, rodovias e, de modo geral, qualquer estatal que pudesse ter alguma coisa passível de ser furtada. Roubaram com ânsia desesperada os fundos de pensão das empresas do governo. Roubaram merenda escolar, ambulâncias, quentinhas de presidiários. Roubaram pontes, linhas de transmissão de eletricidade, estádios de futebol inteiros. Roubaram até sangue humano. A respeito de todos esses fatos, Lula diz apenas que provou ser 100% inocente. Não participou de nada, não soube de nada e não desconfiou de nada em oito anos seguidos de governo — não admite nem mesmo que tenha tido a mínima responsabilidade por nada do que fizeram a um palmo da sua porta, ou menos ainda.

A maneira mais prática de explicar isso talvez seja a crença de Lula em que contra a fé não há fatos nem argumentos. Muita gente (e ele espera que essa gente seja a maioria dos brasileiros) não está interessada em entender, pensar ou se informar — só está interessada em acreditar. É a mesma esperança que quase todo político brasileiro tem para sobreviver às consequências de seus atos. Fazem barbaridades, perante o Código Penal e as regras mais elementares de conduta, absolutamente notáveis pela sua estupidez — e ficam esperando que ninguém ache nada de errado. Como o presidente da República, por exemplo, pode se meter com esse Joesley Batista, o maior corruptor da história do Brasil? Nem um guarda-noturno receberia o homem; Michel Temer até agora acha que está tudo bem. O senador Aécio Neves, que poderia estar em seu lugar, deixa-se gravar ao telefone implorando 2 milhões de reais em dinheiro vivo da mesma figura. O complexo Renan-Jucá-Padilha-Moreira-Geddel-etc. continua em plena atividade. Os ministros Roberto Barroso, Gilmar Mendes, Luiz Fux e outros colossos da nossa suprema magistratura governam o país como se isso fosse legal. O que há com essa gente? Obviamente, algo deu imensamente errado com todos eles. O melhor talvez seja seguir a excelente sugestão do escritor português João Pereira Coutinho em artigo recente na *Folha de S.Paulo:* obrigar ocupantes de cargos políticos a fazer exames psicológicos e neurológicos antes de assumir — mais ou menos como o psicoteste para motoristas de ônibus, por exemplo. A ciência, ao que parece, está a ponto de provar que o poder provoca algum tipo de lesão no cérebro. Quem, dos nomes acima e centenas de outros iguais, passaria no exame? ■

LOVE MORE

Carmim

carminbrasil

5511 5085 4455

FIAT

ARGO

VOCÊ NÃO DIRIGE. VOCÊ SENTE.

Central Multimídia 7"
Motores 1.8, 1.3 e 1.0
Câmbio automático de 6 velocidades
Retrovisor multitarefa
Computador de bordo 7"
Keyless Entry'N'Go
Câmera de ré

ARGO.FIAT.COM.BR

IBAMA PROGRAMA HOMOLOGAR

3 ANOS DE GARANTIA

MONTE SEU CARRO

Pela vida. Escolha o trânsito seguro. SAC 0800 707 1000 / 0800 282 1001

Nova garantia Fiat de 3 anos. Para usufruir dessa garantia, é obrigatória a realização das Revisões Programadas. O prazo de garantia oferecido já inclui os 90 dias da garantia legal. Para mais informações, consulte os manuais de Garantia e de Uso e Manutenção. Imagem meramente ilustrativa, com alguns itens opcionais

100